



COMPENDIO
PARA O ENSINO DOS
SURDOS-MUDOS

SÉRIE HISTÓRICA
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
2012 – VOLUME 3

Compendio para o ensino dos surdos-mudos

Série Histórica

Instituto Nacional de Educação de Surdos

2012 – Volume 3

iSBn 978-85-63240-04-0

Compendio para o ensino dos surdos-mudos

Instituto Nacional de Educação de Surdos

Comissão Editorial

Rua das Laranjeiras, nº 232 – 3º andar

Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-003

Telefax: (0xx21) 2285-7284 / 2205-0224

E-mail: editorialines@ines.gov.br

GOVERNO DO BRASIL
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Dilma Vana Rousseff

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Aloizio Mercadante

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
Solange Maria da Rocha

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, CIENTÍFICO E
TECNOLÓGICO
Maria Inês Batista Barbosa Ramos

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS
Mônica Azevedo de Carvalho Campello

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Elaine da Rocha Baptista

EDIÇÃO
Instituto Nacional de Educação de Surdos — INES
Rio de Janeiro — Brasil

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO
I Graficci Comunicação e Design

GLOSSÁRIO
Luiz Claudio Valente Walker de Medeiros

REVISÃO
Anna Carolina Guimarães

IMPRESSÃO
Walprint

TIRAGEM
3.000 exemplares

Apresentação

Fundado no século XIX, na Corte, no Rio de Janeiro, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos produziu uma série de publicações com a finalidade de atender educacionalmente alunos surdos de outras províncias do Império brasileiro. Essas publicações compõem um importante registro da educação pública no Brasil.

Desse modo inauguramos uma série histórica reproduzindo importantes obras raras que fazem parte do acervo de nossa biblioteca. Anualmente serão publicadas duas obras de relevância para a pesquisa histórica.

No ano de 2011, os volumes I e II correspondem respectivamente a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de 1875, e as *Atas do Congresso de Milão*, de 1980.

No ano de 2012, os volumes III e IV correspondem respectivamente ao *Compendio Para Ensino dos Surdos-Mudos*, de 1881 e *Abade Sicard*, de 1873.

Volume III – Compendio Para o Ensino dos Surdos-Mudos/1881

Em 1881, um ano após o Congresso realizado em Milão, Tobias Leite, então Diretor do Instituto manda publicar, já em terceira edição, o *Compendio para o Ensino dos Surdos-Mudos*,

tradução da obra do professor Vallade Gabel, do Instituto de Surdos da França.

O livro é dividido em duas partes, sendo a primeira teórica em forma de perguntas e respostas e a segunda prática em forma de lições. Uma das interrogações feitas logo no início do livro era de quais os meios que se podem empregar para ser compreendido pelo surdo-mudo. A resposta em tom diferenciado diz que com os surdos sem instrução usam-se fatos materiais, desenhos e linguagem natural dos sinais. Com os surdos instruídos usam-se a palavra artificial (expressão oral), o alfabeto manual e a escrita. Essa obra, referência durante muitas décadas nos institutos de surdos, apresenta-se como leitura obrigatória para que possamos compreender o debate travado sobre a educação de surdos nos séculos XVIII e XIX.

Volume IV – Abade Sicard/1873

O livro em questão é uma biografia do Abade Sicard, primeiro diretor do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris, escrita por Ferdinand Berthier, surdo, professor do mesmo Instituto. Também contém duas pequenas biografias dos célebres professores surdos Jean Massieu e Laurent Clerc.

Trata-se de uma importante obra que revela o esforço de Berthier para deixar registrado o trabalho de figuras importantes da educação de surdos da França.


























Entramos em contato nessa narrativa com os desafios trazidos pela Revolução Francesa no cotidiano dos cidadãos. Acusado de contrarrevolucionário, perseguido politicamente, Sicard quase foi executado em 1872. Foi salvo pela interferência de alunos surdos que destacaram a importância de seu trabalho.

Dentre outros registros, esse trabalho nos informa das presenças de Napoleão e sua esposa Josefina na apresentação teatral sobre a vida do Abbé de L'Épée e a visita do Papa Pio VII ao Instituto dirigido por Sicard.

Configura-se obra de relevância para que possamos compreender os meandros do período revolucionário na França e suas implicações na educação de surdos.

DACTILOLOGIA

ALPHABETO MANUAL DOS SURDOS-MUDOS

A 	B 	C 	D 	E 
F 	G 	H 	I 	J 
K 	L 	M 	N 	O 
P 	Q 	R 	S 	T 
U 	V 	X 	Y 	Z 

COMPENDIO

PARA O ENSINO DOS

SURDOS-MUDOS

3ª edição

PUBLICADA POR ORDEM DO

Barão Homem de Mello

Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE H. LAEMMERT & C.

71, Rua dos Invalidos, 71

—
1881

COMPENDIO

PARA O ENSINO DOS

SURDOS-MUDOS

AO LEITOR

Não havendo livro algum em portuguez para o ensino dos surdos-mudos, publiquei em 1871 as *Lições de Linguagem Escripta*, extrahidas do *Methode pour enseigner aux surds-muets*, do venerando professor J. J. Vallade Gabel.

Não se acreditando então na proficuidade do ensino aos surdos-mudos, offereci 500 exemplares das Lições aos presidentes das provincias de Minas, S. Paulo, Paraná e Goyaz, para serem distribuidos pelos professores primarios dos logares em que houvesse maior numero de surdos-mudos.

Em 1874, estando esgotada a edição de minha propriedade, o ministro do imperio, conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira,

a quem o Instituto deve a organização que o levou ao estado prospero em que se acha, mandou publicar a expensas do thesouro a segunda edição para satisfazer aos pedidos do livro que affluiu de todos os pontos do Imperio.

O actual ministro do imperio, Barão Homem de Mello, sabendo que a segunda edição tambem estava esgotada, ordenou-me que publicasse terceira.

Para melhor corresponder á particular solicitude, que S. Ex. tem manifestado por diversos actos, pela educação dos surdos-mudos, entendi conveniente reunir á parte pratica, que foi publicada nas duas primeiras edições com o titulo de *Lições de Linguagem Escripta* —a parte theorica, que tambem a expensas minhas publiquei em 1874 com o titulo de *Guia para os Professores Primarios*, e addicionei-lhe as lições de arithmetica e metrologia do respectivo professor do Instituto, formando assim um compendio.

Nobias Leite

AOS PROFESSORES

É preceito corrente da pedagogia que o professor deve conhecer seu discípulo, estudando-lhe o temperamento, o genio, o caracter, e até os costumes adquiridos na vida domestica.

O professor do surdo-mudo, antes deste estudo, deve saber distinguir as especies de surdo-mudez, para poder regular os meios que tem de empregar para o bom exito de sua difficil tarefa.

Ha duas especies de surdo-mudez : congenita e accidental.

Não interessa ao professor conhecer a fundo as causas physicas que as determinarão, basta-lhe saber que a primeira é devida

a faltas no organismo, e que a segunda é consequencia de accidentes sobrevindos na occasião do nascer, ou no decurso dos 10 ou 12 primeiros annos de idade.

O surdo-mudo congenito tem a face pallida, a physionomia morta, o olhar fixo, a caixa toraxica deprimida, movimentos lentos e o caminhar tropego e oscillante, é excessivamente tímido e desconfiado.

Além destes signaes ha um que lhe é peculiar: certo ruido, ou especie de gemido que inconscientemente deixa ouvir quando come ou faz qualquer cousa que exija esforço physico ou intellectual, ou que lhe cause satisfação.

Destes surdos-mudos as melhores estatisticas têm verificado que só 15 % têm intelligencia sufficiente para as letras.

Muitos surdos-mudos são considerados congenitos por seus pais, fundando-se no facto de nunca terem ouvido; mas, por um exame attento verifica-se logo que sua surdo-mudez é devida a' accidentes que se derão na occasião do nascimento, ou poucos dias depois, e que passarão desapercibidos ou fôrão desprezados por não interessarem á vida do recém-nascido.

E o numero destes é maior do que geralmente se pensa.

O surdo-mudo accidental, ainda mesmo que lhe falte o extrabismo, e a hemiplegia mais ou menos sensivel, facilmente se reconhece pela face, successivamente ora corada, ora pallida, pelos olhos vivos, o olhar rapido e movel, physionomia alegre, curiosidade excessiva, character susceptivel, e nimiammente violento.

Destes surdos-mudos 65 % têm intelligencia igual a dos fallantes, maior ou menor, prompta ou tarda.

Conhecida a especie de surdo-mudez, com a delicadeza e discrição necessarias, deve o professor procurar informar-se do modo por que o surdo-mudo foi tratado na familia, para levantar o moral do que tiver sido leyado pelo abandono até o desprezo de si mesmo, e para corrigir os excessos caprichosos dos que pela condolencia dos pais chegarão quasi ao estado de ferocidade.

Feitos estes estudos, o professor reconhecerá logo que deve tomar por base de seus esforços o estimulo para a natureza semi-morta do surdo-mudo congenito, e a mitigação para

a natureza fervente e explosiva do surdo-mudo accidental.

No emprego dos meios que a sua intelligencia e bôa vontade suggerirem para estimular ou mitigar, ha uma condição essencial.

Essa condição é a confiança. Sem que o professor consiga inspirar a seu discipulo surdo-mudo solida confiança de que só procura o seu bem-estar, inuteis, senão funestos, serão todos os seus esforços.

E para conseguir essa confiança, que se traduz logo em cega affeição, só ha um meio, a — amizade, manifestada racionalmente por todos os meios e em todas as occasiões.

Captada a confiança do surdo-mudo, o professor terá nas suas mãos um discipulo tão docil como é ductil a cera, ao qual, com o calor do carinho, poderá dar a fórma que lhe indicarem a sua sabedoria e os sentimentos do seu coração.

Para proseguir, portanto, facil e proficuamente na nobre tarefa de restituir á sociedade um membro que a natureza ou os accidentes della desviarão, não carecerá mais

que seguir fielmente os preceitos e copiar os modelos deste compendio, em cujo frontespicio seu autor, o venerando professor J. J. Vallade Gabel, gravou as seguintes palavras, que o verdadeiro professor deve trazer sempre em lembrança :

« Os maiores obstaculos que se encontram na educação dos surdos-mudos não procedem da enfermidade desses pobres meninos, nem do abandono em que terão vivido, e não provêm também das formulas singulares que os signaes mimicos dão ao pensamento, nem da fraqueza de suas faculdades intellectuaes; não hesito em dizê-lo: estes obstaculos, reputados quasi invenciveis, procedem de nós professores; é a tradição das falsas doutrinas, é a nossa preguiça que os levantão; nós não sabemos fazer-nos pequenos com os pequenos, simples com os simples, só queremos mostrar sciencia quando apenas é necessario o bom senso; queremos levar a luz á intelligencia do menino antes de termos esclarecido sufficientemente a nossa. »

Reconheci estas verdades todas as vezes que no desempenho dos meus deveres tive de subir dos effeitos ás causas, e em vez de

desanimar, redobrei de esforços, e enchi-me de novo ardor para o desempenho da obra de caridade, para a qual peço o concurso de todos os professores primarios.

Jolias Leite

PARTE THEORICA

PARTE THEORICA

CAPITULO I

Generalidades

Pergunta. O que communmente se chama surdo-mudo ?

Resposta. Chamão-se surdos-mudos os que nascêrão inteiramente surdos, e os que desde seus primeiros annos fôrão victimas de surdez mais ou menos completa.

P. Todos os surdos-mudos são completamente surdos ?

R. Não, ha alguns que ouvem tanto quanto os velhos, que pouco ouvem.

P. Como ? ha meninos que são capazes de ouvir e de fallar, e que não obstantê são surdos-mudos ?

R. Por pouco que aaudição esteja alterada, escutar para elles é penoso; então esmorecem, olhão apenas e não se esforção para escutar, e assim contrahem o funesto habito de exprimirem por signaes suas idéas.

P. Póde-se ficar mudo depois de ter tido a faculdade de fallar ?

R. Certamente, encontram-se muitos mudos que perdêrão a faculdade de fallar aos 6, 8, e mesmo aos 10 e 12 annos de idade.

P. A surdez é a unica causa da mudez ?

R. Não, o idiotismo, a imbecilidade, e algumas vezes, muito raras, é verdade, os defeitos de conformação dos órgãos vocaes são causas da mudez.

P. Os meninos surdos de nascimento, ou por accidentes nos primeiros annos, são privados da faculdade de pensar ?

R. Não ; se o fôsem, a instrucção delles seria impossivel, e ninguem ignora que muitos surdos-mudos têm conseguido escrever a lingua do seu paiz com uma exactidão de idéas e correcção notaveis.

P. Póde-se ensinar a fallar aos meninos completamente surdos de nascimento ?

R. Sim ; mas o ensino da palavra a esses meninos exige muito tempo e muito trabalho ; tarefa que, sendo muito penosa para o professor, e não tendo nenhum attractivo para o menino, nunca produz senão resultados imperfeitos.

P. Por que meios se deve educar o verdadeiro surdo-mudo ?

R. Sua primeira educação deve-se fazer na família, e se faz necessariamente por meio da linguagem natural dos signaes.

P. E sua educação nas escolas ?

R. Se se trata sómente de civilisar o surdo-mudo, e de fazer conhecer os principaes deveres do homem para com Deus, para com a sociedade e para consigo mesmo, a linguagem natural dos signaes póde bastar. Mas, se se lhe quer dar uma instrucção mais solida, ensinando-se-lhe a lingua materna, para que possa entender-se com as pessoas illustradas, e para estender seus conhecimentos pela leitura, é preciso apoiar sua instrucção principalmente na escripta e na dactylologia esclarecida pela intuição.

P. O que significa a palavra *intuição* ?

R. Em pedagogia significa o conhecimento directo das cousas pela vista, pelo tacto e pelos outros sentidos.

P. Será verdade, como crêm muitos, que o surdo-mudo de nascimento é mais intelligente do que os outros meninos ?

R. A perda de um sentido não póde ser motivo de superioridade. Isto é tão certo

quanto é o facto de serem os meninos surdos de nascimento sempre inferiores nas classes aos que ficarão surdos depois de haver fallado.

P. Donde provém isso?

R. Provém de que a palavra provoca, sustenta e dirige as faculdades intellectuaes melhor do que qualquer outro meio de comunicação.

P. Portanto os meninos que nada ouvem não são distrahidos como os outros?

R. Se não são distrahidos, como os outros, pelos ruidos que se fazem em roda delles, o são pela curiosidade que raras vezes é satisfeita; e o são ainda pelas difficuldades que elles encontram em proseguir no desenvolvimento de suas idéas.

P. Os surdos-mudos são, portanto, menos intelligentes do que os que fallão?

R. Naturalmente, a intelligencia de uns é igual á dos outros; mas, emquanto que as faculdades dos que fallão se desenvolvem e fortificação com as relações incessantes da sociedade, as faculdades dos surdos-mudos se entorpecem, e degenerão no isolamento, a ponto de que o abbade Sicard, illudido pelas apparencias, os considerava abaixo dos brutos.

P. O surdo-mudo tem o sentimento moral?

R. Sem duvida alguma, pois que distinguem o verdadeiro do falso, o bem do mal, e revoltão-se com a injustiça ; mas a razão inculta perverte-lhe muitas vezes o sentimento moral.

P. O que ha de particular no caracter do surdo-mudo ?

R. Aos 10 ou 11 annos de idade o caracter do surdo-mudo não está mais manifesto do que o do menino que falla aos 4 ou 5 annos ; são timidos e inquietos, sombrios e desconfiados, algumas vezes irasciveis e violentos ; qualidades devidas ao abandono em que de ordinario vivem, e ás difficuldades que soffrem de comprehender e de se fazerem comprehender. (a)

P. É verdade que elles são inconstantes e superficiaes ?

R. Desde que a surdo-mudez prolonga a duração da infancia, é natural que os surdos-mudos sejam por mais tempo inconstantes e

(a) A irascibilidade dos surdos-mudos é devida principalmente á excessiva condolencia que o seu estado inspira a seus pais, de fórma que, nunca os contrariando nos desejos e actos de criança, os deixão crescer cheios de caprichos e de máos habitos.

O abandono em que crescem os surdos-mudos filhos de pais incultos, e indifferentes a sorte de sua prole, imprime-lhes a timidez e a desconfiança, e, em muitos, sentimentos e costumes abjectos.

superficiaes; mas esses defeitos desaparecem á proporção que a vontade se fortifica, e que a razão se desenvolve pela experiencia e pela reflexão.

P. O surdo-mudo é notavel por alguma disposição particular?

R. São muito inclinados a imitar tudo que vêem fazer, de fórma que os bons exemplos lhe são muito uteis, e os máos lhe são mais funestos do que aos que fallão.

P. São applicados?

R. O sentimento que elles têm de sua inferioridade lhes inspira um grande desejo de instruir-se, e dão provas de sua applicação, se os mestres sabem tirar todo o proveito de suas forças intellectuaes, e dos conhecimentos que elles têm adquirido.

P. São mais aptos do que os que fallão para certos trabalhos?

R. Elles distinguem-se mais do que os que fallão nos trabalhos que dependem da vista; é assim, por exemplo, que aprendem com facilidade a traçar todas as especies de caracteres e a desenhar.

P. A que fim se pretende chegar mandando um surdo-mudo á escola primaria?

R. Em primeiro lugar, tira-los do

isolamento, que faz tanto mal a seu desenvolvimento intellectual, como a propria enfermidade; depois, educa-los e começar sua instrucção.

P. Qual é a primeira condição a satisfazer para conseguir-se a educação do surdo-mudo?

R. É estima-lo, e dar-lhe signaes de affeição. Por outro modo não se poderia obter d'elle confiança, nem dominar sua indole selvagem.

P. Em que consiste a educação que é indispensavel ao surdo-mudo, e que a sociedade lhe deve ?

R. Em tudo que constitue a educação que de suas mãis recebem os que fallão, isto é, nos habitos de asseio, de decencia, de ordem, de obediencia, e de respeito assim como na cultura das faculdades intellectuaes e moraes pela pratica da linguagem.

P. Compreendo muito bem a acção, a influencia que o professor póde exercer sobre o espirito e o coração do surdo-mudo, desde que consegue fazê-lo adquirir os primeiros elementos da lingua escripta ; existe então para o mestre e para o discipulo um terreno commum ; mas como é que o mestre

poderá começar a pôr-se em relação com o surdo-mudo, e a lhe dar essas noções elementares de moral de que acabais de fallar?

R. Todo o surdo-mudo inventa, para exprimir suas idéas e suas necessidades, signaes naturaes, que são comprehendidos sem difficuldade pelos que com elles convivem. Estes signaes se desenvolvem e se aperfeiçoão, á medida que se achão em relação com outros meninos de sua idade e com pessoas instruidas; o professor, pois, não terá difficuldade em comprehender esses signaes, e servir-se delles para exercer sobre o surdo-mudo uma grande influencia moral, muito antes que elle esteja em estado de comprehender o portuguez e de exprimir-se nesta lingua.

P. O estudo da linguagem dos signaes e as lições aos surdos-mudos não desviarão o professor de seus deveres para com a sua aula?

R. Não; sem desprezar nenhum dos seus deveres, o professor se iniciará pouco a pouco na linguagem natural dos signaes; bastará observar nos recreios como o surdo-mudo se communica com os outros meninos

da sua idade; e, quanto ás lições da lingua, ellas serão dadas antes ou depois das horas da aula.

P. O surdo-mudo não toma parte em nenhuma das lições dos outros alumnos?

R. Sim, poderá escrever e desenhar com elles; depois, durante as lições a que fôr estranho, elle estudará só no livro— *A palavra e a imagem*. (b)

(b) *A palavra e a imagem* é uma collecção de gravuras representando cousas, factos e idéas, umas sem inscripção alguma, e outras com inscripções pelo lado opposto da folha em que estão impressas para exercitar a memória do surdo-mudo. Ha innumerables obras deste genero em todas as linguas dos paizes em que a gravura é barata. Em portuguez não ha nenhuma.

CAPITULO II

Dos differentes meios em uso para ser comprehendido pelo surdo-mudo

P. Quaes são os meios que se podem empregar para ser comprehendido pelo surdo-mudo ?

R. Com os surdos-mudos sem instrucção usa-se dos factos materiaes, do desenho e da linguagem natural dos signaes. Com os surdos-mudos instruidos usa-se da palavra artificial, do alphabeto manual e da escripta.

Da linguagem dos factos

P. Pensais que o surdo-mudo comprehende os factos materiaes ?

R. Certamente. Elles os comprehendem por virtude de sua constituição moral. Nem

poderia acontecer o contrario, quando os proprios animaes, dentro de certos limites, comprehendem taes factos. Se apresento ao cão um pedaço de pão, elle se aproxima de mim ; se lhe mostro um chicote, elle foge.

P. Os factos materiaes constituem uma especie de linguagem ?

R. Sim ; se levo um fructo á boca de um surdo-mudo, este, em virtude da razão de que é dotado, comprehende necessariamente que desejo que elle coma. Se abre a boca, e come o fructo, é evidente que o aceitou. Se conserva a boca fechada e volta a cabeça, é tambem evidente que o recusa. Eu o tenho, portanto, comprehendido, sem que elle me tenha dito uma palavra, nem sequer feito um signal.

Os factos materiaes constituem, pois, uma linguagem muito limitada, é verdade, mas que tem significação.

P. Esta linguagem tem alguma utilidade?

R. Certamente, porque é por ella que nós somos iniciados, primeiro na intelligencia, e depois na pratica da lingua materna.

P. Fazei sensivel por um exemplo a

maneira pela qual a linguagem dos factos dá intelligencia das linguas instituidas?

R. Quando na presença de um menino, que não sabe ainda fallar, a mãe chama outro menino, Paulo, por exemplo, e que este volta a cabeça; quando ella lhe diz que venha e Paulo vem; quando ella manda fechar a porta e Paulo fecha; manda abraçar e elle abraça, o menino, que não falla, liga em seu pensamento as palavras pronunciadas pela mãe: *Paulo, vem, fecha a porta, abraça-me*, com os factos successivos de que elle tem sido testemunha.

P. Compreendo. Mas como a linguagem dos factos poderia servir para iniciar o menino privado da audição na intelligencia da lingua materna?

R. Servirá para o surdo-mudo, assim como para os que fallão, se, em logar de serem transmittidas pela palavra, as ordens fôrem transmittidas pela escripta, e se estas ordens escriptas fôrem vistas e observadas ao mesmo tempo que executadas as acções correspondentes.

P. Como se terá certeza de que o surdo-mudo comprehendeu as ordens dadas em sua presença?

R. Disso se terá certeza quando, dando-se-lhe por escripto essas ordens ou esses convites, se vê elles cumpri-las ou aceita-las.

P. Não seria melhor explicar-lhes por signaes o valor de cada palavra empregada na ordem, ou no convite?

R. Não, por muitas razões: a primeira é que um grande numero de signaes naturaes perdem sua significação na linguagem dos factos; a segunda é que nunca se sabe bem as linguas que se têm aprendido por traducção; a terceira é que a intelligencia do surdo-mudo deve ser cultivada como a do que falla; a quarta, emfim, é que, procedendo-se por outro modo, o surdo-mudo não chegaria a pensar por meio de palavras escriptas, condição indispensavel para o bom proveito de sua instrucção.

Do desenho

P. O desenho é uma lingua?

R. Não; não é uma lingua propriamente dita, é o reflexo da linguagem dos factos, e

muito precioso, porque põe debaixo dos olhos as cousas que se conhecem, e facilita ao mestre as explicações e ao discipulo o estudo solitario.

Da linguagem dos signaes

P. Que entendeis por linguagem natural dos signaes?

R. É o conjuncto de signaes naturaes ou imitativos, e de signaes de convenção que os surdos-mudos inventão para exprimir seus pensamentos.

P. Os braços e as mãos são as unicas partes do corpo que contribuem activamente para a formação de signaes mimicos?

R. Não; o concurso do semblante é indispensavel. Sem o jogo da physionomia, que lhes dá a vida e o sentimento, os signaes seriam inintelligiveis.

P. Provai esta ultima asserção.

R. O homem mais habil em exprimir-se pela linguagem dos signaes deixa de ser comprehendido, desde que cobre o rosto com um véo.

P. Qual é o meio mais seguro de aprender a linguagem dos signaes?

R. É estudá-la no surdo-mudo.

P. O surdo-mudo exprime-se sempre correctamente?

R. A maior parte das vezes não; ora seus signaes são longos e diffusos, e muitas vezes repetidos. Outras vezes elle deixa na phrase mimica lacunas que a tornão inintelligivel.

P. Quaes são as condições necessarias para bem se exprimir por signaes?

R. São: bem comprehender a si mesmo; dar constantemente á physionomia a expressão conveniente; ponderar bem o pensamento que se quer exprimir; não precipitar os movimentos que o descrevem; emfim, separar quanto fôr possível os differentes signaes que fórmão a mesma phrase.

P. Como se marca o fim de um signal e o comêço de outro?

R. Fazendo entre elles uma pequena pausa, ou formando o signal subsequente em outro ponto do espaço.

P. Como se exprime a mudança do interlocutor no dialogo?

R. O surdo-mudo intelligente faz comprehender essa mudança collocando-se ora

á direita, ora á esquerda, occupando assim alternativamente o lugar em que elle suppõe as pessoas que põe em scena.

P. Por que é que os surdos-mudos sem instrucção, em vez de se exprimirem pela linguagem dos factos, se exprimem pela linguagem dos signaes ?

R. É porque a linguagem dos factos é muito limitada, porque as pessoas e as cousas, de que elles têm de tratar, não podem estar sempre á sua disposição, e porque elles têm consciencia dos factos, que não são nem exteriores nem sensiveis.

P. Quando é que um signal é natural ?

R. E quando póde ser comprehendido á primeira vista sem explicação. Se colloco as mãos á direita e á esquerda da testa, de fórma a representar os chifres de um boi, eu dou idéa desse animal; eu tenho feito um signal natural.

P. Dai um exemplo de signal natural de uma cousa que não póde ser apreciada pelo sentido.

R. A cólera, a vergonha são dous sentimentos internos que se não podem vêr nem tocar; mas a cólera se manifesta externamente pela expressão do olhar e pela

violencia dos movimentos ; a vergonha pelo abaixamento das palpebras, pelo rubor do rosto, e pela inclinação da cabeça. Portanto, quando manifesto a attitude e expressão de physionomia de um homem agitado pela cólera ou pela vergonha, todos comprehendem a idéa que eu quero exprimir.

P. Ha signaes para todas as idéas ?

R. Não, porque os signaes não sendo senão uma especie de desenho fugitivo e sem côr, animado pela expressão da physionomia, não podem pintar senão o que directa ou indirectamente cahe sob os sentidos.

P. Como se chamão os signaes que não são naturaes ?

R. Signaes convencionaes ou arbitrarios.

P. Dai um exemplo desses signaes.

R. Quando para dizer — *ainda não* — se bate duas ou tres vezes com a junta do dedo pollegar no queixo, se faz um signal puramente arbitrario, cujo sentido só o uso póde ensinar.

Do mesmo modo dous dedos dispostos em fórma de V na face significa *vinho*.

P. Os signaes arbitrarios são repugnados pelos surdos-mudos ?

R. Não, os surdos-mudos inventão grande numero desses signaes quando vivem em sociedade.

P. Convirá auxiliar a tendencia que o surdo-mudo tem para crear taes signaes?

R. Na educação particular do surdo-mudo é melhor habitua-lo a exprimir-se por palavras representadas pela dactylologia, do que por signaes arbitrarios.

P. Convem fazer sempre o mesmo signal para a mesma palavra?

R. O signal deve mudar com o sentido da palavra. Por exemplo: — eis o *fim* de meu livro — o signal que exprime — *fim* — se faz com a mão direita disposta em fórma de machado, que se eleva e se abaixa bruscamente sobre as extremidades dos dedos da mão esquerda; em Deus está o nosso unico *fim* — *fim* tem ahi o sentido de alvo, ou meta ou designio, e se exprime fixando os olhos sobre um ponto á certa altura diante de si, e depois dirigindo rapidamente o indicador sobre este mesmo ponto.

P. A mesma idéa deve ser sempre expressada pelos mesmos signaes?

R. Postó que a linguagem dos signaes não seja rica, ha meios de exprimir uma

só idéa por differentes signaes. Segundo a impressão que soffrem vendo, por exemplo, um elephante, os surdos-mudos exprimem a idéa desse animal, uns por sua massa gigantesca, outros por suas largas orelhas, outros por sua tromba movel, etc.

P. Os surdos-mudos, portanto, empregão naturalmente a figura de rhetorica que consiste em designar a parte pelo todo ?

R. Sim, muitas vezes elles dão o nome do objecto para designar a qualidade dominante ; assim, por exemplo, para exprimir as idéas de mansidão e de força empregão os signaes que exprimem *carneiro* e *leão*.

P. Era da linguagem dos signaes que o abbade l'Epée se servia para instruir seus discipulos ?

E. Sim, no principio ; mas depois procurando aperfeiçoar esses signaes, elle os viciou e creou os *signaes methodicos*.

P. O que são os signaes methodicos ?

R. São signaes executados como os naturaes com as mãos e com os braços, mas que, acompanhando invariavelmente a ordem das palavras de cada phrase, complica-se muito na expressão do genero, do numero, da pessoa, do tempo, do modo, etc.

P. A linguagem natural dos signaes não segue os incidentes grammaticaes?

R. Não ; quasi nunca os signaes se succedem na ordem das palavras de cada phrase, e não exprimem as idéas do numero, do genero, do tempo, e do modo senão quando é indispensavel para entender-se o pensamento.

Nós dizemos : O surdo-mudo diz por
 signaes :

Eu estou doente	Eu doente
Eu soffro	Eu soffrer
Tu não és sabio	Tu sabio não.
Tu não trabalhas	Tu trabalhar não
Tenho um jardim	Jardim um eu ter
Eu não gosto de frutas	Frutas eu gostar não
Os livros estão sobre a mesa	Mesa livros sobre
Tenho minha caixa de rapé no bolso	Bolso caixa de rapé minha em eu ter
Traze a chave da porta do jardim	Jardim porta chave trazer
Eu creio que choverá	Chover futuro eu crêr.

P. Porque se dá preferencia aos signaes naturaes? parece que seriam preferiveis os signaes methodicos do abbade L'Epée.

R. A experiencia tem mostrado que os signaes methodicos não fazem dos surdos-mudos senão traductores inconcientes, absolutamente incapazes de exprimir por escripto suas proprias idéas.

Nunca em estabelecimento algum se tem podido conseguir que os surdos-mudos se sirvão dos signaes methodicos em suas relações particulares ; prova evidente de que esses signaes não servem para exprimir todas as idéas.

P. O conhecimento da linguagem dos signaes naturaes é util a quem quer ensinar surdos-mudos ?

R. Sim, porque conhecendo-se esta linguagem adquire-se mais influencia sobre o alumno, que poderá responder a perguntas, fazer outras, e tornar assim facil a tarefa do ensino.

P. A que alumnos a linguagem dos signaes naturaes é mais util ?

R. Aos pouco intelligentes, aos que estão pouco tempo nas escolas especiaes.

P. Por que ?

R. Porque uns e outros, não podendo aprender a lêr e a exprimir-se por escripto, e por meio da linguagem natural dos signaes,

desenvolvem suas faculdades intellectuaes de tal modo que aprendem seus deveres de homens e de christãos.

Da palavra artificial ou phononimia

P. Que se entende por phononimia ?

R. É a leitura sobre os labios, e a articulação ou palavra artificial.

P. O que é a leitura sobre os labios ?

R. É a arte de conhecer pelo movimento dos labios e das outras partes da face as palavras que não se ouvem.

P. E a articulação artificial ?

R. A articulação artificial é a palavra aprendida pela vista e pelo tacto ; chama-se tambem palavra morta, porque os que della usão não têm consciencia do que pronuncião, pois que o fazem por uma especie de *mastigação*.

P. A que classe de surdos-mudos o estudo da palavra artificial é realmente util ?

R. Aos que ficarão mudos depois de terem fallado.

P. É difficil conseguir que um surdo-mudo pronuncie as vogaes e as consoantes ?

R. Para o conseguir é preciso tempo, cuidado e extrema paciência, mas não é muito difficil.

P. Sendo a palavra um meio de comunicação universalmente empregado, não seria mais vantajoso faze-los fallar, do que ensinar-lhes a exprimirem-se por signaes e por escripto ?

R. Certamente, mas não se deve tentar o impossivel. A palavra, que desenvolve tão bem e tão promptamente a intelligencia dos que ouvem, é impotente para levar luz á intelligencia dos surdos-mudos de nascimento ; não serve a estes senão para exprimir idéas que elles tenham adquirido por outros meios.

Da escripta

P. O que é a escripta ?

R. Não se poderia definir melhor do que por estes versos :

..... é a arte engenhosa
De pintar a palavra, e de fallar aos olhos,
E por traços diversos, e por signaes varios
Dar côr e corpo aos pensamentos.

P. É necessario traçar com cuidado as lições que se dão ao surdo-mudo ?

R. Sim ; uma bôa escripta facilita a lembrança das palavras que o alumno deve gravar na memoria.

P. Não são necessarias outras precauções para facilitar ao surdo-mudo o exercicio da memoria ?

R. Convém usar de caracteres bem distinctos ; não fazer grandes traços, nem ornamentos inuteis ; não espaçar muito as palavras ; fazer linhas mais curtas que compridas ; deixar um pequeno espaço entre as proposições successivas, e multiplicar os paragraphos.

P. Quando convem dar lições de escripta ao surdo-mudo ?

R. Logo que elle conheça a significação de um certo numero de palavras.

P. Será conveniente entrete-lo com os principios da escripta tanto tempo como o que ouve ?

R. A escripta é para o mudo o que a palavra é para nós, portanto convem habilita-lo a escrever o mais depressa possivel, para que possa quanto antes copiar suas lições, e exprimir-se por escripto.

P. Por que é que o surdo-mudo leva mais tempo a aprender a lingua escripta do que o que falla a lingua fallada ?

R. É principalmente porque se gasta menos tempo a escrever com elles, do que a fallar com os outros, e porque a escripta não prende tanto a attenção como a palavra.

P. Isto provirá de ser a escripta mais lenta do que a palavra ?

R. A lentidão da escripta não é estranha a este facto, mas para remediar esse mal, convem usar de abreviaturas logo que o mudo comprehender bem a formação das palavras.

P. Não ha meio de fazer a escripta fugitiva como é a palavra ?

R. O alphabeto manual offerece o meio de formar palavras que desaparecem á proporção que são formadas ; é pois conveniente fazer d'elle uso frequente.

P. Aos meninos que fallão, e que sabem lêr, a escripta recorda a lembrança da palavra, e esta a do pensamento ; ao mudo de nascimento a vista da escripta o que recorda ?

R. Isto depende dos meios que se tiver empregado na instrucção delles : a escripta recorda a lembrança dos movimentos da boca aos mudos que tiverem aprendido a fallar, e a lembrança dos signaes mimicos

áquelles a quem se tiver ensinado a lingua materna por signaes repetidos; e, o que é muito preferivel, a escripta recorda as idéas daquelles que têm conseguido comprehendê-las pela associação immediata do pensamento á palavra escripta, como os que fallão aprendem a comprehender a palavra pela associação immediata do pensamento com a palavra fallada.

Da dactylologia ou alphabeto manual

P. O que é a dactylologia?

R. A dactylologia ou alphabeto manual consiste nas 25 disposições dos dedos da mão direita pelas quaes se representam as 25 letras do alphabeto.

P. A dactylologia pois não é uma lingua?

R. Não, é a *pronunciação manual* das palavras de uma lingua, é uma escripta volante que traça palavras sem tinta, nem penna, papel, lapis, nem pedra.

P. A dactylologia despreza os signaes de pontuação?

R. A dactylologia traça no ar os accentos com o indicador destacado dos outros dedos,

e os outros signaes da pontuação com a mão inteira.

P. Não seria mais simples e mais vantajoso traçar também no espaço as letras com a ponta dos dedos?

R. Mais simples seria, porém mais vantajoso não : 1º, porque a escripta assim traçada ficaria invertida para os que estivessem diante de quem a traçasse, como acontece diante de um espelho ; 2º, porque os movimentos vagos e quasi uniformes do braço não deixariam á memoria pontos de apoio, como deixa a dactylogia.

P. As palavras escriptas pela dactylogia são lidas tão facilmente como são formadas?

R. Não, é menos facil apanhar com a vista as letras do que formá-las com a mão.

P. A dactylogia tem, para a instrução dos surdos-mudos, outras vantagens sobre a escripta, além da commodidade e da fugacidade?

R. Sim. O surdo-mudo, que estuda suas lições pela dactylogia, grava as palavras na memoria muito mais facilmente do que se estudasse por transcripções repetidas.

P. É pela dactylogia que convem começar a instrução do surdo-mudo?

R. Não ha grande inconveniente em ensinar logo no começo a dactyloglogia, quando se tem um alumno humilde, docil e intelligente.

P. E quando o alumno não tem estas qualidades ?

R. É melhor começar por faze-lo comprehender um certo numero de palavras.

P. Por que ?

R. Porque as lições, que têm por objecto o ensino da lingua, interessão e divertem o alumno, entretanto que a formação de letras com os dedos nada diz á sua intelligencia. (a)

P. Para ensinar a lêr aos que ouvem, não se começa por fazer conhecer as letras ?

R. É verdade, mas nessa occasião já elles sabem a lingua materna, que se vai ainda ensinar ao mudo. A mãe cultiva, e esclarece a intelligencia do menino antes de o fazer fallar ; habitua-o a comprehender as palavras e as phrases, e não a repetir separadamente as letras *a*, *b*, *c*, etc.

(a) É por esta razão que vai sendo abandonado o systema de ensinar a ler, começando pelo alphabeto. Os melhores mestres seguem o methodo materno ou natural, ensinão a palavra que exprime a cousa ou a idéa, e depois descem aos seus elementos a letra, e a syllaba.

P. Como se procede para ensinar o alphabeto manual ?

R. Formando com a mão, e ensinando o menino a formar com sua propria mão as letras por que começa e é escripta a palavra de que elle já conhece a significação, por ex.: Antonio, se elle tiver esse nome, ou collega que assim se chame, ou outro qualquer nome de objecto que elle conheça, e de que se tenha a imagem ou o proprio objecto debaixo dos olhos.

P. As letras, cuja fórma não é exactamente reproduzida pela disposição dos dedos, não são mais difficeis de ensinar ?

R. Não, desde que o menino tem comprehendido, pelo meio que acabamos de indicar, que cada disposição da mão corresponde a um character distincto.

P. É conveniente fazer o menino contrahir o habito de pronunciar rapidamente com a mão as letras de cada palavra.

R. Sim, porque se pronunciar lentamente. perderá o sentido da phrase.

P. Não ha muitos alphabetos manuaes ?

R. Ha muitos, mas a experiencia tem mostrado que o alphabeto de origem hespanhola aqui representado é o melhor de todos.

CAPITULO III

Do methodo intuitivo, e de suas applicações ao ensino dos primeiros elementos da lingua

P. Qual é o methodo mais simples e mais efficaz para ensinar aos surdos-mudos?

R. E o methodo que, tomando a mãi por môdêlo, leva o surdo-mudo a comprehender a lingua escripta, e a escrever seus pensamentos. Este methodo apoia-se em um conjuncto de meios, que se approximão o mais possivel dos que empregão todas as mãis para ensinar aos meninos que ouvem a comprehender as palavras, e a exprimi-las com a propria voz.

P. Como se chama este methodo?

R. Methodo intuitivo.

P. Não é inteiramente pela rotina que os meninos que ouvem aprendem a fallar?

R. Não ; é pelo exercicio de suas faculdades physicas, moraes, e intellectuaes, cujo desenvolvimento a mãi provoca, sustenta e dirige, apoiando-se no instincto e na linguagem dos factos.

P. O ouvido, que é para nós uma das portas da intelligencia, está sempre fechada no surdo-mudo ?

R. Sem duvida; mas, segundo a expressão do abbade l'Epée, se faz entrar pelas janellas dos surdos-mudos, isto é, pelos olhos por meio da escripta, o que em nós entra pelos ouvidos por meio da palavra.

P. Visto que se póde instruir o surdo-mudo pela escripta, do mesmo modo que as mãis ensinão aos que ouvem pela palavra, o que se deve começar a ensinar ao surdo-mudo ?

R. A conhecer seu nome, e a acudir quando fôr chamado.

P. Como se consegue isso ?

R. Inspirando-lhe o desejo de conhecer seu nome. Para isto mostra-se-lhe tres ou quatro camaradas que se approximão do mestre logo que este escreve o nome delles.

Primeiro modelo de lição

O professor chama :

Paulo!
Luiz!
Raul !
Pedro !
X !

Por este modo ensine-se, quanto fôr possível, o nome de todas as pessoas que estiverem em relação com o surdo-mudo.

P. Não se deve ensinar previamente ao surdo-mudo a conhecer e traçar as letras do alphabeto ?

R. Não ; porque este trabalho nada diz á sua intelligencia ; a mãe faz conhecer o valor de palavras inteiras antes de ensinar os sons e as articulações de que as palavras são formadas.

P. O que se deve fazer quando o surdo-mudo tiver notado que seus camaradas se approximão do mestre cada vez que este lhes mostra seus nomes escriptos na pedra ?

R. Escrever o nome do surdo-mudo, e

olhar para elle, afim de faze-lo comprehender que o nome escripto novamente é o seu.

P. E elle comprehenderá ?

R. A menos que não seja completamente estúpido, o instincto de imitação o levará a fazer o que tiverem feito seus camaradas. Se elle não se approximar do mestre á vista do seu nome será por excessiva timidez.

P. Como se lhe tirará essa timidez ?

R. Chamando de novo os camaradas e acariciando-os.

P. A voz que chama tem um accentto de supplica ou de ordem, que não tem a voz que profere sem chamar; a palavra escripta é sempre a mesma, quer chame quer não, portanto ahi temos um motivo de hesitação para o surdo-mudo.

R. Não ha duvida ; porém, afim de que o surdo-mudo possa distinguir os dous casos, deve-se fazer acompanhar de um ponto de exclamação o nome empregado para chamar, ou por outra usar do vocativo.

P. Sabendo o menino seu nome, não convem que conheça tambem o nome de seus camaradas ?

R. Já o terá aprendido, vendo cada um acudir por sua vez.

P. Como ter certeza de que elle sabe a qual de seus camaradas se refere o nome escripto?

R. Apaga-se o ponto de exclamação, e chamando um menino que saiba lêr, se lhe dirá, por exemplo, que mostre Paulo, quando se escrever o nome de Paulo, Luiz, etc., e reciprocamente que mostre o nome quando se apontar com o dedo para cada menino a que o nome corresponder.

P. E o surdo-mudo será capaz de fazer outro tanto?

R. Certamente, desde que dous outros de seus camaradas o tiverem feito em sua presença.

P. Não ha meios de variar, de animar esse genero de lições de modo a torna-las mais interessantes?

R. Para consegui-lo bastará que o mestre faça alternativamente substituir os nomes dos alumnos na pedra, e os faça chamar uns aos outros por escripto.

P. Conhecendo o alumno seu nome, e o dos outros meninos, não convirá ensinar-lhe em seguida o nome das cousas usuaes?

R. Não, por ora, porque lições taes não o interessão ; é melhor dar-lhe primeiro ordens para executar.

P. Por que ?

R. Porque ha uma proposição completa na expressão de uma ordem , e na execução dessa ordem ha movimento, e ha vida.

P. E isto não será muito difficil para o principiante ?

R. Não, as ordens serão de uma só palavra.

Segundo modelo de lição

O mestre chama, e manda :

Raul! anda
— salta
— dança.

Paulo! corre
— assopra
— volta.

Pelo mesmo modo ensina-se : avançar, recuar, gritar, rir, jogar, trabalhar, etc., e geralmente todos os verbos neutros que exprimem acções dependentes da vontade.

Bocejar, chorar, soffrer não se póde ensinar assim, porque não se boceja, chora, ou se soffre quando se quer.

P. Que vantagem ha em ensinar tão cedo os verbos neutros ?

R. Fazer comprehender que as palavras exprimem acções tão bem como as pessoas, e que por escripto se póde fazer obedecer.

P. Explica-se préviamente por signaes

o sentido dos verbos de que se acaba de fallar ?

R. Não ; o surdo-mudo aprenderá por si mesmo a significação, vendo seus camaradas executarem as ordens dadas.

P. O que é preciso fazer para que a idéa e a palavra escripta se associem intimamente no espirito do surdo-mudo ?

R. É preciso que o menino tenha ao mesmo tempo debaixo dos olhos o objecto e a palavra que o designa, e, quanto aos verbos que lhe são ensinados no imperativo, que elle leia esses verbos na pedra no momento em que executa a acção correspondente.

P. As lições em acção, concordo, são capazes de crear interesse ao surdo-mudo, mas não occasionarão desordem na classe ?

R. É provavel ; para evitar que assim aconteça, as lições em acção, e todos os mais exercicios a que o surdo-mudo deve ser applicado, deverão ter logar antes ou depois da classe.

P. Nas horas da classe em que se occupará o surdo-mudo ?

R. Com um livro illustrado, que lhe facilite o aprender só e grande numero de

palavras, e o ligar a cada uma dellas sua verdadeira significação.

P. E durante a classe quem cuidará do surdo-mudo?

R. Tomará parte nas lições de escripta ou desenho. Além disto, o mestre, se tiver tempo, examinará, ou mandará examinar por um monitor, se elle liga aos nomes que tem aprendido o verdadeiro sentido.

P. Este exame terá logar por meio da linguagem dos signaes?

R. Não; os signaes poderiam causar distracção aos outros alumnos, e o trabalho a que fôr applicado o surdo-mudo na classe, não deve occasionar maior embaraço que uma lição de leitura dada por outro alumno.

P. De que modo se póde ter certeza de que a vista da imagem recorda a lembrança do nome, e vice-versa?

R. O livro illustrado de que se fallou, apresenta primeiro a imagem e a palavra reunidas, e depois a imagem separada do nome. Mostra-se ao alumno, e pede-se que mostre o nome, e vice-versa.

P. Depois de se ter ensinado os verbos neutros, deve-se ensinar os verbos activos?

R. Sim; devendo dar-se para regimen

desses verbos, nomes que o alumno já conheça.

3º

O mestre chama e ordena :

Paulo ! saúda Luiz
— saúda Raul
— abraça Pedro.

Luiz ! abraça Raul
— mira Pedro.

Ensina-se assim : empurrar, morder, acariciar, beijar, beliscar, etc.

P. Póde-se ensinar assim todos os verbos activos ?

R. Seguramente não. Póde-se ensinar por este modo os verbos que exprimem acção physica dependente da vontade do homem, e que podem ser executadas sem faltar ás conveniências.

P. Por que nos exemplos do terceiro modelo de lição, empregais duas vezes seguidas o mesmo verbo com regimen differente ?

R. Para que, por sua approximação, as phrases se decomponhão, e o alumno distinga

mais facilmente a palavra que exprime a acção, e a que exprime a pessoa.

P. Não ha outro meio de facilitar ao surdo-mudo a decomposição das phrases em palavras?

R. Sim; para isso é preciso approximar dos nomes que estão na phrase os objectos que elles exprimem.

P. Até agora não se tem ensinado senão os nomes de pessoas; não se ensina o nome das cousas?

R. Agora é que chegou a occasião de ensinar o nome das cousas, que fôrem mais familiares ao alumno que está na classe.

P. Que processo se emprega para conseguilo?

R. O que se emprega para ensinar o nome das pessoas, e que se apoia na intuição, no exemplo e no instincto de imitação.

4º

O mestre chama e ordena:

René!	mostra Paulo
—	mostra pão
—	mostra agua.

Luiz ! toca Carlos
— toca o banco.
— toca a porta.

Ensina-se por este modo : palavras muito curtas, exprimindo as cousas mais communs ao alumno, como : leite, vinho, sal, arroz, feijão, etc.; depois passa-se a ensinar os nomes de substantivos que estejam ao alcance do professor e do alumno, de que se não pôde dar idéa pelo desenho, como: ferro, ouro, pão, pedra, terra, vidro, etc. (*)

P. Não é bastante fazer menção de mostrar, tocar, etc. ?

R. Não ; com os principiantes é indispensavel que todas as acções sejam executadas completamente sobre os objectos indicados na lição.

P. Empregou-se o artigo, sem se haver ainda explicado o que concerne ao genero e numero ?

R. As idéas de genero e de numero são

(*) Não esqueça-se o Professor de que o ensino do surdo-mudo é todo objectivo ; portanto é indispensavel que tenha a mão para apresentar ao seu discipulo o objecto, cujo nome lhe quizer ensinar, ou por outra é necessario formar um museu escolar que contenha os objectos que o surdo-mudo deve conhecer para a sua vida ordinaria.

accessorias, sobre as quaes a attenção do surdo-mudo não deve ser chamada senão mais tarde.

P. Mas como o surdo-mudo poderá distinguir o genero e o numero, se não se lhe explicar?

R. Elle o conseguirá por si mesmo estudando a nomenclatura illustrada, onde os artigos escriptos, que exprimem o genero e o numero, differem á vista, tanto quanto fallados differem ao ouvido.

P. Como se deve proceder para conseguir que o alumno faça emprego judicioso do artigo?

R. Não ha melhor meio do que o professor fazer sempre emprego logico do artigo. Se existir na sala em que se dá aula uma só janella, uma só porta, escreva-se, sempre que se der lição sobre esses objectos: a porta, a janella; se houver mais, tratando-se de uma só, diga-se; uma porta, uma janella.

Escreva-se sempre: a lua, o sol, porque são objectos unicos em sua especie.

Em uma palavra, dê-se sempre ao nome, por meio do artigo, o gráo de determinação

que elle tem, tanto no espirito do alumno, como no do professor.

P. Empregou-se tres vezes consecutivas o mesmo verbo com regimens differentes ; por que não se deu o mesmo regimen a verbos differentes ?

R. Porque seria necessario o emprego do pronome.

P. Quaes são os pronomes que se ensina primeiro ?

R. Os pronomes—o—a.

5º

O mestre ordena :

Paulo !	mira Carlos
—	saúda-o
—	abraça-o
—	mira Luiza
—	saúda-a
—	abraça-a

P. Como se explica o sentido dos pronomes—o—a ?

R. Não se explica ; a significação desses pronomes se revelará por si mesma. O

alumno nota que, á vista das ordens —mira Carlos, saúda-o, abraça-o, seus camaradas saudão, abração a mesma pessoa, e que a palavra — o — substitue o nome de Carlos que elle leu na primeira proposição.

P. Que pronomes se ensina depois?

R. Os pronomes—te—me.

6º

Luiz!	bate Paulo
—	bate-te.

Pedro!	assenta-te
—	levanta-te.
—	mira-te.

René!	mira-me
—	saúda-me.
—	abraça-me.

Por este modo se ensina : deitar-se, vestir-se, pentear-se, encostar-se, mirar-se, etc.

P. O ensino destes pronomes não é prematuro?

R. Não; é conveniente despertar e fixar cedo a attenção do surdo-mudo por meio

das palavras — eu, tu, elle — que os grammaticos chamão as tres pessoas do discurso.

P. Não é cousa muito difficil ainda para os surdos-mudos?

R. Não ; porque não se trata de obriga-los a fazer emprego desses pronomes, mas sómente fazer-lhes comprehender sua significação.

P. Por que começam sempre as lições pelo nome da pessoa que ordena, e pelo da pessoa que obedece ?

R. É para dar ao alumno, que não sabe ainda a significação geral das palavras *eu* e *tu*, a possibilidade de conservar o sentido particular que essas palavras têm na lição de que se trata.

P. O surdo-mudo não crê que as palavras—eu e tu—designão sempre as mesmas pessoas ?

R. Sim ; mas tem-se o cuidado de dirigir as ordens successivamente a muitos alumnos, e de substituir o que dá as ordens por diversas pessoas. O surdo-mudo chega por esse modo a comprehender que os pronomes não têm senão uma significação relativa.

P. É necessario que em cada lição se ensine cousa nova ?

R. Sim ; comtanto que se reserve o tempo sufficiente para rever as lições já dadas, e que devem ser repetidas até que o alumno as saiba perfeitamente .

P. Qual é a regra que se deve observar para que o alumno não encontre difficuldades superiores ás suas forças ?

R. É não ensinar palavras novas senão com formulas de phrases bem conhecidas, e, tanto quanto fôr possível, não ensinar novas formulas de phrases senão por meio de palavras, cuja significação tenha sido já comprehendida e sabida . (*)

P. Até agora não se tem empregado senão a affirmação ; o alumno comprehenderá bem o seu valor ?

R. O alumno não comprehende bem o valor da affirmação senão quando se lhe ensina a negação ; assim, passemos já a esta difficuldade .

P. Como se começa a ensinar a negação ?

R. Ao mesmo tempo que um alumno instruido ordenar a Paulo, por ex. : que marche, que danse, o mestre se dirigirá a Paulo e o deterá escrevendo na pedra :

(*) Esta regra é essencial —, e da falta de sua observancia resultão necessariamente maior trabalho para o Professor — e impossibilidade para o alumno progredir.

Paulo! não marcha
— não dança.

P. O que dará ao surdo-mudo o sentido da negativa—não?

R. A vista do facto novo que lhe revelará a significação da expressão novamente empregada.

P. Mas é possível que o surdo-mudo chegue á idade de cinco ou seis annos sem ter consciencia do que é negar e affirmar?

R. Todos os surdos-mudos têm signaes naturaes que correspondem a sim e a não; assim elles comprehendem sem difficuldade a negação e a affirmação escriptas.

7º

Paulo! marcha
— não marcha (*)
— dança
— não dança
— assopra
— não assopra, etc.

(*) A grammatica exige que a negativa — não — leve o verbo ao subjunctivo, mais o plano deste methodo de ensino exige que se conserve a terminação do verbo no comparativo para não desviar a attenção do surdo-mudo do valor da negativa. Em tempo se corrigirá esta irregularidade.

8º

Pedro!	coça-te
—	não te coça
—	assôa-te
—	não te assôa
—	escova-te
—	não te escova
—	empurra José
—	não o empurra
—	olha o relógio
—	não o olha.

9º

Raul!	escarra	Luiz	não esgarra
—	grita	—	não grita
—	avança	—	não avança
—	recúa	—	não recúa

etc., etc.

P. Qual a utilidade da lição n. 8 ?

R. É habituar o alumno a reconhecer as diversas fórmulas dos pronomes pessoais e a maneira por que elles se intercalão nas proposições negativas.

P. Antes de se ensinar os adjectivos, não se ensinão os adverbios ?

R. Sim, ensinão-se os adverbios de modo : fortemente, docemente, lentamente, ligeiramente, vagarosamente.

P. Por que se ensinão estes adverbios antes de ensinar os adjectivos?

R. Porque estes adverbios, exprimindo modificações passageiras de actos dependentes da vontade, prendem a attenção do surdo-mudo mais do que os adjectivos.

P. Ensinão-se essas palavras isoladamente?

R. Nunca ; para dar a significação dessas palavras seria preciso recorrer a explicações por signaes, que difficilmente serão comprehendidas.

P. E ensinando conjunctamente com os verbos serão mais facilmente comprehendidas?

R. Sim, porque o verbo será traduzido por uma acção que tornará facil comprehender a significação do adverbio.

10º

O mestre ordena :

Carlos!	marcha ligeiramente
—	marcha lentamente
—	assoa-te fortemente
—	assoa-te docemente

Pedro! salta uma vez
— salta duas vezes

Ensina-se caminhar de vagar, depressa; olhar tristemente, alegremente, attentamente, escrever, etc.

Os nomes dos numeros de 1 a 10 quando empregados nas expressões adverbias, tomão o character de abstractos; é, portanto, conveniente que se ensinem quando se trata dos adverbios. (*)

P. Convém ensinar um grande numero de adverbios antes de passar ao ensino do adjectivo?

R. Não, basta ensinar os mais usados.

P. Como se procede para se ensinar a significação do adjectivo?

R. Emprega-se o adjectivo que faz distinguir dous objectos que têm o mesmo nome; a intuição que tem servido para dar ao alumno a intelligencia do nome, do verbo, e do adverbio servirá tambem para dar a intelligencia desta quarta especie de palavra.

(*) Pelos dedos das mãos os surdos-mudos sabem exprimir o numero de cousas, ou de factos, pelo numero pois dos dedos o mestre ensinará e o discipulo mostrará que aprendeu a lição

P. Vejamos alguns exemplos.

R. Ordena-se por escripto a um alumno instruido que mostre uma caixa redonda, depois uma caixa quadrada ; um livro grande, um livro pequeno, etc.

11º

O mestre ordena :

Luiz ! mostra uma boceta redonda
— mostra uma boceta quadrada
— toma um livro grande
— toma um livro pequeno

Ensina-se assim: vermelho, amarello, verde, emfim todos os adjectivos que exprimem qualidades ao alcance dos olhos.

Está bem entendido que devem estar presentes os objectos sobre que se faz a lição, ou por outra a lição *nunca deve ser dada* na ausencia dos objectos ou factos sobre que versar.

P. O surdo-mudo póde distinguir o nome da cousa da palavra a que exprime a qualidade ?

R. Fa-lo-ha sem difficuldade, se, como se recommendou acima, o nome a que se ajuntar o adjectivo fôr por elle conhecido.

P. E o que se faz para fixar a attenção do surdo mudo sobre a significação do adjectivo?

R. Mostra-se a mesma qualidade em muitas cousas, e em muitas pessoas.

O mestre chama e ordena :

Paulo !	mostra um livro grande
—	mostra um livro pequeno
—	mostra um homem grande
—	mostra um homem pequeno.

Deve-se observar symetria nas lições ; a symetria é para o olho, o que o rythmo é para o ouvido, um util auxiliar da memoria.

P. Mas assim não se póde ensinar senão adjectivos que exprimem qualidades materiaes ?

R. Ha qualidades moraes que não escapão á attenção do surdo-mudo, e que elles exprimem por signaes.

P. Quaes são essas qualidades ?

R. Preguiçoso, obediente, desobediente, máo, bom, etc.

P. E quando é que estes adjectivos podem ser ensinados ?

R. Quando as idéas correspondentes tiverem germinado no espirito do surdo-mudo, isto é, quando elle tiver notado entre seus camaradas os defeitos e as qualidades que esses adjectivos exprimem.

P. É possível reconhecer se o surdo-mudo liga um sentido bastante exacto aos signaes e ás palavras de que acabamos de falar?

R. Reconhece-se facilmente : pede-se por escripto que elle mostre um menino bom, um menino máo, um menino cordato, um menino obediente, etc. ; se elle o faz tem-se a prova de que liga a esses signaes, e a essas palavras o verdadeiro sentido.

P. Até aqui tem-se ensinado os verbos neutros, activos, e reflexivos ; quando se ensina o verbo—ser ?

R. Era necessario antes de faze-lo, esperar que o surdo-mudo conhecesse alguns adjectivos.

P. Como se ensina esse importantissimo verbo?

R. Como se ensinou os outros; sob a fórma imperativa.

13º

Paulo !	sê attento
—	é bom
—	não sejas travesso
—	é máo
Luiz !	sê asseiado
—	é bom
—	não sejas porco
—	é máo

Applicação-se estes adjectivos aos meninos que por seu procedimento se tornem merecedores da recommendação.

P. Por que se diz depois de cada recommendação, é bom, é máo ?

R. Porque estas phrases correspondem a noções que existem no coração do surdo-mudo, e por conseguinte contribuem para fortificar-lhe o sentimento moral.

P. Essas phrases devem ser decompostas desde logo ?

R. Não, convem considera-las como uma só palavra, e traduzi-las por um ar de satisfação ou signal de approvação quando fôr—bom—e por um ar de contrariedade, ou de desprezo quando fôr—máo—.

P. O verbo—ter—póde ser ensinado logo pelo modo imperativo?

R. Sim, mas emprega-se então no sentido de procurar, de tomar, de pegar, assim quando se diz—tem uma penna— é como se se quizesse dizer—procura, toma, pega uma penna. (*)

14º

Carlos! tem uma faca
— corta pão
— tem uma penna
— escreve

Pedro! tem um espelho
— mira-te

René! tem assucar
— come-o

P. O que é necessario fazer para que o alumno comprehenda melhor o sentido do verbo ter?

R. Fazer que o alumno se sirva do objecto

(*) Por amor da uniformidade do methodo não ha remedio senão usar o verbo—ter—na significação que não lhe é propria, e no — modo imperativo não usado em portuguez. Quando o surdo-mudo chegar ao estudo dos verbos nos modos indicativo e subjunctivo, tendo já idéa do verbo —ter—na fôrma imperativa, facilmente o empregará na sua significação genuína, e como auxiliar.

logo que o tem. Ex.: tem uma escova, escova-te; tem assucar, come-o.

O surdo-mudo sabe por instincto que não póde escovar-se sem ter uma escova, nem comer assucar sem tê-lo.

P. Os nomes, os pronomes, os verbos, os adverbios e os adjectivos que se têm ensinado, o têm sido pela intuição, mas as preposições exprimem relações que não estão nem nas pessoas, nem nas cousas, nem nas acções, que meios, pois, será preciso empregar para que o alumno as comprehenda?

R. Constituidos como nós, os surdos-mudos podem tambem como nós, perceber muitos objectos, e algumas das relações que elles têm entre si; é, pois, a linguagem dos factos que lhes revela, como a nós, a significação das palavras que exprimem essas relações, isto é, as preposições.

P. São, portanto, cousas bem abstractas?

R. Sem duvida, mas o surdo-mudo possui naturalmente uma alma semelhante á nossa, e quatro dos nossos sentidos exteriores; o que lhe falta, pois, para abstrahir? só uma lingua regular, e é precisamente o que nós procuramos fazer-lhe adquirir.

P. Não seria melhor levar mais longe o

ensino das cousas materiaes antes de começar o ensino das cousas abstractas ?

R. Não, porque, por virtude da surdez, o surdo-mudo tende a tudo materializar ; convem muito, portanto, ao bom resultado de sua instrucção, que a lingua escripta lhes dê cedo e pouco a pouco o conhecimento das cousas abstractas.

P. E a lingua escripta favorece a aquisição de idéas abstractas ?

R. Sem duvida. Se na presença de um surdo-mudo eu ordeno successivamente a Pedro que se sente, adiante, ao lado, e atrás de mim, o surdo-mudo vê sempre em scena as mesmas duas pessoas ; Pedro tem feito tres vezes a mesma acção de assentar-se ; as ordens não differem senão nas preposições—adiante, ao lado, e atrás, e as acções, pela diversidade das posições que Pedro tem tomado. Desde, pois, que o surdo-mudo cumpre por sua vez estas ordens que se derão a Pedro, é evidente que fixou sua attenção sobre as relações expressas pelas preposições—*diante, ao lado, atrás.*

P. Estes raciocinios são bem subtis ?

R. Nem por isso deixão de ser fundados ;

a prova está na facilidade com que o surdo-mudo comprehende as preposições, e as emprega quando lhe têm sido ensinadas por intuição.

15°

Luiz ! marcha adiante de mim
— marcha ao lado de mim
— marcha atrás de mim
— vai adiante da porta
— vai ao lado da porta
— vai atrás da porta
— assenta-te sobre a cadeira
— assenta-te sobre a mesa

Assim se ensina ao redor, entre, em, depois, com, contra, até, depois, perto, etc.

16°

Paulo ! dá um lapis a Raul
— dá uma penna a Luiz
— põe um livro sobre a mesa
— põe um caderno sobre o banco.
— deita o lapis debaixo da cadeira.
— deita o papel sobre a mesa
— põe uma penna no tinteiro
— põe um livro na estante

Este modelo de lição não differe do precedente senão em ter a proposição mais de um termo.

Quasi todas as preposições podem ser ensinadas por estes dous modelos.

P. Por que se têm ensinado os verbos, os nomes e os pronomes só no singular?

R. Para concentrar a attenção do alumno sobre a significação essencial destas palavras, e guardar a occasião de recordar as proposições imperativas para quando se tiver de ensinar o plural.

P. Qual é a especie de palavra por que se deve começar o ensino do plural?

R. Pelo verbo, na segunda pessoa do plural do imperativo.

Segunda serie

Primeiro modelo de lição

O mestre chama e ordena :

Pedro ! Raul !	marchai
— —	saltai
— —	voltai
— —	avançai
— —	recuai

P. Será preciso explicar por signaes por que estas palavras se apresentam debaixo de nova fôrma ?

R. A execução da ordem contida na phrase imperativa será a melhor e a mais proficua explicação.

P. Por que se começa pelo plural dos verbos ?

R. Porque o plural dos verbos presta-se a maior diversidade de fôrmas, e porque o menino aprende o plural dos nomes no livro de estampas, que deve ter entre mãos constantemente.

Paulo! tu e eu marchemos
— tu e eu saltemos
— tu e eu voltemos

Paulo e Luiz! vós e eu corramos
— — vós e eu avancemos
— — vós e eu recuemos

P. Como se fará comprehender a differença entre a 1ª e a 2ª pessoa do discurso?

R. O alumno nota, por si mesmo, que quando eu escrevo — marchai — eu não o acompanho na acção, e que quando eu escrevo — marchemos — eu marchio com elle.

P. Qual o meio de verificar que elle tomou essa nota?

R. O meio é mandar que os outros meninos dêem as ordens que o mestre deu.

Quando chegar a vez do surdo-mudo, se elle marcha, quando se diz a outro marchai, é signal de que não comprehendeu, mas se elle só marcha quando o alumno que dá a ordem se dirige a elle, ou escreve — marchemos — é evidente que tem comprehendido em que differe a significação das palavras.

3º

Carlos ! Raul !	saudai Luiz
— —	acariciai Paulo
— —	mostrai Pedro
Vós e eu	mostremos João
— —	saudemos-o(*)
— —	acariciemos-o

P. Por que neste terceiro modelo de lição todos os regimens do verbo estão no singular ?

R. Para que o alumno não possa entender que o verbo concorda com o seu regimen em numero.

4º

Luiz !	traze uma pedra
—	traze pedras
—	fecha uma mão
—	fecha as mãos

P. Porque nesta lição não se emprega os verbos no plural ?

(*) Seria muito difficil ao surdo-mudo comprehender — *saudemo-lo, acariciemo-lo, etc.* — é portanto melhor ensinar : *saudemos-o, acariciemos-o etc.* Quando a instrucção estiver mais adiantada, facilmente elle comprehenderá e empregará a 1ª formula.

R. Para fazer comprehender que o numero no regimen é independente do numero no sujeito.

P. Em que ordem, e por que meio se ensinão os pronomes pessoaes no plural ?

R. Ensinão-se estas palavras á proporção que se ensinão as fórmas imperativas que as exigem, fazendo-se comprehender o sentido dellas pela mesma fórmula por que se refere no singular.

5°

Pedro!	Carlos!	levantai-vos
—	—	assentai-vos
—	—	levantai-me
—	—	abraçai-me

6°

Julio!	Raul!	mirai Carlos e Paulo
—	—	saudai-os
—	—	abraçai-os.

Pedro!	João!	mirai Julio e Raul
—	—	saudai-os
—	—	abraçai-os.

Luiz! saúda Paulo e João

— saúda-os

— abraça-os.

7º

Carlos !	Paulo !	vós e eu assentemo-nos
—	—	vós e eu levantemo-nos
—	—	vós e eu acariciemos An-
		tonio.
—	—	vós e eu abracemos-o
—	—	vós e eu saudemos Luiz
—	—	vós e eu saudemos-o

O surdo-mudo tomará o giz, dará as ordens, e se associará a ellas.

P. Os signaes não podem servir para explicar melhor a significação dos pronomes ?

R. Póde-se, sem inconvenientes, empregalos para dar o sentido dos pronomes da terceira pessoa, mas não para traduzir os da primeira e segunda.

P. Por que ?

R. Porque empregados para traduzir a phrase escripta, os signaes da primeira e segunda pessoa induzem muitas vezes o surdo-mudo a erro.

Diga-se, por exemplo, a um delles : dá-me o teu livro e traze meu chapéo ; se o surdo-mudo não tiver sido instruido pelo methodo intuitivo, elle traduzirá a ordem na linguagem dos signaes, depois esperará que lhe dêem um livro, e se apressará em trazer o seu chapéo.

P. Como se explica um tão grosseiro contrasenso ?

R. É porque os signaes mimicos — tu — e — eu — dão o sentido absoluto dessas palavras, e não o valor relativo. No pensamento de quem falla — eu, meu—indicação a propria pessoa—teu, e tu—a pessoa a quem se dirige a palavra, e no pensamento desta estas palavras têm uma significação inversa.

8º

Luiz ! Raul ! curvai-vos.

— — não vos curveis mais.

Vós e eu mostremos um menino fallador

— — não o mostremos mais.

9º

Paulo ! Carlos ! vinde lentamente

— — ide depressa

— — dansai vagarosamente

— — dansai ligeiramente.

10.

Paulo ! Luiz !	batei-vos reciprocamente
— —	mirai-vos reciprocamente
— —	batei-vos um ao outro
— —	mirai-vos um ao outro.

Vós e eu	abotoemo-nos reciprocamente
— —	abotoemos um ao outro.

P. Para que fim vem de novo os advérbios de modo empregados na phrase no plural ?

R. Afim de que o alumno saiba que estas palavras são invariaveis.

11

Raul !	mostra mesas redondas
—	mostra mesas quadradas
—	traze quadernos limpos
—	traze quadernos escriptos
—	mostra cabellos compridos
—	mostra cabellos curtos.

O verbo aqui está no singular para que o alumno perceba que o adjectivo concorda com

o substantivo que elle qualifica, e não com o verbo.

12

Paulo !	Pedro !	sêde honestos
—	—	é bom
—	—	não sêde deshonestos
—	—	é máo.

Vós e eu	sejamos laboriosos
—	— é bom
—	— não sejamos preguiçosos
—	— é máo.

13

Carlos !	Luiz !	tende um alfinete
—	—	pikai-vos
—	—	tende papel
—	—	rasgai-o.

Vós e eu	tenhamos uma penna
—	— quebremos.

Raul !	Carlos !	tende giz
—	—	quebrai-o.

Vós e eu tenhamos agua
— — derramemos.

14

Pedro ! Paulo ! dai uma bola a Luiz
— — dai uma carrapeta a Carlos
— — dai uma imagem a Raul
— — ajoelhai-vos ao lado de
mim.
— — ajoelhai-vos atrás de mim
— — ajoelhai-vos diante do cru-
cifixo.

Vós e eu assentemo-nos ao lado de Luiz
— — assentemo-nos diante de Raul
— — assentemo-nos atrás de Carlos

P. As palavras escriptas na pedra permanecem sob os olhos do alumno ; os factos materiaes de que se usa constantemente chamão a sua attenção para os objectos anteriores ; esta dupla circumstancia não será obstaculo para que o alumno reflecta ?

R. É verdade, mas não se póde prescindir da escripta nem da linguagem dos factos.

P. Por que não se póde prescindir da linguagem dos factos ?

R. Porque seriam precisas explicações muito difficeis e muitas vezes impossiveis, e porque é o melhor meio que tem o alumno de ligar ás palavras o seu verdadeiro sentido.

P. Por que não se póde prescindir da escripta na instrucção do surdo-mudo?

R. Porque a escripta, depois da palavra, é o meio de comunicação mais perfeito, e porque póde-se obviar os inconvenientes que resultão de sua lentidão e de sua permanencia.

P. Como se póde obviar esses inconvenientes, e obrigar o alumno a prestar a attenção necessaria?

R. Escolhendo e dispondo um pequeno numero de palavras de modo que se possa compôr rapidamente um grande numero de phrases.

P. Um exemplo?

R. Em uma pedra dividida em tres columnas verticaes escreve-se cinco nomes proprios, cinco verbos activos, e cinco nomes de objectos que possam servir de regimen a esses verbos.

Luiz !	traze	uma penna
René !	olha	um livro

Pedro !	toca	um tinteiro
Paulo !	esfrega	um banco
Carlos !	move	uma cadeira. (*)

Com estas quinze palavras póde-se formar cento e vinte cinco proposições :

Assim, indica-se, por ex.: o 3º nome proprio, o 1º verbo, e o ultimo nome commum; forma-se assim a seguinte proposição :

Pedro! traz uma cadeira.

P. Por este modo exprime-se quasi tão depressa como com a palavra, mas as palavras fição sob os olhos do surdo-mudo ?

R. Sim ; mas como estas palavras estão misturadas com outras, e não têm signal algum que chame a attenção, é como se o alumno deixasse de vê-las, e então é forçado a recorrer á sua intelligencia e á sua memoria.

P. Por meio de quadros deste genero, eu concebo que o alumno possa dentro de certo limite dar ordens por escripto antes de saber

(*) Por este modelo o professor deve compôr muitos e variados exercicios, escolhendo sempre para assumpto factos passados, e que interessem o alumno.

escreve-las, mas elle obrará mecanicamente, e acreditará que todas as acções poderão ser exercidas indifferentemente por todas as pessoas e sobre todas as cousas; assim elle mandará seus collegas quebrarem as cadeiras, comerem pedras, etc.

R. O surdo-mudo não tem tão pouco senso commum como pensais. Comtudo é bom não deixa-lo commetter erros tão grosseiros, que o exponhão ao riso de seus camaradas, que o desanimariam completamente.

P. Como sem expôr o surdo-mudo á irrisão que fere seu amor proprio, póde-se fazê-lo comprehender que todas as palavras não podem indifferentemente servir de regimen dos verbos?

R. Fazendo-o commetter e commettendo com elle erros no emprego de palavras cuja significação elle conhece bem.

Supponhamos que elle sabe bem a significação de *saudar*, *acariciar*, *abrir*, *comer*; inclui esses verbos no quadro, e depois apontai o verbo *comer*, e a palavra *luxo*; praticai o mesmo com o verbo *abrir* e a palavra *cadeira*.

O surdo-mudo comprehenderá immediatamente que estas ordens não são exequiveis,

e, fazendo um movimento de despreso, rir-se-ha á minha custa.

Depois mandai-lhe indicar os verbos, e as palavras que lhes possam servir de regimen, e elle o fará com acerto.

P. Convirá multiplicar os quadros deste genero, e estende-los de modo que se possa compôr proposições com regimen directo, indirecto, complemento, etc. ?

R. Sim, porque as ordens dadas por este modo trazem economia de tempo, excitão a attenção e a memoria, e despertão a reflexão.

P. O surdo-mudo já sabe obedecer ; comprehende já um grande numero de proposições imperativas, o que convem agora ensinar-lhe ?

R. Convem ensinar-lhe a chamar, a mandar e a fazer applicação do que já sabe.

P. Como se consegue isso ?

R. Manda-se por escripto um alumno chamar outro, depois mandar que danse, que corra, que saúde a um dos seus camaradas ; quando este alumno tiver reproduzido as ordens já comprehendidas e executadas pelo surdo-mudo, este estará em estado de transmittir pelo mesmo modo as proposições imperativas cujo sentido elle sabe.

P. Mas como se fará emprego do verbo no infinitivo antes de ensinar-lhe esse modo?

R. O surdo-mudo comprehende a significação fundamental do verbo no indicativo, pela sua semelhança com o imperativo que elle já conhece. O uso lhe ensinará depois que, quando o verbo não é acompanhado de numero e de pessoa, elle toma esta nova fórma.

2º GRÃO

Primeira Serie

Primeiro modelo de lição

O mestre ordena :	Luiz chama :
Luiz ! chama Pedro	Pedro !
— chama Paulo	Paulo !
— chama Carlos.	Carlos !

	Paulo chama :
Paulo ! chama Luiz	Luiz !
— chama João.	João !

2º

O mestre chama e or- dena :	João chama e or- dena :
João ! chama Pedro	Pedro !
manda-o dansar	dansa
chama Carlos	Carlos !
manda-o saltar.	salta.

Henrique! manda	Henrique chama e
Paulo marchar	ordena:
	Paulo! marcha
manda Raul correr	Raul! corre
manda Luiz voltar.	Luiz! volta.

P. O alumno não soffre difficuldade quando, em logar de se escrever separadamente na pedra: chama F, ordena-lhe tal cousa; se escreve: ordena tal cousa a F?

R. Ahi ha para o surdo-mudo uma difficuldade muito grande. Assim não convem reunir as duas ordens em uma só, senão quando, sendo separadas, são comprehendidas e executadas com facilidade.

O mestre escreve: Carlos ordena:

Carlos manda Raul	
mostrar Paulo	Raul! mostra Paulo
manda mirar Pedro	— mira Pedro
manda sacudir João.	— sacode João.

Póde-se dar por complementos directos todos os nomes que o alumno já conhece, e que possam servir de regimen a estes verbos.

P. Não será necessario fazer comparar a proposição indicativa com a imperativa?

R. Para facilitar a comparação é conveniente assignalar as palavras que nas duas phrases se correspondem assim :

Pedro manda Luiz *abraçar-me*
Luiz ! *abraça* F.

P. As lições dos surdos-mudos, tendes dito, não devem occasionar nenhuma perturbação na classe ; para que, pois, pondez em scena muitos alumnos?

R. Porque não sendo assim, seria quasi impossivel fazer comprehender as tres pessoas do discurso, assim como outros elementos essenciaes da linguagem. As lições devem durar pouco, e não ser dadas senão nas horas reservadas para a instrucção do surdo-mudo.

P. Que precauções é preciso tomar para que o alumno consiga sem difficuldade substituir os pronomes empregados pelo mestre por nomes que fiquem de accordo com o seu pensamento ?

R. Tendo o cuidado de collocar o alumno entre o mestre e a pessoa a quem as ordens devem ser transmittidas.

P. Por que ?

R. Porque se o alumno fôr obrigado a voltar-se alternativamente á direita e á esquerda, deixa de vêr aquelle que elle passa da primeira para a terceira pessoa, quando tiver a vista sobre o que escreve, e que designa por segunda pessoa.

4º

O mestre escreve :
Carlos ! manda Pedro
 mirar Luiz
manda-o saúdar
manda-o abraçar.

Carlos escreve :

Pedro ! mira Luiz
 — saúda-o
 — abraça-o

Para que o alumno grave em sua memoria a ordem em que os pronomes devem succeder-se, fazei-o estudar e recitar com cuidado esta lição e as seguintes pelo alphabeto manual.

P. A substituição de um nome por um pronome, e de um pronome por outro para continuar a designar a mesma pessoa, não offerece ao alumno grandes difficuldades?

R. Sim, e são estas as difficuldades que o embaraço mais, tanto na leitura como na expressão do seu proprio pensamento.

P. Os signaes mimicos não podem facilitar estas diversas transformações de palavras ?

R. Em vez de serem uteis, são prejudiciaes, porque induzem ao erro.

P. Como se advertirá ao surdo-mudo que se exprime na terceira pessoa, quando deve fazê-lo pela primeira ?

R. Procurando com os olhos, de modo que se finja que não é elle quem falla. Então elle se apressará em mostrar com a mão a sua propria pessoa e o signal, que aqui concorda com o seu pensamento e com a palavra que elle deveria empregar, lhe fará logo reconhecer e corrigir o erro.

P. O uso do alphabeto manual não contribue para dar a intelligencia dos pronomes ?

R. Quando se usa dessa especie de escripta volante olha-se para a pessoa a quem se dirige; entretanto, quando se escreve na pedra, volta-se as costas para com quem se falla.

Disso concluo que o alphabeto manual contribue para a intelligencia dos pronomes.

5º

O mestre ordena :	Henrique escreve :
Henrique ! manda	Paulo ! morde
Paulo morder Carlos	Carlos
manda-o deitar Raul	— deita Raul
manda-o deitar-se	— deita-te
manda-o ajoelhar-se	— ajoelha-te
manda-o levantar-se	— levanta-te
manda Henrique arrar- nhar-me	Henrique ! arranha o Professor
manda-o escovar-me.	— escova o Professor

6º

O mestre escreve :	João ordena :
João ! manda Pedro	
tossir	Pedro ! tosse
prohibe-lh'o	— não tussas mais
manda-o tossir outra	
vez	— tosse outra vez
manda Carlos gritar	Carlos ! grita
prohibe-lh'o	— não grita mais
manda-o gritar outra	
vez	— grita outra vez
Fazendo-se comparar as partes da phrase	

escripta pelo mestre com as da proposição
escripta pelo alumno, leva-se o surdo-mudo
a notar que a palavra — o — substitue aqui
não um nome de pessoa ou de cousa, mas o
proprio verbo.

7º

O mestre escreve :	René ordêna :
Raul ! manda Carlos	Carlos ! segue o mes-
seguir-me	tre
prohibe-lh'o	— não o sigas mais
manda-o seguir-me	
outra vez	— segue-o outra vez
manda Paulo mostrar	— Paulo ! mostra
o relógio	o relógio
prohibe-lh'o	— não o mostra
	mais
manda mostrar outra	— mostra-o outra
vez	vez

8º

O mestre escreve :	Carlos ordena :
Carlos ! manda Raul	Raul ! escreve len-
escrever len-	tamente
tamente	

Carlos ! manda Pedro
escrever de-
pressa.

Pedro ! escreve de-
pressa.

9º

O mestre escreve :
Paulo ! manda Raul
assobiar
— manda René
não assobiar.

Paulo ordena :
Raul ! assobia
René ! não assobia.

10

O mestre escreve :
Raul ! pede a Carlos
para mostrar
um vestido
novo

Raul pede :
Carlos ! mostra um
vestido novo

— pede-lhe para
mostrar um
vestido velho

— mostra um
vestido velho

— pede a Paulo
para mirar
um menino
honesto

Paulo ! mira um me-
nino honesto

Raul	pede-lhe para mirar um me- nino desho- nesto.	—	mira um me- nino desho- nesto.
------	--	---	--------------------------------------

A mesma formação do verbo serve para mandar e para pedir, devendo o mestre fazer com que o alumno mude de attitude e de expressão de physionomia, segundo o sentido em que fallar.

P. O surdo-mudo omitta frequentemente os artigos ; qual o meio para lhe fazer sentir a importancia dessa palavra ?

R. Se elle diz, por ex.: dai-me pão — escreve-se a palavra pão sobre um papel, e se lh'o apresenta ; o surdo-mudo impacienta-se, e dirá por signaes que não é isso que elle pede. Então, fazendo-se de entendido, corrige-se-lhe a phrase, e dá-se-lhe o pão que elle pede.

P. Será então necessario começar de novo ?

R. Sempre que elle commetter essas faltas em seus pedidos, finge-se que se procura lapis e papel para escrever, e elle se apres-sará em corrigir a phrase que tiver escripto.

11º

O mestre escreve :

Raul escreve :

Raul !	manda João	João !	está attento
—	estar attento		
—	manda-lhe ser obediente	—	sê obediente
—	manda abraçar-te	—	abraça-me
—	dize-lhe está bom	—	está bom
—	prohibe - lhe ser desobediente	—	não sejas desobediente
—	prohibe - lhe ser travêso	—	não sejas travêso
—	diz-lhe que é máo.	—	é máo.

12º

Pedro ! manda Luiz
tomar o lapis

Luiz ! toma o lapis

— manda-o escrever

— escreve

Pedro	manda-o to- mar bolas	—	toma bolas
—	manda-o jo- gar	—	joga
—	manda Paulo tomar uma véla	Paulo!	toma uma véla
—	manda accen- dê-la.	—	accende-a.

13°

O mestre ordena :	Paulo chama e diz :
Paulo! manda Raul marchar di- ante de ti	Raul! marcha diante de mim
— manda Henri- que marchar a teu lado	Henrique! marcha a — meu lado
— manda João ir adiante do crucifixo	João! vai adiante do crucifixo
— manda Pedro sentar-se em cima da mesa.	Pedro! assenta-te em cima da mesa.

O mestre diz :

João ordena :

João ! manda Pedro Pedro ! põe um tin-
pôr um tinte- teiro sobre a
ro sobre a ja- janella
nella

— manda Paulo Paulo ! dá papel a
dar papel a Henrique
Henrique

— manda dar-te — dá-me uma
uma carta carta

— manda Luiz Luiz ! lança a carta
lançar a carta sobre a cadeira
sobre a cadei-
ra.

Se o surdo-mudo tem difficuldade em dar estas ordens, é porque não conserva as lições do 1º gráo, e convem voltar a ellas.

P. Convem reproduzir o modo indicativo subordinado ao imperativo ?

R. Sim, afim de familiarizar o alumno com as diversas terminações do indicativo,

e ir pouco a pouco desfazendo o habito de fallar pelo imperativo.

P. As ordens que se transmittem aos alumnos não devem conter senão uma só acção?

R. Sim, no principio ; mas, á medida que a instrucção progride, o mestre deve exercitar o surdo-mudo em transmittir ordens que contenhão mais de uma acção, e de baixo de fórmãs differentes, para exercitar a sua memoria, e habitua-lo a mudar de formulas phraseologicas. Ex. :

Luiz ! manda Pedro estar attento, tomar uma penna, escrever, olhar para mim, e depôr a penna sobre a mesa.

P. A traducção da phrase indicativa em phrase imperativa a que se obriga o alumno, é, portanto, um exercicio quasi mecanico?

R. Não, quando o mestre tem o cuidado de subtrahir aos olhos do alumno o convite escripto que lhe fez.

P. Para que fim deve-se fazer isso ?

R. Para que o alumno não se habitue a ser simples copista, e sim a esforçar-se para lembrar-se da phrase e das palavras que deve empregar.

Segunda serie

Primeiro modelo de lição

O mestre ordena : Raul chama e ordena :

Raul ! chama Pedro e

Carlos

Pedro ! Carlos !

Manda-lhes rir

— ride

Manda-lhes ajoelhar-se

— ajoelhai-vos

Manda-lhes saudar-me

— saudai ao mestre

Manda-lhes assentar-se

— assentai-vos

Manda-lhes levantar-se

— levantai-vos.

P. Para que fim é esta nova serie de lições ?

R. Para familiarizar os surdos-mudos com o plural dos verbos no imperativo, e ensinar-lhes o emprego do pronome—lhes.

2º

O mestre escreve :

René escreve :

René ! manda Luiz e João
correr e corre com elles

Luiz, João e eu
corramos

Manda-lhes correr e corre com elles	— corramos
Manda-lhes despentear-se e despenteia-te com elles	— despentee- — mo-nos
Manda-lhes procurar Carlos, e procura-o com elles.	— procuremos — Carlos.

3º

Luiz ! manda René e Pedro	René! Pedro! con- duzir Paulo e João	duzi Paulo e João
Manda-lhes bater	— batei-os	
Manda-lhes esconder-se	— escondei-vos	
Manda-lhes ameaçar-me	— ameaçai o mes- tre	
Manda-lhes a c o m p a - nhar-me	— acompanhai-o.	

À intelligencia e á bôa vontade do professor deixa-se a tarefa de variar as lições como melhor entender para o progresso do alumno.

P. Até agora o alumno tem respondido, approximando-se da pessoa que o chama;

não se póde ensinar-lhe a responder de outro modo?

R. Sim, ensina-se a responder pelo nome do interlocutor, ajuntando-se-lhe as qualidades exigidas pela polidez. É o objecto da seguinte lição.

Serie complementar

Primeiro modelo de lição

O mestre chama	Paulo responde :
Paulo !	Sr. professor !
O capellão chama	
Paulo !	Sr. capellão !
A Sra. D. F. chama	
Paulo !	Sra. D. F !

P. Que sentido ligão os mudos ás expressões Senhor e Senhora ?

R. Ao principio ligão uma significação vaga de homem e de mulher, depois de pessoas de ordem superior, e, finalmente, a idéa de polidez, como o fazem os meninos que ouvem.

P. É preciso explicar-se-lhes isso por signaes ?

R. Não; a intuição, o uso e a propria actividade mental o ensinarão.

P. O surdo-mudo que aprende a significação dos nomes pelo desenho dos objectos

não está exposto a confundir-se na lembrança das cousas e de suas representações ?

R. Sim, mas procura-se fixar sua attenção alternativamente sobre as imagens, sobre os objectos que ellas representam, e sobre as palavras que exprimem a idéa.

P. Não é difficil consegui-lo ?

R. Não ; basta algumas lições em acção para impedir a confusão destas tres cousas.

2º

O mestre ordena:

Luiz ! Desenha um chapéo
— escreve a palavra chapéo

Carlos ! mostra o desenho do chapéo
— mostra a palavra chapéo
— mostra desenhos
— mostra escriptas
— mostra cousas
— mira-te no espelho
— mostra a tua imagem
— mostra a tua pessoa.

Convem contentar-se com o desenho o mais tosco ; se nem isso o alumno fôr capaz

de fazer, pede-se-lhe que mostre os desenhos feitos por outros.

P. Como se ensina os participios presente e passado?

R. O sentido do verbo de que os participios se derivão ensina-se por intuição sob a fórma imperativa ; quanto á idéa de actividade ligada ao participio presente, e de passividade ligada ao participio passado só pelas imagens se póde bem explicar.

P. Então a linguagem dos factos é impotente para esclarecer este ponto ?

R. Não, porém será sempre bom verificar por lições semelhantes ás duas seguintes, se o alumno sabe bem a verdadeira significação destas duas fórmas do verbo.

3º

O mestre ordena :

Pedro ! saúda Paulo e Luiz
— abraça Pedro e Henrique

João ! mostra o menino saudante
— mostra o menino saudado
— mostra o menino abraçante
— mostra o menino abraçado.

O mestre terá o cuidado de fazer notar que a segunda parte da lição tira sua significação da execução precisa da ordem dada na primeira parte.

4º

Luiz ! traze-me uma pedra rachada
— traze-me uma pedra quebrada
— traze-me um papel marcado
— traze-me um papel não marcado
— traze-me uma pedra não rachada.

P. Todo verbo conhecido sob a fôrma imperativa serve para fazer comprehender a fôrma indicativa. Os nomes poderão servir para fazer comprehender os verbos que delles se derivão?

R. Sem duvida ; mas, para que não sejam confundidos, é necessario empregar o derivado e o radical, cada um na sua formula propria.

5º

Luiz ! toma uma escova
— escova-me
— toma uma raspadeira
— raspa o papel.

P. Certos verbos não podem também dar a intelligencia dos nomes abstractos ?

R. Suppômos que o alumno comprehende bem as palavras saltar, saudar, etc., portanto perto está elle de comprehender o que significa salto, saudação, etc. ; não será preciso senão pôr a lição em acção para que elles a comprehendão.

6º

João! faze um salto
— faze uma pirueta
— faze um sorriso

Vós e eu façamos um salto
— — façamos uma pirueta
— — façamos um passeio ao jardim
— — façamos uma volta na classe

etc., etc.

P. Para dar uma idéa da multiplicidade de significação de um grande numero de palavras, é necessario esperar que a intelligencia do menino esteja bem desenvolvida?

R. Não, é melhor tratar logo dessas

imperfeições da lingua, procurando sempre sujeita-las aos factos.

P. Vejamos os exemplos.

R. Fazer, toma-se no sentido de construir e de mandar, assim :

7º

Raul ! faze uma corneta de papel
— faze João recuar
— faze uma cruz com duas pennas
— fa-las cahir no chão

etc., etc.

8º

Luiz—João Fazei José correr
— — Fazei-o saltar
Vos e eu Façamo-lo parar
— — Façamo-lo ficar quieto

P. Até aqui não se tem feito uso da linguagem dos signaes ; não se presta ella ao ensino da lingua ?

R. Presta-se, mas como o uso della póde trazer inconvenientes, é melhor que o professor não a use senão com grande circumspecção.

P. Para ensinar algumas expressões, o mestre poderá sem inconveniente usar dellas?

R. Principalmente para o ensino dos verbos que exprimão acções, que não possam ser executadas na aula.

P. Não será conveniente fazer o alumno distinguir o facto real do simulado?

R. Sem duvida alguma; é preciso, porém, ter nisso muito cuidado.

9º

O mestre manda a Pedro e a Raul :

Pedro ! finge comer Raul ! come realmente

— finge beber — bebe

— finge escrever — escreve.

P. Por que, quando se manda Pedro fingir que coma, manda-se Raul que coma realmente?

R. Afim de que pelo contraste o alumno conheça o valor das duas expressões.

P. Quando o alumno estiver bem certo do sentido da palavra —finge— o mestre poderá fazer mais largo uso das imagens?

R. Sim, poderá então fazer uso da linguagem dos signaes. Supponhamos que

temos sob os olhos a imagem de um cavallo,
manda-se executar as ordens seguintes :

1ª

Finge	correr
—	galopar
—	saltar
—	empinar
—	embridar o cavallo
—	escova-lo
—	sella-lo
	etc.

O surdo-mudo comprehenderá todas estas ordens, e será capaz de executa-las. Com effeito, desde que elle conhece quem faz a acção, ou o objecto sobre que ella recae, concentra sua attenção sobre o verbo cuja acção se finge; ora o fingimento destas diversas acções não é mais do que o signal das palavras que servem para exprimi-las.

APPENDICE

§ 1º

Algumas noções do tempo

P. A intuição será incapaz de fazer comprehender as noções do tempo?

R. As noções do tempo, embora de natureza abstracta, adquirem-se por si mesmo!

Todo o surdo-mudo intelligente inventa signaes correspondentes ao presente, ao passado e ao futuro, e a intuição é um excellente meio de estender e de rectificar essas noções.

P. Como se procede para levar as noções de tempo á intuição dos factos materiaes?

R. Manda-se o menino fazer, uma depois de outra, duas acções, andar e rir, por ex.:

depois manda-se que outro execute essas duas acções ao mesmo tempo: *anda rindo!*

O mestre diz :

Carlos ! corre gritando
— grita batendo Paulo
— bate Luiz empurrando-o
— ri beliscando-me
— sahe saudando-me
— saúda-me entrando
— anda arrastando os pés.

P. Ahi está a attenção do alumno fixada sobre o tempo presente, e sobre o modo de exprimir a simultaneidade de duas acções. Mas como dar-lhe noção do futuro?

R. Dá-se-lhe noção do futuro, mandando-o fazer uma acção antes de outra, por ex. :
asoa-te antes de abraçar-me.

P. Para que o surdo-mudo conceba a idéa de anterioridade é necessario chamar sua attenção particularmente sobre a segunda acção, antes que elle execute a primeira?

R. Nada mais razoavel; é tambem preciso dar-lhe a principio a ordem contida na segunda parte da phrase—abraça-me, depois

quando o alumno vai executar essa ordem, detem-se, e se lhe mostra a phrase inteira :
assoa-te antes de abraçar-me.

O mestre diz :

Paulo ! passeia

— toma uma bengala antes de passeiar

— escarra

— tosse antes de escarrar

— assenta-te

— limpa o banco antes de sentar-te
etc.

P. Mas o surdo-mudo não conhece ainda o valor da locução *antes de*?

R. Por isso não é elle a quem primeiro se deve daessas ordens, mas sim a outro mais instruido. Ao surdo-mudo se dará essas ordens depois que elle tiver visto os factos que essas novas formulas exprimem.

P. A simultaneidade e anterioridade dão idéa da posterioridade, não é assim?

R. Sim ; e a posterioridade revela necessariamente a idéa do passado. É esta a razão por que nas lições seguintes se dá ordem de executar duas acções, começando pela que é executada depois : bebe depois de ter comido.

O mestre ordena :

Luiz! estuda depois de ter brincado
— assenta-te depois de ter corrido
— deita-te depois de ter rezado
— escreve depois de ter limpado a pedra
— lê depois de haver posto os olhos
— abraça-me depois de haver saudado
etc.

P. Não seria melhor pôr em scena dous alumnos ?

R. Não; é preferivel que as duas acções, simultaneas ou successivas, sejam feitas por uma só pessoa.

P. Por que ?

R. Porque, neste caso, a expressão é mais simples, e porque o surdo-mudo, executando elle mesmo as duas acções, adquire uma idéa mais clara das relações sobre que sua attenção é chamada.

P. Como os surdos-mudos exprimem a idéa do *dia presente* ?

R. Esta idéa que nós damos pela palavra *hoje*, elles exprimem mostrando com o dedo o logar em que o sol nasce, e com o ar de quem acompanha o seu curso até o occaso.

P. E a idéa dos dias passados ?

R. Lançando a mão para trás com o polegar estendido para exprimir *hontem*, com dous dedos estendidos para exprimir *ante-hontem*, e tres para exprimir mais dias.

P. E para exprimir *amanhã*, *depois de amanhã*, etc. ?

R. Por um movimento semelhante para diante, em vez de para trás.

P. É bem difficil ensinar-lhes a significação das palavras *hoje*, *hontem*, *amanhã* ?

R. Não ; o professor não precisa mais do que escrever todas as manhãs na pedra :

Hoje, segunda-feira
Amanhã, terça-feira.

No dia seguinte apaga *hoje* e *amanhã*, e escreve :

Hontem, segunda-feira
Hoje, terça-feira
Amanhã, quarta-feira
etc.

P. Será preciso continuar assim por muito tempo ?

R. Não, bastará pratica-lo por algumas semanas.

§ 2º

Primeiras noções do calculo

P. Os surdos-mudos sem instrucção têm signaes naturaes para designar o nome dos numeros ?

R. Sim, mas elles não contão além de 10, exprimindo os numeros pelos dedos.

P. O calculo deve ser-lhes ensinado por fórma differente da que se ensina aos que fallão ?

R. Não, porque é á intuição que se recorre para ensinar aos meninos os primeiros elementos do calculo.

P. Como se faz para que o alumno conheça o nome dos numeros ?

R. Como sempre, dando a um dos seus camaradas a ordem escripta de mostrar successivamente um livro, dous livros, tres livros, e dirigindo depois ao surdo-mudo a mesma ordem.

P. E as cifras ?

R. Para lhe ensinar o valor das cifras, se lhe apresentão como equivalentes nomes de numeros escriptos por extenso.

P. O surdo-mudo aprende facilmente a numeração ?

R. Aprende com tal facilidade que muitas vezes abusa-se della, sobrecarregando-se prematuramente a sua memoria de nomes de numeros de que elle talvez nunca fará uso.

P. Convem faze-los perder o habito de contar pelos dedos ?

R. Sim ; porque esses signaes naturaes não se prestão a traducções da numeração por cifras, e oppoem-se a que o espirito se apure sobre quantidades abstractas.

§ 3º

Do ensino religioso

P. Convem esperar que o surdo-mudo saiba exprimir-se por escripto para dar-lhes as primeiras noções religiosas ?

R. Não ; póde-se e deve-se começar cêdo a dar-lhe noções de Deus e da alma.

P. Não é necessario inspirar-lhe primeiro sentimentos religiosos ?

R. Estes sentimentos são innatos no surdo-mudo ; não se tem mais do que estende-los e fortifica-los.

P. Como se póde fortificar o sentimento religioso no surdo-mudo ?

R. Permittindo-lhe assistir com os outros meninos aos exercícios do culto, manifestando em sua presença a commoção que causa a vista das grandes scenas da natureza, ensinando-lhe o santo nome de Deus.

P. Os surdos-mudos não inventão signaes para exprimir a idéa de Deus ?

R. Não ; apenas, os meninos educados por familias devotas ligão a idéa de Deus a uma cruz.

P. Qual é o signal geralmente empregado nas escolas para designar o Ente Supremo ?

R. A mão direita disposta em fórma de D e levantada para o céo ; o rosto exprimindo espanto e admiração ; e depois os olhos meio fechados, e a cabeça inclinada em signal de respeito.

P. É preciso escolher dias, ou occasiões, para fortificar os sentimentos religiosos no coração do surdo-mudo ?

R. Fortifica-se o sentimento religioso no coração do surdo-mudo todos os dias e em

todas as horas pelos bons exemplos, e especialmente mostrando recolhimento durante as orações, e respeito ás pessoas e cousas dedicadas ao culto.

P. Como se estendem as primeiras noções de Deus ?

R. Chamando a attenção do surdo-mudo sobre os autores das cousas que o cercão : a casa, os móveis, as roupas, etc. ; — depois pergunta-se-lhe: fôrão os pedreiros que fizerão o céu? fôrão os marceneiros que fizerão o sol, a lua, as estrellas? fôrão os alfaiates que cobrirão as aves de pennas? etc., etc.

P. Desde que o surdo-mudo tiver idéas de Deus, poder-se-ha dar-lhe algumas lições dos dogmas?

R. Seria inopportuno.

P. E as imagens não serão uteis para a instrucção religiosa do surdo-mudo ?

R. Para o ensino da historia sagrada e da vida de Jesus-Christo são uteis, mas para o ensino das verdades abstractas que constituem a base da religião, não.

P. Por que ?

R. Porque o surdo-mudo, naturalmente

propenso a tudo materializar, as imagens, em vez de facilitar-lhe a abstracção, mais a difficultaria.

P. Como se lhe faz o signal para exprimir — *alma* ?

R. Mostrando-lhe com a mão a cabeça, séde da intelligencia, e o coração a do sentimento.

P. E este signal bastará para faze-lo comprehender o que é a *alma* ?

R. Certamente não.

P. Qual é, pois, o caminho pelo qual o surdo-mudo chegará a adquirir noções da alma ?

R. Vendo um cadaver elle adivinha que aquillo que animava o homem desappareceu ; a alma é pois para elle um principio da vida.

Perguntando-se-lhe se os animaes fallão, escrevem, pedem, elle sacudirá a cabeça, e, levando orgulhosamente a mão á cabeça, dirá mui promptamente que os animaes não comprehendem.

P. Crêde que o surdo-mudo chegará assim a conceber a immortalidade, e a espiritualidade da alma ?

R. É duvidoso ; é melhor dizer-lhe que

o corpo, que se póde vêr e tocar, morre, torna-se pó, entretanto que a alma é impalpavel, invisivel e que não morre.

P. Convem faze-lo decorar as orações da igreja antes que esteja em estado de comprehender-lhes o sentido ?

R. Não ; seria um trabalho excessivo sem vantagem para o estudo da lingua, e que, além disso, póde enfraquecer em alguns o gosto que têm para a instrucção religiosa.

P. Por isso, o surdo-mudo deixará de elevar o seu coração a Deus ?

R. Não ; elle fará orações por signaes, e aprenderá os mandamentos por formulas a seu alcance.

PARTE PRATICA

PROLEGOMENOS

A instrução do surdo-mudo provém da occasião, do imprevisto ; não é possível fixar-lhe previamente todos os detalhes.

Não se espere, pois, encontrar neste livro um tratado completo de ensino pratico, mas unicamente uma collecção de lições preparadas com cuidado, e graduadas de modo a aplainar as difficuldades que se encontram no estudo elementar da lingua portugueza.

Divide-se este livro em duas partes.

Na primeira, as lições, dispostas em grãos e em series, offerecem os primeiros traços da linguagem, as palavras mais indispensaveis, as fórmulas mais frequentemente empregadas ; o discipulo com ellas exercita-se principalmente em adquirir idéas, em comprehender,

apanhar e transmittir o pensamento de outro.

Na segunda parte encontram-se os meios de estender as idéas do discípulo, e os seus conhecimentos em nomenclatura, de dar precisão ao seu pensamento, de inicia-lo com phrases menos elementares, e, finalmente, de exprimir espontaneamente suas proprias idéas.

Divisão da primeira parte

A primeira parte divide-se em cinco grãos.

Á proporção que o alumno passa de um grão para o outro, vai crescendo a importancia do papel que elle representa : no primeiro comprehende, e o prova obedecendo ; no segundo dá ordens ; no terceiro responde ao que se lhe pergunta ; no quarto transmittre o pensamento do mestre; no quinto elle inter-roga por sua vez. As expressões e o modo por que dellas usa lhe são constantemente suggeridas.

A divisão por series corresponde ás complicações da phrase, a suas particularidades e a seus accidentes.

A proposição imperativa expressa ao principio por uma só palavra, depois por duas, por tres, e por quatro, manifestando sempre o pensamento em sua unidade elementar, é o ponto de partida.

O discipulo reconhece por si mesmo os elementos constitutivos da proposição : o verbo, o attributo, os regimens directo e indirecto, etc. As fórmulas neutra, activa e reflexiva são vistas successivamente, assim como a maior parte das relações que são expressas pelos *casos* nas linguas que têm declinação. Nada de tudo isto excede a intelligencia do surdo-mudo ; augmenta-se-lhe a força, applicando-o ao estudo das cousas, e das relações que ha entre ellas, emquanto que se a enfraqueceria se o applicassem prematuramente ao estudo dos accidentes grammaticaes.

O primeiro gráo contém tres series.

Na primeira o discipulo estuda a formula a mais simples, e a mais usual das phrases : nomes, verbos, adjectivos no singular. As mesmas formulas lhe serão ensinadas na segunda serie, mas complicadas pelo numero plural.

Phrases de construcção menos simples que as precedentes são ensinadas na terceira serie, com exercicios que têm por fim evitar os erros que commettem a maior parte dos meninos.

O segundo gráo divide-se em duas series, e leva o discipulo a apoderar-se do sentido do infinitivo, e a distinguir as relações da proposição imperativa com a formula infinitiva; o discipulo então fortalece sua memoria com as frequentes applicações de todas as formulas das phrases que elle já tem comprehendido, e que empregou no singular, e no plural.

O terceiro gráo tambem se divide em duas series, e inicia o discipulo no sentido da interrogação e da phrase indicativa, ensina a distinguir o presente, o passado e o futuro,

e as fórmulas por que estes tempos são expressos nas tres pessoas e nos dous numeros.

No quarto gráo a phrase indicativa destaca-se da interrogativa, e se apresenta subordinada á fórmula imperativa.

No quinto gráo a phrase imperativa tem por subordinada a interrogativa; o discipulo aprende progressivamente a questionar sobre as circumstancias capitaes de qualquer facto.

Em todos os gráos as mesmas palavras apparecem em novas combinações; as formulas que se derivão uma das outras fazem ao principio entrever o sentido das palavras, cuja significação esclarecem depois pouco a pouco, e mostram as diversas construcções. Deste modo, como já o dissemos, o discipulo vai representando um papel cada vez mais importante e activo.

Não rompais esta combinação muito calculada, esta unidade de plano, esta marcha progressiva, que uma falsa desconfiança das forças do discipulo julgará talvez arriscada.

Para remediar a falta de nexo que existe nas idéas do surdo-mudo é preciso que tudo nas lições seja racional e consequente; por este meio a reminiscencia torna-se para elle um guia tão seguro como para o que ouve e falla.

Como não se póde proseguir sem empregar as formulas phraseologicas as mais diversas, não se inquiete o professor por ficar em atrazo o conhecimento da nomenclatura; sem deixar-se atrazar com preocupações secundarias, marche sempre á conquista dos instrumentos que activão e facilitão as combinações do espirito do discipulo ao mesmo tempo que augmentão a força do professor.

A observação seguinte merece attenção muito particular :

« Nos titulos dos grãos e das series, e muitas vezes nos titulos das lições que têm por unico objecto facilitar as buscas, temos sido obrigados a nos servir dos termos adoptados pelos grammaticos, ainda que na classificação e encadeamento das difficuldades

tenhamos sempre procedido sem consideração á grammatica. Pedimos, portanto, muito instantemente aos senhores professores que não transcrevão esses titulos na pedra, afim de evitar que os alumnos os copiem em seus cadernos.

J. J. VALADE GABEL.



PRIMEIRA PARTE



I GRÁO

Primeira Serie

1ª LIÇÃO

Nomes proprios no vocativo singular

João !

Manoel !

Antonio !

Paulo !

Rodrigo !

F. !

O ponto de exclamação diante de cada nome corresponde á inflexão que damos á voz, quando chamamos alguém.—F. representa o nome do surdo-mudo a quem se vai dar a lição.

Não é necessario ensinar, nesta occasião, a distinguir as letras, nem o alphabeto manual ; o menino fallante não comprehende palavras e phrases antes de saber pronunciar isoladamente os caracteres do alphabeto ?

O modo pratico de dar a primeira lição é o seguinte:

O professor chama tres, quatro ou cinco alumnos que sabem lêr e escrever, e que merecem mais sympathia do surdo-mudo ; com aquelles e com este approxima-se da pedra, e collocando-se de modo que todos possam vêr não só o que escrever como as mudanças que fizer na physionomia, escreve o nome de cada um dos alumnos que sabem lêr e escrever, os quacs devem approximar-se do professor á proporção que fôrem vendo seus nomes escriptos. O surdo-mudo, vendo seus companheiros approximarem-se do professor de cada vez que este escreve uma palavra, comprehende a relação do nome com a pessoa, e começa a ter desejos de vêr a palavra que se refere a elle.

Quando o surdo-mudo, vendo executar as ordens contidas na segunda lição, quizer tambem *saltar, correr e dansar*, escreva-se então o seu nome, e fitando-se os olhos nelle, com um semblante affectuoso, elle comprehenderá, depois de alguma hesitação, a palavra escripta, e em pouco tempo

conhecerá os nomes dos seus quatro ou cinco companheiros, e a significação de outros tantos verbos neutros.

Depois que cada um por sua vez tiver acudido ao lêr seu nome na pedra, apaga-se o ponto de exclamação, que deve estar diante de cada nome, e manda-se mostrar o nome, apontando-se para a pessoa e vice-versa.

Na primeira hora de estudo, ou de aula, que se seguir, escreva-se, e repita-se muitas vezes os mesmos nomes e os mesmo verbos, mudando-se sempre a ordem em que fôrem escriptos, afim de que o surdo-mudo note a fôrma de cada uma das palavras, e não seja a successão uniforme, em que as tem visto, que lhe faça recordar o sentido.

É muito conveniente que o surdo-mudo tenha os olhos fixos na palavra, cuja acção elle executa, afim de associar a idéa com a expressão, e que se lhe manifeste satisfação quando mostrar que comprehendeu.

2ª Lição

Verbo neutro no imperativo

João! anda
 salta
 corre.
Manoel! assopra
 cospe
 avança
 recúa.

Por este modo o professor empregará todos os verbos neutros que exprimem acções dependentes da vontade, preferindo sempre os que fôrem mais communs na vida pratica.

Ao professor fica livre empregar ao mesmo tempo nesta lição o numero de alumnos que quizer e torna-la mais ou menos animada.

Não se esqueça que esta lição, como todas as que se seguem, são apenas modelos. Ao criterio e zêlo do professor deixa-se a escolha das palavras que sirvão para ensinar o ponto de que se tratar. A occasião, o lugar, a condição do alumno e mil outras circumstancias devem ser aproveitadas pelo professor para melhor conseguir o fim a que se propõe.

3ª LIÇÃO

*Verbo activo no imperativo com regimen
directo de pessoa*

Carlos! saúda Manoel
 acaricia João
 empurra Antonio.
Joaquim! belisca João
 morde Manoel
 abraça Antonio
 etc.

E por este modo o professor ensinará todos os verbos activos que exprimem acções physicas dependentes da vontade, e communs na vida pratica, tendo o cuidado de variar de regimens, afim de que o discipulo distinga a palavra que designa a acção da que designa a pessoa, e comprehenda que o mesmo verbo póde ter regimens diversos.

Antes de proseguir nas lições ensina-se o alphabeto manual pelo modo seguinte: á vista de uma das lições já dadas o professor manda por escripto que um dos discipulos mais adiantados mostre o *o*, o *s*, o *m*, o *v*; e depois que faça na pedra cada

uma destas letras, e, finalmente, que represente pela mão cada uma de per si.

Ao passo que o alumno mais adiantado fôr mostrando, fazendo e representando cada letra, o professor mandará o surdo-mudo imitar o seu companheiro. Assim proseguirá no ensino das demais letras, servindo-se sempre das lições escriptas na pedra, e começando pelas letras que a mão representa mais approximadamente, e acabando pelas que são inteiramente convencionaes.

Quando o surdo-mudo souber representar pela mão as 25 letras do alphabeto, habituai-o a estudar suas lições, repetindo com a mão cada letra da lição. É um meio de prender-lhe a attenção, e exercitar a memoria.

4ª LIÇÃO

*Verbo activo no imperativo com regimen
de cousa*

João!	mostra Paulo
	mostra mesa
	mostra banco.
Joaquim !	arrasta mesa
	arrasta banco
	arrasta cadeira.

Por este modo o professor ensinará:

1.º Um pequeno numero de nomes curtos e que exprimão as cousas mais communs, como : agua, leite, ovos, etc.

2.º Os nomes dos objectos da aula: tinteiro, penna, canivete, etc.

3.º E, finalmente, o nome de substancias que estiverem á mão, e que não podem ser representadas claramente pelo desenho: ferro, ouro, pau, barro, pedra, etc.

Escusado é recommendar que devem estar presentes todos os objectos de que se tratar.

Esta lição differe da precedente em serem empregadas as cousas e pessoas como regimens directos, e tem por fim mostrar ao alumno que servem

de regimen tanto os nomes de cousas como os de pessoas .

Para adiantar a decomposição da phrase—confrontai a cousa com a palavra que a exprime.

5ª LIÇÃO

Muitas acções sobre o mesmo objecto
Pronomes da 3ª pessoa

João ! mira Carlos
saúda-o
abraça-o.

Luiz ! saúda Maria
acaricia-a.

Convem não habituar o alumno á repetição inconsciente das mesmas palavras.

Depois de ter dado regimens diversos ao mesmo verbo, faça-se da mesma pessoa objecto de muitas acções, representando-a pelos pronomes.

Faça-se o discipulo notar que o nome masculino é substituido pelo pronome—o, e o feminino pelo —a.

Não é necessario esperar que cada lição esteja perfeitamente sabida para passar á outra, o que convem é recordar frequentemente as lições já dadas.

6ª LIÇÃO

*Verbo reflexivo. Pronomes da 1ª e da 2ª
pessoa*

João ! belisca Manoel
 belisca-te
 mira Joaquim.
Pedro ! mira-me
 assenta-te
 levanta-te
 saúda-me
 abraça-me.

Do mesmo modo todos os verbos que podem ter acção reflexiva.

Sendo os pronomes a palavra de mais difficil comprehensão para os surdos-mudos, é conveniente começar cedo o seu emprego, e insistir nelle frequentes vezes.

Para que o surdo-mudo comprehenda que o pronome—*eu*—não se applica só ao Professor, o Professor, quando tratar do emprego desse pronome, tenha o cuidado de mandar outras pessoas substitui-lo, e insistir no emprego do mesmo pronome.

7^a LIÇÃO

Verbo neutro com negativa

Paulo ! anda Paulo! não anda Paulo! anda outra vez
dança não dança dança outra vez
corre. não corre. corre outra vez.

Será conveniente que uma pessoa mande em um e outra no sentido contrario. A affirmativa e a negativa são explicadas pelo facto ; entretanto convem que ao começo o Professor faça com a mão o signal de *sim* e de *não*.

8ª LIÇÃO

Verbos activos e reflexivos com negativa

Pedro !	coça-te
	não te coça (*)
	assua-te
	não te assua.
João !	mira-me
	não me mira
	abraça-me
	não me abraça.
José !	saúda Pedro
	não o saúda.

Esta lição tem por fim habituar o discipulo a antepôr os pronomes pessoaes aos verbos com negativa. Como na lição 6ª, o Professor seja substituido por outras pessoas, e dirija-se successivamente a mais de um discipulo para que o surdo-mudo comprehenda bem que os pronomes—*me—te—se*—se applicão a qualquer pessoa.

(*) A regra da grammatica exige que a negativa leve o verbo para o subjunctivo; mas no c omeço da educação do surdo-mudo é indispensavel sacrificar por algum tempo essa exigencia grammatical, pois que trata-se de dar ao surdo-mudo a idéa da negativa por meio de palavras que elle já conhece. Quando o surdo-mudo estiver mais adiantado, facilmente se conseguirá delle a observação rigorosa da grammatica.

9ª LIÇÃO

Raul!	salta	Luiz!	não salta
	assovia		não assovia
	corre		não corre
	dansa.		não dança.

A negativa *não*—exprime a idéa de cessação do acto que se está praticando; esta lição, pois, tem por fim dar ao alumno idéa da prohibição absoluta.

Para conservar a attenção do alumno, e evitar que se distraia, ou durma, quando estuda, é conveniente que elle bata com o pé no chão á proporção que com os dedos vai figurando cada letra da lição que está estudando pela dactilologia. Quando ha muitos meninos, uniformizão-se os movimentos para serem menos incommodos.

10^a Lição

Adverbios de modo

João ! anda vagarosamente
anda ligeiramente
assôa-te fortemente
assôa-te brandamente
etc.

Os adverbios são tão facilmente comprehendidos pelo surdo-mudo, como fôrão os verbos e os substantivos; os adverbios despertão mais attenção do que os adjectivos, porque exprimem uma modificação do facto dependente da vontade.

O nome dos numeros empregados no começo como expressões adverbias, tem um sentido quasi abstracto, e não ha nisso inconveniente; portanto, na occasião de ensinar-se os adverbios ensine-se tambem o nome dos numeros até 10, pelo seguinte modo :

João ! Salta uma vez, salta duas vezes, corre tres vezes, etc.

Não convem ensinar de uma só vez muitos adverbios, o que convem é recordar sempre as lições já dadas, e liga-las, sempre que fôr possível, com a lição que se estiver estudando, ex. : abraça F. fortemente.

11ª LIÇÃO

*Os mesmos objectos com qualidades
distinctas*

João! mostra uma mesa redonda
 mostra uma mesa quadrada.
José! toma um livro grande
 toma um livro pequeno.
Joaquim! indica um menino bonito
 indica um menino feio.

E assim todos os adjectivos que exprimem qualidades materiaes.

Está entendido que devem estar á vista todos os objectos a que se referir a lição, e que suas qualidades sejam visiveis.

12ª Lição

A mesma qualidade em objectos differentes

- Paulo ! mostra um menino grande
 mostra um livro grande.
- João ! mostra um menino pequeno
 mostra um livro pequeno .
- Julio ! mostra uma calça branca
 mostra uma camisa branca .

Se o Professor notar que o surdo-mudo accusa por signaes, que facilmente são comprehendidos pelos que com elles convivem, a alguns dos companheiros de preguiça, golodice, e outros defeitos communs nas crianças, por este modelo lhe ensine os adjectivos — preguiçoso, goloso, ex. : mostra um menino goloso, etc.

A symetria, e a nitidez das lições escriptas na pedra influem muito para facilitar a comprehensão.

13ª LIÇÃO

Verbo—ser—no imperativo

João ! sê asseiado
 é bom
 não sê porco
 é máo.
Francisco ! sê attento
 é bom
 não sê desattento
 é máo.

Appliquem-se estes adjectivos aos discipulos cujo estado e procedimento justifiquem a recommendação.

As phrases—*é bom, é máo*,—devem ser expressas pelo Professor, a primeira levando a mão aos labios e retirando-a lentamente e com ar de satisfação, a segunda pela oscillação no ar do dedo indicador com ar de desprezo, ou de desagrado. É assim que as mãis procedem com os filhos que começam a fallar, e é uma pratica que desenvolve sentimentos moraes, sendo repetida muitas vezes.

14ª Lição

Verbo — Ter — no imperativo

Paulo ! tem uma faca
 corta pão.
José ! tem um lapis
 apara-o.
João ! tem um espelho
 mira-te.
Joaquim ! tem assucar
 come-o.

O verbo *ter* quasi nunca se emprega no imperativo, e aqui tem a significação de tomar. Como auxiliar só mais tarde se ensinará.

Esta formula é necessaria, assegura-o o Professor Vallade Gabel.

Desde esta lição, o surdo-mudo deve começar a escrever na pedra e na lousa.

15ª LIÇÃO

Preposições e adverbios de lugar

João ! anda diante de mim
 anda a meu lado
 anda atrás de mim.
Antonio ! salta entre mim e José
 corre até á porta
 ajoelha-te ao pé da porta.

E por este modo todas as preposições de relação, e adverbios de lugar que o Professor julgar necessários, tendo-se cuidado em não empregar verbos ou nomes que o surdo-mudo desconheça, para que sua attenção se concentre sobre a relação que as preposições e adverbios exprimem.

16ª Lição

Verbo activo com regimens directo e indirecto

Julio ! põe um livro sobre a mesa
dá uma penna a Carlos
dá um tinteiro a João.

Esta lição não differe da precedente senão em ter um complemento de mais, e em haver relação entre pessoas e cousas. Grande numero de preposições ensina-se assim ; tenha-se, porém, o mesmo cuidado recommendado quando se tratou dos adverbios.

Aqui convem começar os exercicios para ensinar a dividir as syllabas. Proceda-se do seguinte modo : escreva-se na pedra uma das lições dadas, e mande-se um discipulo mais adiantado mostrar as syllabas — ex. : mostra a syllaba *an*, mostra a syllaba *da*. Como exercicio escrevão-se diversas palavras, e mande-se separar com traços as syllabas, assim : *tin-tei-ro*.

O surdo-mudo o irá imitando, e no fim de alguns dias mostrará e escreverá todas as palavras em que houver a syllaba que se lhe indicar.

Segunda Serie

17.^a Lição.

Segunda pessoa do plural do imperativo

João ! Antonio ! andai
 correi
 saltai
 dansai.

As explicações perturbão o espirito, e fazem confusão ; o surdo-mudo nota por si mesmo a unidade e a pluralidade nas acções e nas cousas, e consequentemente os signaes de singular e plural dos verbos, dos substantivos e dos adjectivos.

18ª LIÇÃO.

João ! tu e eu andemos
tu e eu saltemos
tu e eu corramos.

João ! José ! vós e eu corramos
vós e eu dansemos
vós e eu gritemos.

E inutil dizer que o Professor deve executar as
mesmas acções que manda o surdo-mudo fazer.

19ª LIÇÃO

Continuação da precedente

João! José! saudai Luiz
saudai Paulo
abraçai Julio.
Vós e eu saudemos Luiz
abracemos Paulo
empurremos João.

Para que o surdo-mudo melhor comprehenda o valor do *nós* e do *vós*, é conveniente que elle mesmo mande fazer o que o Professor mandou, escrevendo na pedra, executando e mandando executar as ordens. Para ensinar a empregar o — nós — em lugar do — vós e eu — o Professor escreva a palavra — nós — e por baixo — eu e vós — repetindo esta formula até que o alumno mostre que sabe bem esse modo de expressão.

20ª Lição

Nomes communs no singular e no plural

Pedro! mostra um banco
mostra bancos
toma um chapéo
toma chapéos.

Esta lição e a seguinte têm por fim mostrar a elasticidade do nome commum, e ensinar a formar o plural.

21ª LIÇÃO

Distincção das pessoas das cousas

Julio ! chama Carlos, Luiz e Pedro
abraça estes meninos
chama Antonio, Francisco e Luiz
abraça estes homens
saúda estas mulheres
mostra um homem
mostra uma mulher
saúda estas pessoas
toma uma flôr
mostra um páo
mostra uma pedra
toca estas cousas
mostra cousas
mostra pessoas

22ª LIÇÃO

Regimen no plural com nomes proprios

João ! José ! saudai Paulo e Pedro
abraçai-os.

23^a Lição

Nós — *como regimen — verbo no plural com
regimen no singular*

João! José! vós e eu miremos Joaquim
saudemos-o
abracemos-o
assentemos-nos
cocemos-nos.

O valor dos pronomes não póde ser bem comprehendido senão pela pratica. O Professor, portanto, deve mandar que o alumno repita o que o Professor fizer entregando-lhe a varinha, de que deve usar, para apontar as lições na pedra.

24ª Lição

*Continuação da precedente — Vós — como
regimen*

Pedro ! João ! levantai-vos
abraçai-vos
mirai-me
saúdai-me
empurrai-me.

25^a LIÇÃO

Verbo no plural com negativa

João! José! andai
não andai.

Pedro! Luiz! vós e eu mostremos um
alumno porco
não o mostremos.

26^a LIÇÃO

Invariabilidade dos adverbios

Paulo! Antonio! saltai ligeiramente
vinde depressa
correi rapidamente
assoai-vos uma vez
assoai-vos duas vezes.

A invariabilidade dos adverbios torna-se saliente pelo seu emprego com os verbos no singular e no plural.

É bom repetir com esta a lição 10.^a

27^a LIÇÃO

Distincção da acção reciproca da reflexiva

João! José! mirai-vos reciprocamente
batei um *no* outro
mirai *a* vós mesmo
batei *em* vós mesmo.

A acção esclarecerá o sentido destas phrases, que entretanto servirão para gravar no espirito do surdo-mudo a idéa de reciprocidade.

28ª LIÇÃO

*Concordancia em numero do adjectivo com
o substantivo*

José mostra mesas redondas
mostra mezas compridas
mostra livros grossos
mostra livros finos
toma livros grandes
toma livros pequenos
mira meninos limpos
mira meninos porcos.

Emprega-se aqui o verbo no singular afim de
que o surdo-mudo veja que a concordancia em
numero é do substantivo, e não do verbo.

29ª LIÇÃO

O verbo—Ser—no plural do imperativo

José! João! sêde asseitados
 é bom
 não sêde porcos
 é máo.

Vós e eu! sejamos trabalhadores
 é bom
 não sejamos preguiçosos
 é máo.

Verbo—Ter—no plural do imperativo

José! João! tende uma faca
 cortai pão
 tende uma escova
 escovai-vos.

Vós! e eu! tenhamos um lapis
 apparemos-o
 tenhamos uma penna
 escrevamos.

Joaquim e Julio! tende um espelho
 mirai-vos.

Vós e eu! tenhamos assucar
 comamos-o.

(Vide a nota da lição 14ª).

31^a Lição

Invariabilidade da preposição

José! João! assentai-vos a meu lado
assentai-vos ao lado de Pedro
dai uma penna a Carlos
dai um tinteiro a Julio.

É necessario dar esta lição no singular e no plural, e empregando a mesma preposição em phrases diversas, e diversas preposições com a mesma phrase.

Terceira Serie

32ª LIÇÃO

Modo de responder

O Professor escreve :	O alumno escreve :
Paulo !	Sr. Professor !
O Professor e Repetidor escrevem :	O alumno escreve :
Paulo !	Sr. Professor. Sr. Re- petidor.
Dous ou tres alumnos escrevem :	O alumno escreve :
Paulo !	Senhores alumnos.

Até aqui o alumno não tem respondido ao chamado por seu nome senão approximando-se da pedra, agora por este modo aprende a responder pelo nome de quem o chamar, juntando-lhe o qualificativo conveniente.

33ª Lição

*Distincção das palavras e das imagens das
pessoas e das cousas*

O Professor escreve:

Luiz ! desenha uma mesa
 desenha um chapéo
 escreve a palavra mesa
 escreve a palavra chapéo.

José ! mostra o desenho da mesa
 mostra a mesa
 mostra a palavra mesa
 mira este espelho
 mostra a tua imagem
 mostra a tua pessoa.

O Professor deve dar muitas lições sobre este
ponto.

34ª LIÇÃO

Distinguir o facto simulado do real

O Professor escreve: O Professor escreve:

Pedro !	Finge saltar	José !	salta
	Finge rir		ri
	Finge escrever		escreve
	Finge escovar-te		escova-te
	Finge assoar-te.		assoa-te.

35ª LIÇÃO

Fazer—seguido de um substantivo derivado

O Professor escreve :

Julio ! faz um salto
 faz um sorriso
 faz uma saudação
 faz um passeio.

O verbo—*fazer*—tem uma applicação tão extensa e tão variada, que é conveniente o Professor emprega-lo, sempre que puder, no sentido dos verbos activos. É tambem muito conveniente que o

professor ensine as expressões equivalentes, mostrando (sempre praticamente) que faz um salto, dá um salto, e salta—exprimem a mesma idéa. O que se diz sobre—salto—applica-se á carreira, volta, passeio, etc.

36^a LIÇÃO

Fazer—*no sentido de construir, formar,
produzir*

O Professor escreve :

Pedro ! Faze um chapéo com papel
Faze uma casa com livros
Faze uma cruz com lapis
Faze uma bola com pão.

Sobre este modelo o professor deverá estender as lições a todos os actos da vida commum, sem nunca se afastar da regra que manda só empregar palavras já conhecidas.

37ª LIÇÃO

Fazer — *no sentido de promover,*
provocar, etc.

O Professor escreve :

Luiz! Faze José dansar
Faze João rir
Faze um livro cahir
Faze um pião dansar
Faze um lapis saltar.

Tanto este modelo como o precedente devem
ser applicados no plural, ex. : façamos bolas com
pão ; façamos José rir, etc.

38ª LIÇÃO

Participios presente e passado

O Professor escreve :

Julio ! mostra o menino saudante
mostra o homem saudado
mostra um menino abraçante
mostra o menino abraçado.

Esta lição fixa a attenção sobre o modo de exprimir o estado activo e o passivo.

Manda-se executar a acção diante do alumno a quem se está ensinando ; emprega-se ora—o—, e ora—um—para melhor attrahir a attenção do alumno para o participio. Verifica-se se o alumno comprehende invertendo os papeis.

Não se deve começar esta lição sem precede-la de phrases que fixem o seu sentido. Assim manda-se um menino saudar a outro, e a um terceiro se manda mostrar o menino saudante, ex.: João saúda Antonio. José mostra o menino saudante, mostra o menino saudado.

39ª LIÇÃO

*Participio passado empregado como
adjectivo*

O Professor escreve :

Julio ! traze-me uma lousa quebrada
traze-me uma lousa rachada
mostra-me papel rasgado
mostra-me uma penna aparada
mostra-me uma calça manchada
mostra-me papel não manchado
mostra-me uma penna não aparada.

Sempre que fôr possível faça-se o alumno comprehender a differença que ha nas expressões: assim mostra-se que *rachada* não é o mesmo que *quebrada*.

40ª LIÇÃO

Verbo seguido de um adjectivo

O Professor escreve:

Henrique! sahe descalço
entra calçado
sahe coberto
entra descoberto
passeia abraçado
corre separado.

É conveniente não separar as antitheses, e mostrar-lhe que a syllaba *dis*, *in*, etc., equivalem á negativa *não*.

Sobre estes dous modelos de lição o Professor fará repetidos exercicios para mostrar que os participios passados e os adjectivos são derivados dos verbos, ex.: Antonio *quebra* um lapis. José mostra o lapis *quebrado* por José.

41^a LIÇÃO

Simultaneidade de acção pela mesma pessoa

O Professor escreve :

Julio ! corre rindo
salta gritando
passeia mirando José
corre saltando
abraça-me gritando
anda assoviando.

Esta lição e as duas seguintes devem ser dadas também na 1^a e 2^a pessoa do plural.

Ellas têm por fim fazer comprehender a simultaneidade e a successão de duas ou mais acções, base fundamental da concordancia dos tempos.

Sobre esta lição fação-se exercicios recomendados para as lições antecedentes.

42ª Lição

*Relação de acto posterior com o anterior
praticados pela mesma pessoa*

O Professor escreve :

José ! anda depois de haver gritado
mostra um lenço depois de haver
dansado

corre depois de haver batido a mesa
abraça-me depois de me haver sauda-
do.

A gradação das difficuldades exige que se dê
aos dous verbos o mesmo sujeito, mais tarde se
empregarão sujeitos diversos.

Proceda-se do mesmo modo com a relação do
acto anterior com o posterior.

Nesta lição o Professor deve começar a fami-
liarizar o alumno com o auxiliar — ter — em-
pregando ora — haver — ora — ter — de fórma
que pela pratica o surdo-mudo fique sabendo
que é o mesmo dizer : *ter gritado* ou *haver gri-
tado*.

Observações geraes

Quando o discipulo souber bem as lições antecedentes, é de muita vantagem exercita-lo na execução de ordens que tenham mais de uma acção; por exemplo :

José ! chama Pedro, saúda-o, e abraça-o.

José ! mira-me, corre, e assenta-te.

Tambem é de summa vantagem para excitar-lhe a attenção, desenvolver a memoria, e prepara-lo para a reflexão, fazer exercicios sobre o seguinte modelo:

1 Paulo !	4 mostra	7 uma mesa
2 João !	5 abre	8 a porta
3 José !	6 arrasta	9 uma cadeira.

Com estas nove palavras formão-se vinte e tantas proposições. O exercicio faz-se assim : o Professor com uma flexa aponta os ns. 1, 4, e 9 Paulo mostra uma cadeira aponta os ns. 1, 5, e 8 Paulo abre a porta e assim por diante, combinando os algarismos para formar phrases.

II GRÃO

Primeira Serie

43ª LIÇÃO

Chamar — no imperativo

O Professor escreve : O alumno escreve :

João !	chama Pedro	Pedro !
	chama Paulo.	Paulo !
Paulo !	chama José	José !
	chama X.	X !

44ª Lição

Aplicação do verbo neutro

O Professor escreve : O alumno escreve :

João !	chama Pedro	Pedro !
	manda elle dansar	dansa
	chama José	José !
	manda elle saltar.	salta.

Henrique !	manda José correr	José !	corre
	manda elle saltar.		salta.

É essencial que as ordens sejam escriptas cada uma por sua vez, e que sejam executadas mais de uma vez pelos que já souberem, antes de se mandar executa-las pelo discipulo a que se está ensinando.

Depois que o alumno mostrar que comprehende bem as duas ordens, o Professor deve reuni-las assim : Henrique ! chama José ; manda-o dansar, etc.

Nestas lições de applicação os exercicios devem ser repetidos, e variados, aproveitando-se o Professor de todos os factos da occasião. Está entendido que nunca deverá esquecer a regra capital

de não servir-se senão de palavras já conhecidas pelo alumno e de factos que o interessassem e divirtão. (*)

45^a LIÇÃO

Aplicação do verbo activo

O Professor escreve: O alumno escreve:

João ! manda José saudar

Paulo José ! saúda Paulo
manda elle mirar

Francisco mira Francisco
manda elle abraçar

Luiz. abraça Luiz.

Deve-se dar por complemento directo destes verbos, e dos que o Professor preferir empregar, os nomes das pessoas e das cousas conhecidas pelos discipulos.

(*) No livro *Noções de Grammatica* do Dr. Menezes Vieira o Professor encontrará modêlos para exercicios que fortifiquem as noções dadas até aqui.

46ª LIÇÃO

*Nomes de cousas e de pessoas com regimen
directo*

O Professor escreve : O alumno escreve :

Pedro ! manda Paulo	
mostrar Carlos	Paulo! mostra Carlos
— Manda elle mos-	
trar tinta	— mostra tinta
— Manda elle mos-	
trar giz.	— mostra giz.
João ! manda José	
beber agua	José, bebe agua
— Manda elle comer	
pão	—come pão
— Manda elle abra-	
çar Luiz.	— abraça Luiz.

O discipulo a quem se vai dar a lição, deve estar á direita do Professor, e ter á sua direita o companheiro a quem tem de transmittir a ordem que recebe; de fórma que não lhe será preciso mais do que

voltar-se para a esquerda, quando tiver de attender ao Professor, e para a direita quando tiver de dirigir-se ao seu companheiro. Esta collocação influe muito para o discipulo bem comprehender a significação dos pronomes *Eu, Tu, Elle*.

Desta lição em diante o Professor deve ter muito cuidado no emprego dos artigos, para que o alumno comprehenda o valor dessa palavra. Assim, o Professor nunca empregará o artigo, senão para designar o unico objecto que existir na sala, ou outro de que já tenha tratado, e que o alumno conheça, e se lembre. Sempre que existirem na sala muitos objectos iguaes o Professor abstenha-se de empregar o artigo, e falle por modo indeterminado.

47^a LIÇÃO

*Os pronomes—a—o—, como regímen
precedendo o infinitivo*

O Professor escreve : O alumno escreve:

João ! Manda Pedro
mirar Luiz.

Pedro, mira Luiz.

— Manda elle o saú-
dar.

— saúda-o

— Manda elle o abra-
çar.

— abraça-o.

José ! Manda Luiz
saudar Maria.

José, saúda Maria

— Manda elle a abra-
çar.

— abraça-a.

O meio de fazer o discipulo comprehender a differença do *O* e *A*, como artigo e como pronome —é quando se tratar do artigo só emprega-lo para designar objecto determinado, e pertencente ao alumno ou ao Professor, e quando se tratar de pronome mostrar ao alumno que *O*, tanto substitue o nome de João, como o de Antonio, o de

José ou de outro companheiro, dando-se o mesmo com o A.

Escusado é dizer que o Professor tem necessidade de fallar ao seu discipulo por signaes e gestos, assim como de aprender os que faz o discipulo; o que consegue facilmente no fim da primeira semana de communicação com o surdo-mudo.

No emprego dos signaes o Professor deve ser muito criterioso empregando só os que fôrem absolutamente indispensaveis, e procurando sempre obrigar o alumno a traduzir pela escripta o que disser por signaes.

É o meio de *pouco* a pouco habitua-los a exprimirem-se mais por escripto que pela linguagem mimica.

48ª Lição

Se—e—Te—*precedendo o infinitivo*

O Professor escreve:

O alumno escreve:

João! Manda Paulo

bater Carlos.

Paulo! bate Carlos.

— Manda elle se bater.

— bate-te.

— Manda elle se assentar.

— assenta-te.

— Manda elle se levantar.

— levanta-te.

— Manda elle te mirar.

— mira-me.

— Manda elle te abraçar.

— abraça-me.

— Manda elle te saudar.

— saúda-me.

Facilita-se a comprehensão desta lição, assignando os pronomes e os nomes a que elles substituem, ou os escrevendo com caracter de letra differente das outras palavras da phrase.

Se o alumno, em vez de escrever o pronome—

me,—escrever o seu proprio nome, o Professor fingirá procurar com os olhos na sala o individuo do nome escripto pelo alumno. O alumno, vendo o Professor procurar alguem, se apressará em mostrar que é elle o individuo do nome escripto ; então lhe mostrará que—te—substitue o nome de outro alumno, e perguntará o que substitue o nome do alumno a quem se dirige. É raro que o alumno não escreva immediatamente o pronome—me.

49ª LIÇÃO

O pronome — o — a — substituindo
uma phrase

João ! Manda Pedro

andar.

Pedro anda.

— Prohibe-lhe-o.

— não anda.

— Manda elle andar

mais.

— anda mais.

— Manda Luiz dansar. Luiz ! dansa .

— Prohibe-lhe-o.

— não dansa.

— Manda elle dansar

mais.

— dansa mais.

50ª LIÇÃO

A lição antecedente com negativa

João! Manda Pedro

assoar-se.

Pedro assôa-te.

— Prohibe-lhe-o.

— não te assões
mais.

Manda-lhe assoar-

se outra vez.

— assôa-te outra vez.

— Manda Paulo

saudar-te.

Paulo! saúda-me.

— Prohibe-lhe-o.

— não me saúdes
mais.

— Manda-o saudar-

te outra vez.

— saúda-me outra
vez.

Faça-se notar que na negativa o pronome antecede o verbo.

Será conveniente mandar o alumno repetir pela dactylologia as ordens que elle escrever, afim de fixar bem na memoria o sentido dos pronomes.

51ª Lição

Aplicação do adverbio de modo

João ! Manda José andar vagarosamente.	José ! anda vagarosamente.
— Manda Luiz andar ligeiramente.	Luiz ! anda ligeiramente.
— Manda Pedro coçar-se fortemente.	Pedro ! coça-te fortemente.
— Manda Augusto coçar-se brandamente.	Augusto ! coça-te brandamente.

O Professor terá o cuidado de empregar no infinitivo os verbos conhecidos pelo discipulo, e depois que elle souber bem a significação dos adverbios de modo, irá empregando os verbos que lhe occorrerem com os adverbios já conhecidos.

Sobre este modelo o Professor deve formar um grande numero de lições, que ensinem a significação e o emprego de todos os verbos e adverbios usados na vida commum.

52ª LIÇÃO.

Negativas

Paulo ! Manda Luiz Luiz ! salta.
saltar.

—Manda-o não saltar. — não salta.

—Manda-lhe assen- — assenta-te.
tar-se.

—Manda-lhe não as- — não te assenta.
sentar-se.

Esta lição no compendio de Vallade Gabel é para ensinar a reunião das duas particulas negativas—*ne-pas* — antes do verbo, facto que ainda não se tinha dado nas lições antecedentes em que a particula era representada pelo verbo—*defendre*.

Em portuguez não carecemos della para esse fim, mas sim para ensinarmos o emprego da negativa nas proposições affirmativas, ou determinativas.

Não se deixe o Professor levar pela exigencia grammatical de pôr o complemento da oração no subjunctivo, pelo contrario, tenha sempre em lembrança que se trata nesta lição de ensinar o emprego das negativas com os verbos no infinitivo, e que em tempo se ensinará a levar os verbos para o subjunctivo.

53ª Lição.

Emprego do verbo — Pedir.

João! Pede a Carlos	Carlos! mostra uma
o favor de mostrar	mesa redonda.
uma mesa redonda.	
— Pede-lhe o favor de	— mostra uma mesa
mostrar uma mesa	comprida.
comprida.	

Tenha-se sempre em vista que o surdo-mudo aprende a significação das palavras pela associação dellas com o facto.

A forma imperativa empregada para mandar e para pedir tem por fim mostrar ao discipulo que póde-se pedir e mandar com as mesmas palavras, e que é na expressão physionomica que está a differença.

Em portuguez não se póde conservar no infinitivo o verbo que serve de complemento ao verbo pedir, sem antepôr-lhe a phrase — *o favor de* — que só a pratica ensinará ao surdo-mudo a significação e o valor, sendo inuteis quaesquer explicações.

54ª LIÇÃO.

Appliação do verbo — Mandar

Pedro! Manda Paulo Paulo! mostra um
mostrar um livro livro grande.
grande.

— Manda-lhe mostrar — mostra um livro
um livro pequeno. pequeno.

— Manda-o mirar um — mira um menino
menino asseiado. asseiado.

— Manda elle mirar — mira um menino
um menino porco. porco.

55ª LIÇÃO

Continuação da precedente

João! Manda José ser José! sê asseiado.
asseiado.

— Manda-o estar at- — está attento.
tento.

— Manda-lhe abraçar- — abraça-me.
te.

— Diz-lhe que é bom. — é bom.

— Prohibe a Luiz de
ser porco. Luiz! não sê porco.

— Prohibe-lhe bater
José. — não bate José.

— Diz-lhe que é máo. — é máo.

As phrases — *é bom, é máo*, devem ser acompanhadas de gestos que exprimão o seu sentido moral, não só para serem bem comprehendidas, como para desenvolver os bons sentimentos do menino.

O Professor deve ter o cuidado de mostrar ao surdo-mudo a equivalencia das phrases. — Nesta lição, por exemplo, deve-lhe mostrar que — *diz-lhe* — *manda-lhe* — e *prohibe-lhe* são equivalentes.

56^a Lição

Continuação da precedente

Pedro! Manda Luiz

ter uma faca.

Luiz! tem uma faca.

— Manda elle cortar

pão.

— corta pão.

— Manda-lhe haver

uma penna.

— ha uma penna.

— Manda-o escrever.

— escreve.

Veja-se a nota da lição 14.^a

57^a Lição

Emprego dos adverbios de logar

José! Manda Pedro	Pedro! anda diante
andar diante de ti.	de mim.
—Manda Luiz andar	Luiz! anda ao lado
ao lado de João.	de João.
—Manda Paulo andar	Paulo! anda atrás do
atrás de mim.	Sr. F.
—Manda-o ajoelhar-	—ajoelha-te diante
se diante da porta.	da porta.
—Manda elle saltar	—salta atrás da ja-
atrás da janella.	nella.
—Manda elle assen-	—assenta-te sobre a
tar-se sobre a mesa.	mesa.

Sobre este modelo de lição o Professor tem muito que ensinar, servindo-se de todos os objectos e acções communs na vida domestica. Ha um ponto, porém, essencial, e é: quando tiver de ensinar nomes novos, empregue sempre as fórmulas conhecidas pelo discipulo, e vice-versa.

58ª LIÇÃO

*Continuação da precedente com preposições
de relação*

João! Manda Pedro Pedro! põe um livro
pôr um livro sobre sobre a mesa.
a mesa.

—Manda-o pôr o tin- —Põe o tinteiro so-
teiro sobre o banco. bre o banco.

—Manda-o atirar a —Atira a penna de-
penna debaixo da baixo da mesa.
mesa.

O emprego dos artigos começa a ser necessário,
e deve ser feito sempre com muita precisão.

Começa-se também as abreviaturas nos nomes
próprios para ganhar tempo.

Segunda Serie

59ª Lição

*Appliação da segunda pessoa do plural do
imperativo*

João ! Chama Pedro e

Luiz.

Pedro ! Luiz !

—Manda-os dansar.

—dansai.

—Manda-lhes asso-
arse.

—assoai-vos.

—Manda elles bater
á porta.

—batei á porta.

—Manda-lhes abrir a
janella.

—abri a janella.

60ª LIÇÃO

Aplicação da primeira pessoa do plural

João! Manda Luiz e Luiz! José! vós e eu
José andar, e anda andemos.
com elles.

—Manda-os saltar e —Vós e eu salte-
salta com elles. mos.

—Manda-lhe correr, —Vós e eu corra-
e corre com elles. mos.

61ª LIÇÃO

Continuação da precedente

Luiz! Manda João e João! José! empurra;
José empurrar Paulo e Luiz.
Paulo e Luiz.

—Manda-lhes empur- —Empurrai-os.
ra-los.

—Manda-os saudar- —Saudai o Sr. F.
me.

62ª LIÇÃO

Emprego do pronome—os

Julio, e Luiz ! Cha-
mai Pedro e Paulo. Pedro ! Paulo !
—Mandai-os escovar-
vos. —escovai-nos.
—Mandai-os abra-
çar-vos. —abraçai-nos.
—Mandai-os mirar-
vos. —mirai-nos.

Aos Professores fica livre o continuarem as lições no plural sobre os mesmos modelos dados para o singular na segunda serie do 1º gráo.

É de summa vantagem ir pouco a pouco habituando o discipulo a dar muitas ordens a uma só pessoa, e a dirigir-se successivamente a mais de uma pessoa.

III GRÁO

Primeira serie

63^a Lição

*Chamar a attenção do alumno para o sujeito
da proposição—quem*

O professor pergunta
depois de ter dado a
ordem: João ! chama
Pedro.

O alumno responde :

José ! quem chama Pedro ? João.

quem chama Luiz ? Francisco.

o que faz João ? João chama
Pedro.

o que faz Francisco ? Francisco
chama Luiz.

Para que o surdo-mudo comprehenda a phrase interrogativa é necessario: 1º, que saiba bem a primeira serie do primeiro e segundo gráo ; 2º, que se repitão na sua presença os factos sobre que se interroga ; 3º, que um outro alumno mais

adiantado responda antes daquelle a quem se vai dar a lição.

Preenchidas estas condições, a relação da pergunta com a resposta se revelará por si mesma aos olhos do surdo-mudo.

Deve-se começar por dirigir a interrogação sobre o sujeito da proposição : *Quem dança?* e não sobre a affirmação ou negação : *F. dança?* ou *F. não dança?*

Depois dirige-se a interrogação sobre a natureza da acção, afim de provocar a substituição da phrase indicativa pela phrase imperativa.

64ª LIÇÃO

Chamar a attenção sobre a acção

O Professor pergunta
depois de dada a ordem : Pedro ! dança. O alumno responde :

João !	quem dança ?	É Pedro.
	quem salta ?	É Luiz.
	quem anda ?	É José.
	o que faz Pedro ?	Pedro dança.
	o que faz Luiz ?	Luiz salta.
	o que faz José ?	José anda.

A diversidade das acções facilita a comprehensão das expressões *quem*, e *o que faz* ; approximão-se as perguntas das respostas para que o alumno veja que o nome do sujeito é substituido por — *quem* — nas primeiras perguntas — e que nas seguintes perguntas — conserva-se o nome do sujeito; e as palavras — *o que faz* — correspondem á acção cuja expressão está na resposta.

65ª Lição

Chamar a attenção para o regimen directo

O Professor pergunta : O alumno responde

José ! quem Luiz saúda ? É Pedro.
 quem elle abraça ? É João.
 quem elle mira ? É Francisco.

Carlos quem tu miras ? Augusto.
 quem tu acaricias ? Luiz.

Todas as vezes que se interroga o alumno sobre o que elle faz, é essencial que a resposta seja dada primeiramente pela dactylologia sem interrupção da acção sobre que versar a perguntá, afim de que haja harmonia entre a idéa e a sua expressão ; assim, por exemplo, quando se pergunta : — tu dansas ? — o alumno deve responder pela dactylologia dansando — eu danso. Se parasse para escrever a resposta se exprimiria no presente, quando já existia no seu espirito a idéa do passado.

66^a LIÇÃO

*Quem — substituido pelo regimen directo na
resposta*

O Professor pergunta: O alumno responde:

José! *quem* Pedro
mostra?

Pedro mostra *José*.

— *o que* Pedro mos-
tra?

Elle mostra *giz*.

— *o que elle* mostra
agora?

Elle mostra *tinta*.

Julio? *quem* Luiz
escova?

Luiz escova *Antonio*.

— *o que* Luiz escova?

Elle escova *uma calça*.

— *o que elle* escova
agora?

Elle escova *um pa-
letot*.

Traçando as palvras *quem*, *o que*, e as que lhes
correspondem na resposta, chama-se a attenção
do alumno, e elle comprehende facilmente *que—
quem* — se refere ás pessoas, e — *que—* se refere ás
cousas que soffrem a acção do verbo, e que ambas
substituem as palavras que são o regimen directo.

67^a Lição

Emprego dos pronomes—o, a, eu, tu

O Professor pergunta : O alumno responde :

João ! que faz Pedro ? Pedro mira Luiz
 elle o saúda
 elle o abraça.

Um alumno pergunta : Pedro responde:
Pedro ! que fazes tu ? Eu miro Luiz
 eu o saúdo
 eu o abraço.

Eu e tu serão facilmente comprehendidos collocando-se os alumnos interlocutores ao lado um do outro, e voltando-se um para o outro apenas tenham concluido uma pergunta, e o outro a resposta.

68^a LIÇÃO

O emprego de—tu— nas respostas

O Professor pergunta : O alumno responde :

Pedro ? o que fazes tu ? Eu miro Luiz
 eu o saúdo
 eu o abraço.

Luiz ! o que faço eu ? Tu me miras
 tu me saúdas
 tu me abraças.

69ª LIÇÃO

Quem é que—sim—, não

O Professor pergunta : O alumno responde:

João ! Quem é que toca José ! É Luiz.

Quem é que se toca ? É elle.

Quem é que coça Pedro ? É Manoel.

Quem é que se coça ? É elle.

Joaquim responde:

Joaquim ! Augusto mi- Sim, Augusto mi-
ra-se ? ra-se.

— Elle se coça ? Sim, elle coça-se.

— Elle te mira ? Não, elle não mi-
ra-me.

— Elle te saúda ? Não, elle não saú-
da-me.

— Elle te abraça ? Sim, elle abraça-me.

Depois de chamar a attenção do alumno sobre o sujeito, sobre a acção, e sobre o regimen directo, chama-se sobre a affirmação o sobre a negação. Tenha-se em muita attenção que nas perguntas os pronomes antecedão o verbo, e nas respostas succedão. Estas lições devem ser muito bem sabidas. E isso se conseguirá facilmente se o Professor

aproveitar as pessoas e os factos presentes para fazer exercicio. Ex.: quem está no jardim? É o jardineiro. Elle dorme? Não, elle trabalha. Elle cava a terra? Sim, elle cava a terra, e planta.

70ª LIÇÃO

Sim, *affirmativo*; *interrogação pela fórma negativa*

O Professor pergunta: O alumno responde:

Luiz! Pedro anda? Sim, Pedro anda.
— Elle não anda mais? Sim, elle anda ainda.
— Elle anda ainda? Não, elle não anda mais.

Julio! Paulo dança? Sim, elle dança.
— Elle não dança mais? Sim, elle dança ainda.
— Elle ainda dança? Não, elle não dança mais.

Aqui apparecem os primeiros exemplos de interrogação com negativas; exercicios repetidos pelo modo indicado na lição antecedente são muito uteis.

71ª Lição

Continuação da interrogação com negativa

O Professor pergunta: O alumno responde :

João! Paulo salta?	Sim, Paulo salta.
Elle corre?	Sim, elle corre.
Elle dança?	Sim, elle dança.
Luiz salta?	Não, Luiz não salta.
Elle não corre?	Sim, elle corre.
Elle não dança?	Sim, elle dança.

72ª LIÇÃO

*Chamar a atenção para o modo por que se
faz a acção*

O Professor pergunta : O alumno responde :

Manoel ! Augusto anda ? Sim, Augusto anda.

— José anda ? Sim, José anda.

— Augusto *como* anda ? Augusto anda *for-*
temente.

— José *como* anda ? José anda *branda-*
mente.

— Luiz corre ? Sim, Luiz corre.

— Pedro corre ? Sim, Pedro corre.

— Luiz *como* corre ? Luiz corre *rapida-*
mente.

— Pedro *como* corre ? Pedro corre *vaga-*
rosamente.

Proceda-se pelo modo por que se procedeu na
lição 10.^a

73ª LIÇÃO

O que é que ; que — *referindo-se a um regimen de qualidade*

O Professor pergunta : O alumno responde :

José! O que mostra

João ? (*)

Uma mesa redonda.

— O que é que mostra Pedro ?

Uma mesa comprida.

— O que é que pega

Luiz ?

Um livro grande.

— O que é que elle pega agora ?

Um livro pequeno.

Como já ficou dito, tenha-se o cuidado de só empregar verbos, substantivos e adjectivos já conhecidos pelo alumno.

Não se exija ao principio senão respostas muito curtas, e tenha-se o cuidado de occultar a pergunta logo que o alumno a tenha lido, e comece a escrever, afim de habitua-lo a conservar na memoria a idéa de que se occupa, e ir pouco a pouco respondendo por palavras diversas das empregadas na pergunta.

(*) Está entendido que previamente se manda praticar os factos sobre que vão versar as perguntas.

74ª LIÇÃO

Respostas com dous regimens de qualidade

O Professor pergunta : O alumno responde :

José! O que faz Paulo? Paulo mira um menino bonito, e um livro bonito.

— O que fazes tu? Eu mostro um menino pequeno, e um livro pequeno.

— O 'que faz Augusto? Augusto toca um paletot preto, e uma calça parda.

— O que faço eu? Tu mostras uma calça nova, e uma camisa velha.

Tenha-se cuidado em que o alumno, que executa a acção, o faça successivamente sem interrupção, para que o alumno a quem se interroga reuna os dous regimens na resposta. Para melhor fixar na intelligencia do menino a regra de que o

adjectivo exprime qualidades de diversas pessoas e cousas, fação-se repetidos exercicios sobre o mesmo adjectivo. Ex.—mira um livro bonito, um homem bonito, um quadro bonito, uma mulher bonita, etc.

Para verificar se o surdo-mudo está bem certo na applicação e valor dos adjectivos, o Professor escreverá na louza, ou em papel, um certo numero de adjectivos, e mandará que o alumno escreva o substantivo que tenha essa qualidade, por exemplo.

bonito

bonito

bonito

para o surdo-mudo escrever antes do primeiro—homem—do 2.º passaro—do 3.º livro—ficando assim.

homem bonito

passaro bonito

livro bonito

Á imaginação, gosto e zêlo do Professor fica variar estes exercicios.

75^a LIÇÃO

O verbo—Ser—na interrogação

É bom.

É máo.

O Professor pergunta: O alumno responde:

Luiz! quem é asseia-
do?

É Pedro.

— É bom?

Sim, é bom.

— Quem é porco?

É Augusto.

— E máo?

Sim, é máo.

— Quem é attento?

É Leopoldo.

— Emáó?

Não, é bom.

— Quem é desatten-
to?

É José.

— É bom?

Não, é máo.

— O que é grande?

É a pedra.

— O que é pequeno?

É o giz.

Nesta lição se leva o alumno a applicar por si mesmo a idéa do bom e do máo moral, e a distinguir o sujeito pessoa e o sujeito cousa.

Para exercitar o menino na applicação da phrase

—é bom, é máo—dê-se-lhe o seguinte exercicio para fazer no intervallo da aula.

..... é bom é máo
..... é bom é máo
é bom	é máo
é bom	é máo

O menino deverá apresentar ao professor escriptas antes das phrases—é bom—é máo—os nomes das cousas, ou as expressões dos actos a que sejam applicaveis os qualificativos de—bom—ou —de máo.

76ª LIÇÃO

O verbo—Ter—na interrogação

O Professor pergunta : O alumno responde

- Joaquim ! quem tem
uma penna ? É Luiz.
— Quem escreve ? É elle.
— Quem tem uma es-
côva ? É José.
— Elle se escova ? Sim, elle se escova.
— Paulo tem um Sim, elle tem um
lenço ? lenço.
— Elle se assôa ? Sim, elle se assôa.

Estenda-se esta fórmula ás pessoas e cousas que estiverem ao alcance do menino, fazendo-se repetidos exercicios pelo modelo indicado na lição antecedente.

77^a LIÇÃO

Preposições na interrogação

O Professor pergunta: O alumno responde

- José! diante de quem
tu andas? Diante de Carlos.
- Ao lado de quem
tu andas? A teu lado.
- Detrás de quem tu
andas? Detrás de Luiz.
- Diante de que es-
tá Antonio? Diante da pedra.
- Sobre que Luiz se
assentou? Sobre a cadeira.

Tenha-se em lembrança que as respostas, que o alumno tiver de dar sobre acções praticadas na occasião por elles, devem ser dadas primeiro pela dactylologia e depois na pedra.

Sobre esta lição tambem são uteis os exercicios feitos pelo modo indicado na lição 75.

Ex.:—tu andas diante de.....?
tu estás ao lado de.....? etc.

78ª LIÇÃO

Que—Quem— *Pessoas e cousas*

O Professor pergunta: O alumno responde:

Bento! quem põe um
livro sobre a mesa? É Pedro.

— Sobre que elle pôz
o chapéo? Sobre a mesa.

— A quem Paulo dá
uma penna? A Julio.

— Com que Luiz es-
creve? Com giz.

— Com que Augusto
escreve? Com lapis.

Convem muito insistir na distincção de—quem
—de—que — para que o surdo-mudo fique bem
certo de que — quem — applica-se a pessoas, e —
que — a cousas. O Professor deve servir-se de
todos os meios, ainda os que pareçam mais pueris,
para que o alumno distinga as cousas das pessoas,
e para que applique a estas — quem — e áquellas
—que.

Segunda Serie

79ª LIÇÃO

Presente, e passado indefinito do indicativo

O Professor escreve :

Paulo ! anda.

Julio ! coça-te.

Pedro ! arrasta a cadeira .

O Professor pergunta: O alumno responde :

José ! o que faz Paulo
agora ?

Elle anda.

— O que faz Julio
agora ?

Elle coça-se.

— O que faz Pedro
agora ?

Elle arrasta a ca-
adeira.

— Paulo anda ainda ?

Não, agora elle não
anda.

— Elle andou a pouco ?

Sim, elle andou.

— Julio se coça ainda ?

Não, agora elle não
coça-se.

— Elle coçou-se ha
pouco ?

Sim, elle coçou-se.

As idéas dos tempos, e dos modos dos verbos

nascem da acção das faculdades, do estudo dos factos materiaes, e da influencia das palavras.

Para ensinar o alumno a distinguir o presente do passado, e fixar sua attenção sobre as circumstancias do tempo, de que elle indubitavelmente tem consciencia, procede-se assim:

Manda-se successivamente Paulo, Julio e Pedro, por ex. : andar, assôar-se, e arrastar uma cadeira, e prolongar a acção até que José tenha respondido ás primeiras questões.

Quando José tiver respondido, e os seus compañeros tiverem cessado de fazer a acção que estavam fazendo, dirija-se a José as seguintes perguntas: — Paulo anda ainda? Elle andou ha pouco?

Depois de haver repetido este exercicio pelas vezes que o Professor julgar necessarias—e applicado o mesmo processo aos verbos que exprimirem acções mais communs e mais frequentes na vida do alumno, pôde-se proseguir.

É raro que o surdo-mudo intelligente não tenha inventado signaes para exprimir o passado, o presente e o futuro.

Ao Professor, e aos que convivem com elles cumpre servirem-se desses signaes para desenvolver-lhes a intelligencia e a instrucção.

Não se deve escrever todos os verbos de que se

quizer ensinar a significação, deve-se ir escrevendo cada um por sua vez, e só escrever o segundo quando a acção do primeiro tiver sido comprehendida e executada nos tres tempos.

80^a LIÇÃO

Futuro do indicativo

O Professor escreve:

Julio come feijão.

José come pão.

O Professor pergunta :

O alumno responde:

João! Julio come feijão
agora?

Não, elle não come
feijão.

— Elle comeu feijão ha
pouco?

Não, elle não co-
meu feijão.

— Elle comerá feijão
logo?

Sim, elle comerá
feijão logo.

— Elle come pão agora?

Não, elle não come
pão.

— Elle comeu pão ha
pouco?

Sim, elle comeu
pão ha pouco.

— Elle comerá pão
logo?

Sim, elle comerá
pão logo.

O Professor se servirá do nome das substancias que o alumno comeu no almoço, comerá ao jantar e á ceia — como factos que estão na memoria, e nos desejos do menino — ou de outras que lhe pareção de mais facil comprehensão ao alumno.

81^a LIÇÃO

Primeira pessoa do singular dos verbos conhecidos—Presente, passado e futuro

O Professor escreve :

João ! corre.

Salta.

Grita.

O Professor pergunta : O alumno responde :

José ! O que fazes tu
agora ?

Eu corro. (*)

Eu salto.

Eu grito.

(*) Está entendido que a pergunta deve ser em acto successivo á execução da ordem, e que a resposta deve ser dada pela dactylologia, quando se tratar do presente.

Luiz ! O que fez José

ha pouco ?

Elle correu.

Elle saltou.

Elle gritou.

—O que farás tu logo? Eu correrei.

Eu saltarei.

Eu gritarei.

Esta lição e as seguintes têm por fim habituar o alumno ás fórmulas dos tres tempos principaes nas tres pessoas do singular e do plural em todos os verbos já conhecidos pelo alumno.

São exercicios que convem fazer todos os dias para que o alumno, que já tem a idéa dos tempos, empregue com certeza os tempos e pessoas nos verbos.

Escusado é dizer que nunca se deve mandar conjugar verbos que exprimão acções abstractas ou desconhecidas pelo alumno.

82ª Lição

Segunda pessoa do singular

O Professor escreve :

Julio! ri.

Assopra.

Saúda José.

Julio pergunta:

João responde :

João ! o que farei eu
logo ?

Tu rirás.

Tu assoprarás.

Tu saudarás José.

— O que faço eu ago-
ra?

Tu ris.

Tu assopras.

Tu saúdas José.

— O que fiz ha pouco? Tu saudaste José.

— Eu chorei ?

Não, tu riste.

— Eu gritei ?

Não, tu assopraste.

83ª Lição

Terceira pessoa do singular

O Professor escreve :

João ! Ri.

Assopra.

Saúda Augusto.

Pedro pergunta :

José responde :

José ! O que fará João ? Elle rirá.

Elle assoprará.

Elle saudará Augusto.

— O que fez elle ?

Elle rio.

Elle assoprou.

Elle saudou Augusto.

Será bom não fatigar o alumno com estas lições, e dá-las uma ou duas vezes por semana, aproveitando sempre os factos que a ellas se prestem.

84^a Lição

Primeira pessoa do plural

O Professor escreve :

Luiz ! Augusto ! Correi.

Assoprai.

Saudai Manoel.

José pergunta: Luiz e Augusto respon-
dem :

Luiz ! Augusto ! o que Nós correremos.
fareis vós ? Nós assopraremos.
 Nós saudaremos
 Manoel.

— O que fazeis vós ? Nós corremos.
 Nós assopramos.
 Nós saudamos Au-
 gusto.

— O que fizestes vós ? Nós saudámos Au-
 gusto.

Pelo mesmo modo se dará lições sobre as
segundas e terceiras pessoas do plural.

Póde-se desde já dar lições sobre os nomes

dos dias da semana, e sobre os adverbios de tempo.

Para ensinar os nomes dos dias da semana o meio mais seguro e facil é o professor escrever todos os dias na pedra o nome do dia e da vespera assim : Lição de hoje *segunda-feira*, lição de amanhã *terça-feira*, lição de hontem *domingo*.

85^a LIÇÃO

— Ser e Haver — *Primeira pessoa do singular — Presente, passado e futuro*

O Professor escreve :

Julio ! Sê attento.

Sê obediente.

Julio ! Ha uma escôva.

Ha uma penna.

Paulo pergunta :

Julio responde :

Julio ! o que serás tu ? Eu serei attento.

— O que és tu ? Eu sou obediente.

— O que haverás tu ? Eu haverei uma escôva.

— O que has tu ? Eu hei uma penna.

— O que houvestes tu ? Eu houve uma escôva.

O verbo — *haver* — é aqui ensinado como verbo activo na accepção de — *alcançar, obter*.

Ao professor fica o cuidado de empregar os meios precisos para que o discipulo comprehenda

quando deve emprega-lo no sentido activo, no neutro para significar existencia, e como auxiliar de outros verbos, tendo em vista que os verbos — *ser* e *haver* — como auxiliares, cujo sentido não é tão claro para o surdo-mudo, como os outros verbos que exprimem acções visiveis, devem ser ensinados concurrentemente e em opposição um ao outro, afim de que o surdo-mudo não empregue um quando deve empregar o outro.

86ª LIÇÃO

Ser e Haver na segunda pessoa do singular. — Presente, passado e futuro

O Professor escreve :

José! Sé travêssô.
— Sé buliçoso.
— Sé engraçado.

José! Ha um livro.
— Ha um lapis.
— Ha uma regua.

José pergunta:

Julio! O que serei eu?
— O que sou eu?
— O que fui eu?

— O que hei eu?
— O que haveréi eu?
— O que houve eu?

Julio responde:

Tu serás travêssô.
Tu és buliçoso.
Tu foste engraçado.

Tu has um livro.
Tu haverás um lapis.
Tu houveste uma regua.

87ª LIÇÃO

Ser e Haver na terceira pessoa do singular.— *Presente, passado e futuro*

O Professor escreve :

Pedro pergunta :

Julio responde :

Luiz ! Sé bondoso.

José ! O que será Luiz ?

Luiz será bondoso.

— O que foi Luiz ?

Luiz é bondoso.

— O que é Luiz ?

Luiz foi bondoso.

— Ha sapatos.

— O que ha Luiz ?

Luiz ha sapatos.

— O que houve Luiz ?

Luiz houve sapatos.

— O que haverá Luiz ?

Luiz haverá sapatos.

Observações

Chegado a este ponto, o Professor deve combinar questões e ordens de modo que o alumno seja obrigado a responder, a perguntar por escripto, e a executar alguma acção. Ex.: João! tu me amas? abraça-me, e manda José passear.

Com exercicios neste genero o alumno comprehende facilmente os differentes modos de exprimir o seu pensamento, e vai pouco a pouco se habituando a empregar as diversas fórmulas da linguagem.

É muito conveniente retirar da vista do alumno a ordem ou pergunta que se lhe fizer, logo que elle a tenha lido com attenção, porque é pela lembrança que conservar das palavras, que elle aprende a apoderar-se do pensamento de quem com elle falla.

I V G R A O

88ª LIÇÃO

Dizer a... o que faz F.

O professor escreve: O alumno escreve:

Luiz! dize a José que José! João chama
João chama Pedro. Pedro.

— Dize-lhe que Paulo — Paulo chama
chama Augusto. Augusto.

— Dize a Francisco o Francisco! Pedro
que faz Pedro. chama Antonio.

— Dize-lhe o que faz Paulo chama
Paulo. José.

Francisco! dize a Luiz
que Pedro dança. Luiz! Pedro dança.

— Dize-lhe que Carlos
salta. Carlos salta.

— Dize a Julio o que
faz Pedro. Julio! Pedro dança.

— Dize-lhe o que faz
Carlos. Carlos salta.

As lições precedentes levarão o alumno ao

estado de comprehender o pensamento do Professor expresso pelo modo indicativo, e a poder modificar a expressão para transmitti-lo a outra pessoa.

Tratemos agora de familiarisa-lo com a transformação dos pronomes, de habitua-lo a empregar as palavras de que elle deve usar, e não se prohiba que elle exponha factos ainda não apresentados pelo Professor.

Para que o surdo-mudo faça esforço de memoria, e para que o pensamento do Professor se torne o pensamento do alumno, não se deve deixar á vista delle a ordem dada; com uma cortina movel se cobre e descobre o que está escripto, ou se escreve em uma lousa, que se occulta enquanto elle responde.

Quando o alumno tiver comprehendido bem o valor da phrase—dize a F. o que fez F.—as lições seguintes não offerecem nenhuma difficuldade, comtanto que versem sobre actos praticados á vista delles.

Se o surdo-mudo tiver difficuldade em empregar a fórma indicativa, chame-se a attenção para a seguinte lição do gráo precedente, e pergunte-se: — Que faz Pedro? — Elle responderá: Pedro dança; e então elle comprehenderá que a phrase—dize a F.—, não altera a resposta ao—que faz F.

Estes mesmos exemplos devem ser reproduzidos

para ensinar o presente, passado e futuro, tendo-se muito cuidado em concordar a expressão com o facto, isto é, em que o verbo seja empregado no tempo correspondente á acção. Nada de ficção.

89ª LIÇÃO

Transformação do pronome e modificação do verbo

O Professor escreve: O alumno escreve:

Luiz! Dize a Julio que Julio! agora Paulo
agora Paulo mostra mostra Carlos.
Carlos.

— Dize-lhe que Paulo
mostra giz. Elle mostra giz.

— Dize-lhe que agora
elle mostra tinta. Elle agora mostra
tinta.

— Dize a Carlos que Carlos! agora tu
a g o r a elle toca tocas Paulo.
Paulo.

— Dize-lhe que agora Tu agora b e b e s
elle bebe agua. agua.

Reproduza-se estes exemplos com verbos nos tempos passado e futuro.

90^a LIÇÃO

O c A substituindo a uma proposição

O Professor escreve : O alumno escreve :

Luiz ! dize a Francisco Francisco ! P e d r o
o que faz Pedro. mira Luiz.

Elle o saúda.

Elle o abraça.

Pedro ! dize a Luiz o Luiz ! eu miro Fran-
que tu fazes. cisco.

Eu o saúdo.

Eu o abraço.

— Dize-o a José. José ! eu miro Fran-
cisco.

Eu o abraço.

Eu o saúdo.

— Dize-o a Francis- Francisco ! Eu miro
co. José.

Eu o saúdo.

Eu o abraço.

91ª LIÇÃO

Substituição de um pronome por outro

O Professor escreve : O discipulo escreve:

Carlos ! dize a José o
que elle faz.

José tu te miras.
— Tu te levantas.
— Tu miras Julio.
— Tu o saúdas.
— Tu o abraças.

José ! dize a Carlos o
que tu fazes.

Carlos ! eu me le-
vanto.
— Eu me miro.
— Eu miro Julio.
— Eu o saúdo.
— Eu o abraço.

Julio ! dize a Carlos o
que José faz.

Carlos ! José se mi-
ra.
— Elle se levanta.
— Elle mira Julio.

É bom empregar os mesmos verbos na fórma transitiva e na reflexiva.'

92^a LIÇÃO

Continuação e cessação do mesmo facto

O Professor escreve : O alumno escreve :

José ! dize a Paulo que	
Pedro anda.	Paulo ! Pedro anda.
— Dize-lhe que Pe-	
dro anda ainda.	Elle anda ainda.
— Dize-lhe que elle	
não anda mais.	Elle não anda mais.
— Dize-lhe que João	
assovia.	João assovia.
— Dize-lhe que elle	
ainda assovia.	Elle ainda assovia.
— Dize-lhe que elle	Elle não assovia
não assovia mais.	mais.

93^a Lição

Substituição do pronome pelo nome

O Professor escreve :

O alumno escreve:

Raul ! dize a Luiz que

Pedro se coça.

Luiz ! Pedro coça-se.

— Dize-lhe que elle

ainda se coça.

Elle coça-se ainda.

— Dize-lhe que elle
me mira.

Elle mira o Sr. Pro-
fessor.

— Dize-lhe que elle
ainda me mira.

Elle ainda o mira.

— Dize-lhe que elle
te saúda.

Elle saúda-me.

— Dize-lhe que elle
não te saúda mais.

Elle não saúda-me
mais.

Nunca se deve dizer ao surdo-mudo : pergun-
ta-me isto ou aquillo — nem : dize-me isto ou aquillo.

Na sua ingenuidade elle acreditaria que não se
trata de ensinar-lhe, e sim de aprender, se não
lhe parecesse muito ridiculo que o Professor pro-
cure aprender o que sabe antes e melhor do que
elle ; não acredita que se fazem perguntas para
instruir, e que não se ensina senão aquillo que
se julga ser ignorado.

94ª LIÇÃO

Dizer a . . . como

- O Professor escreve : O discípulo escreve :
- Julio ! dize a Luiz que
 Raul anda. Luiz ! Raul anda.
— Dize-lhe como elle Elle anda lentamen-
 anda. te.
— Dize a Raul como Raul ! tu andas len-
 elle anda. tamente.
— Dize a Pedro como Pedro ! Paulo assoa-
 Paulo assoa-se. se fortemente.

Dê-se esta lição nos tres tempos, afim de que o surdo-mudo veja que o tempo dos verbos não altera o adverbio.

*Dirigir-se ao mesmo tempo a mais de uma
pessoa*

O Professor escreve : O discipulo escreve :
Raul ! dize a Julio e a Julio ! Luiz ! Carlos
Luiz o que Carlos mostra uma mesa;
mostra. Elle mostra uma me-
sa quadrada.

— Dize-lhes o que Pedro abre um livro
Pedro faz. grande ;
Elle fecha um livro
pequeno.

— Dize-lhes o que Paulo mira um me-
Paulo mira. nino porco ;
Elle mira um me-
nino limpo.

96ª LIÇÃO

*A mesma acção sobre duas pessoas, ou duas
coisas*

O Professor escreve : O discipulo escreve :

Raul ! dize a Pedro o que faz Paulo.	Pedro ! Paulo mira um livro grande, e um menino o grande.
---	--

— Dize-lhe o que faz Julio.	Julio ! mostra um menino pequeno e um livro peque- no.
--------------------------------	---

97ª LIÇÃO

O Professor escreve : O alumno escreve :

Pedro ! dize a Raul que tu és asseiado.	Raul ! Eu sou asseia- do.
--	------------------------------

— Dize-lhe q u e é bom.	É bom.
----------------------------	--------

— Dize a Paulo que elle é porco.	Paulo ! tu és porco.
-------------------------------------	----------------------

— Dize-lhe que é máo.	E máo.
-----------------------	--------

Convem muito repetir este exercicio nos tres
tempos, nas tres pessoas, nos dous numeros, e em
ambos os sexos.

98ª LIÇÃO

Ter—na *fôrma indicativa*

O Professor escreve : O alumno escreve :
Julio ! dize a Paulo que Paulo ! Luiz tem
Luiz tem uma pen- uma penna.
na.

— Dize-lhe que elle
escreve.

— Elle e s c r e v e .

— Dize-lhe que José
tem uma faca.

— José t e m u m a
faca .

— Dize-lhe que elle
corta pão.

— Elle corta pão.

— Dize-lhe que elle
tem um lenço.

— Elle tem um len-
ço .

— Dize-lhe que elle se
assôa.

— Elle se assôa.

Preposições na phrase indicativa

O Professor escreve :	O alumno escreve :
Paulo ! dize a Pedro que Raul anda dian- te de ti.	Pedro ! Raul anda diante de mim.
— Dize-lhe que elle anda atrás de José.	— Elle anda atrás de José.
— Dize-lhe que elle anda a meu lado.	— Elle anda ao lado do Sr. Professor.
— Dize-lhe que elle salta atrás da porta.	— Elle salta atrás da porta.
— Dize-lhe que Paulo assenta-se em cima da cadeira.	— Paulo assenta-se em cima da ca- deira.
— Dize-lhe que Julio assenta-se debaixo da mesa.	— Julio assenta-se debaixo da mesa.

100ª Lição

*Transmissão de duas proposições em uma só
phrase*

O Professor escreve : O discipulo escreve :

Pedro ! dize a Paulo	Paulo ! Julio brinca,
que Julio brinca, e	e Francisco estu-
Francisco estuda.	da.

— Dize a Luiz que	Luiz ! Julio brinca
Julio brinca sem-	sempre, e o Sr.
pre, e que eu estou	Professor está
descontente com	descontente com
elle.	elle.

— Dize a Henrique	Henrique ! o Sr.
que eu sou máo, e	Professor é máo.
a Paulo que eu não	Paulo ! o Sr .
te estimo.	Professor não me
	estima.

No fim de cada gráo fação-se exercicios repeti-
dos sobre todas as lições combinadas, procurando
sempre aproveitar-se dos factos que se derem na
ocasião.

V GRÃO

101^a LIÇÃO

Perguntar a F. quem faz.....perguntar F. o que faz....

O Professor escreve : Luiz pergunta : Julio responde :

Luiz! pergunta a Julio Julio! quem chama Pe-
quem chama Pedro. dro? Raul.

— Pergunta-lhe o que
faz Raul.

— O que faz Raul? Raul chama Pedro.

Esta lição offerece pouca difficuldade; o surdo-mudo a comprehenderá logo que elle tiver visto um dos seus companheiros fazer o que o Professor quer que elle faça, contando que as acções se executem á sua vista.

Tenha-se o cuidado de mandar praticar préviamente as acções sobre que

tem de versar a lição, e de collocar os alumnos de modo que o interrogado não tenha mais do que voltar-se para a direita ou para a esquerda para attender as ordens que receber, e o facto sobre que ellas versão. Quando os alumnos responderem bem sobre os factos praticados á sua vista por ordem do Professor—, fação-se exercicios sobre os factos que se estiverem passando em qualquer parte do Instituto. As lições a surdos-mudos não se dão só nas salas destinadas para aulas—devem ser dadas em todos os logares que a ellas se prestem.

Luiz! pergunta a Raul

quem dança.

Raul! quem dança? É Pedro.

— Pergunta-lhe quem salta.

— Quem salta? É Julio.

— Pergunta-lhe o que faz Pedro.

— O que faz Pedro? Elle dança.

Se ao principio o surdo-mudo não sabe fazer a pergunta, obriga-se a tomar parte na lição dando as respostas.

102ª Lição

Quem é que—*nos tres tempos*.

O Professor escreve:

Carlos pergunta : Luiz responde :

Carlos pergunta a Luiz Luiz! quem é que Raul quem é que Raul saudou? saudou?

Foi Paulo.

— Pergunta-lhe quem é que elle mira.

— Quem é que elle mira?

É Pedro.

— Pergunta-lhe quem é que elle abraçará.

— Quem é que elle abraçará?

Será Julio.

Paulo! pergunta a Carlos quem é que elle mirará.

— Quem é que tu mirarás?

Eu mirarei Luiz.

— Pergunta-lhe quem é que elle abraça.

— Quem é que tu abraças?

Eu abraço Pedro.

— Pergunta-lhe quem é que elle abraçou.

— Quem é que tu abraçaste?

Eu abracei Julio.

O que é que substituído pelo regimen directo

O Professor escreve:	Raul pergunta:	Paulo responde:
Raul ! pergunta a Paulo o que é que Pedro mostra.	Paulo ! o que é que Pedro mostra ?	Pedro mostra mesa.
— Pergunta-lhe o que é que elle mostra agora.	— O que é que elle mostra agora ?	Elle mostra giz.
— Pergunta a Luiz quem toca quem toca Paulo.	Luiz ! quem toca Paulo ?	És tu.
— Pergunta-lhe quem toca a mesa.	Quem toca a mesa ?	És tu.

Sobre esta lição é conveniente fazer exercícios, trocando os sujeitos, os verbos e os regimens—o que se faz apontando com uma varinha ou melhor ainda escrevendo diversas phrases.

O Professor escreve:	Raul pergunta:	Paulo responde:
Raul! pergunta a Paulo o que faz Pedro?	Paulo! o que faz Pedro?	Pedro mira Luiz.
lo o que faz Pedro.		Elle o abraça.
— Pergunta a Pedro Pedro! o que fazes tu?		Elle o saúda.
o que elle faz.		Eu miro Luiz.
		Eu o saúdo.
		Eu o abraço.

Antes da pergunta mande-se Pedro fazer as tres acções.

Depois da resposta pergunta o Professor—Elle—a que nome substitue—o—a que nome se refere.

—

Se — na *interrogação*

O Professor escreve :	Luiz pergunta :	Julio responde :
Luiz ! pergunta a Julio	Julio ! quem é que toca	
q. ^m é que toca Paulo.	Paulo ?	É Henrique.
— Pergunta-lhe quem	— Quem é que se as-	É elle.
é que se assenta.	senta ?	
— Pergunta-lhe quem	— Quem é que se as-	É ainda elle.
é que se assôa.	sôa ?	
— Pergunta a Raul se	Raul ! Henrique se le-	Sim, Henrique le-
Henrique se levanta.	vanta ?	vanta-se.
— Pergunta-lhe se elle		
se mira.	— Elle se mira ?	Sim, elle mira-se.
— Pergunta-lhe se elle	— Elle saúda o Sr. Pro-	Sim, elle saúda o
me saúda.	fessor ?	Sr. Professor.

O se na interrogação não offerece grande difficuldade. O surdo-mudo percebe logo a relação do se com a interrogativa precedida das partes componentes da phrase.

O Professor escreve:

Luiz ! Pergunta a Paulo se Pedro anda.

— Pergunta-lhe se elle anda ainda. (*)

— Pergunta-lhe se agora elle não anda mais.

— Pergunta a Paulo se Julio dança.

— Pergunta-lhe se elle dança ainda.

— Pergunta-lhe se elle não dança mais.

Luiz pergunta:

Paulo ! Pedro anda ? Sim, Pedro anda.

— Pedro anda ainda ? Sim, elle anda ainda.

— Pedro não anda mais ? Não, elle não anda mais.

Paulo ! Julio dança ? Sim, elle dança.

— Julio ainda dança ? Sim, elle dança ainda.

— Julio não dança mais ? Não, elle não dança mais.

As interrogações com negativas são muito difficeis para o surdo-mudo, — por isso não convem fatiga-lo com lições repetidas sobre ellas — convem antes juntar de vez em quando a negativa, á alguma phrase interrogativa que o alumno tenha bem comprehendido, empregado e respondido com facilidade.

(*) Está entendido que antes de fazer a primeira pergunta deve o Professor manter *andar*, e antes da segunda mandar *não andar*.

Interrogativa sobre o modo

O Professor escreve: Francisco pergunta: Luiz responde:

Francisco ! Pergunta a

Luiz se Raul anda.

— Pergunta-lhe se Pedro anda.

— Pergunta-lhe como Raul anda.

— Pergunta-lhe como Pedro anda.

Luiz ! Raul anda ?

— Pedro anda ?

Raul como anda ?

Pedro como anda ?

Sim, Raul anda.

Sim, Pedro anda.

Raul anda apressadamente.

Pedro anda vagarosamente.

Interrogar pelo contrario

O Professor escreve :	Julio pergunta :	Luiz responde :
Julio ! Pergunta á Luiz o que mostra Paulo.	Luiz ! o que mostra Paulo ?	Mostra uma mesa redonda.
— Pergunta-lhe se elle mostra uma mesa quadrada.	— Elle mostra uma me- sa quadrada ?	Não, elle mostra uma mesa re- donda.
— Pergunta-lhe se elle toca uma cadeira pe- quena.	— Elle toca uma cadeira pequena ?	Não, elle toca uma cadeira grande.

O Professor escreve :	Pedro pergunta :	Julio responde :
Pedro ! pergunta a Julio o que faz Paulo.	Julio que faz Paulo ?	Paulo, mira um livro grande.
— Pergunta-lhe se Paulo mostra um livro grande.	— Elle mostra um livro grande ?	Sim, elle mostra um livro grande.
— Pergunta a Paulo o que Julio mostra.	Paulo ! o que Julio mostra ?	Julio mostra um livro grande.

Sobre este modelo fação-se muitas lições, ora com a negativa—não—ora com a affirmativa—sim.

Interrogativa sobre a qualidade

O Professor escreve: Francisco pergunta: Paulo responde:

Francisco ! pergunta a
Paulo se Pedro é as-
seiado.

Paulo ! Pedro é asseia-
do? Sim, elle é asseia-
do.

— Pergunta-lhe se é
bom.

É bom ?

Sim, é bom.

— Pergunta-lhe se Luiz
é estudioso.

Luiz é estudioso ?

Sim, Luiz é estudio-
so.

— Pergunta-lhe se é
bom.

É bom ?

Sim, é bom.

O Professor escreve: Francisco pergunta: Paulo responde:

— Pergunta se Augusto é vadio? Sim, Augusto é vadio.

— Pergunta-lhe se não é mau. Não é mau? Sim, é mau.

Na applicação que se fizer desta fórmula, tenha-se o cuidado de verificar se o menino applica o — é bom — e o — é mau — o que se consegue assim: Pedro é asseado? Sim. É bom? Sim, é bom. Luiz é porco? Sim. É mau? Sim, é mau. Pedro o que é? É asseado, é bom. Luiz o que é? É porco, é mau.

Esta lição e as precedentes devem ser muito variadas, e sempre sobre objectos e factos que agradem aos meninos.

Interrogativa sobre a possessão

O Professor escreve :	Julio pergunta :	Pedro responde :
Julio pergunta a Pedro se Luiz tem uma penna.	Pedro ! Luiz tem uma penna ?	Sim, elle tem uma penna.
— Pergunta-lhe se elle escreve.	Elle escreve ?	Sim, elle escreve.
— Pergunta a Raul o que tu tens.	Raul ! o que eu tenho ?	Tu tens um giz.
— Pergunta-lhe se tu escreves.	Eu escrevo ?	Sim, tu escreves.
— Pergunta-lhe o que eu tenho.	O que tem o Sr. Professor ?	O Sr. Professor tem um lapis.
— Pergunta-lhe o que faço.	O que faz o Sr. Professor ?	O Sr. Professor escreve.

Emprego de quem, em que, na interrogação

O Professor escreve :	Julio pergunta :	Paulo responde :
Julio! pergunta a Paulo diante de quem salta Raul.	Paulo! diante de quem Raul salta ?	Raul salta diante de José.
— Pergunta-lhe atrás de quem elle dança.	— Atrás de quem Raul dança ?	Atrás de Augusto.
— Pergunta-lhe ao la- do de quem José se assenta.	— Ao lado de quem assenta-se José ?	Ao lado de Fran- cisco.
— Pergunta-lhe em que José se assenta.	— Em que José se as- senta ?	Em um banco.

O Professor escreve : Julio escreve : Paulo responde :

Julio ! Pergunta-lhe — Quem pôz a esponja
quem pôz a esponja sobre a mesa ?
sobre a mesa. Foi João.

— Pergunta-lhe á — A quem o Sr. Pro-
fessor mandou as- fessor mandou as-
sentar. sentar ? A Raul.

Estas lições devem ser muito variadas, aproveitando-se para ellas todos os factos que occorrerem, envertendo a ordem das palavras, para que o alumno se familiarise com as diversas construcções da phrase.

Observações

Com estas lições o surdo-mudo está habilitado para responder, perguntar, pedir e dizer ; ex. : Tu amas a Pedro ? pergunta-lhe se elle almoçou ; pede-lhe que te empreste um lapis, dize-lhe que elle é bom, e abraça-o.

Se o professor observou rigorosamente os principios do methodo, e seguiu fielmente a sua marcha, o alumno está em estado de dar conta do que fez, do que se lhe diz, e consequentemente de responder questões que se refirão aos actos communs da vida. Por ex. : O que fizeste ? eu disse que amo a Pedro ; eu lhe perguntei se elle almoçou ; eu lhe pedi que me emprestasse um lapis ; eu lhe disse que elle é bom, e eu o abracei.

É linguagem portugueza clara e certa, embora não seja elegante.

Se se quizer excita-lo a apressar o que a pratica e tempo lhe darão, mande-se um alumno fallante e mais instruido repetir as mesmas phrases, com a elegancia necessaria ; sublinhem-se todas as palavras superfluas que o surdo-mudo tiver escripto, e manifeste-se satisfação pela phrase mais elegante.

E para que o surdo-mudo exprima facil e correctamente as suas impressões e idéas adopte o

Professor a utilissima pratica de exigir delle que lhe apresente todos os dias uma narração por escripto do que tiver feito ou visto no intervallo de um dia para outro (*). No começo, é natural que estas narrações sejam curtas, incompletas e incorrectas. Não importa—aceite-as o Professor com agrado—corrija-as com affecto, e exija novas e melhores gradativamente.

Dous annos bastão para que um surdo-mudo intelligente fique em estado de redigir curtas narrações dos actos e dos factos mais communs na vida.

Sua instrucção está longe de estar concluida, mas é innegavel que elle já conhece o mais essencial para enunciar o seu pensamento, e portanto que já tem quanto basta para communicar-se com os outros homens.

Se a escola fôr uma exacta e intelligente reproducção da vida real, o surdo-mudo não terá difficuldade para entender, e se fazer entender.

(*) É o *diario das classes* adoptado hoje em todas as boas escolas da França e da Allemanha.

2ª PARTE

Divisão da 2ª parte

Na 2ª parte as lições estão divididas em series. O surdo-mudo já conhece os principaes modos de exprimir o pensamento; comprehende e emprega o imperativo, o infinito, o indicativo, e a interrogação. A divisão em grãos, nos quaes se lhe ensinou a obedecer, mandar, responder, narrar, e perguntar, não seria, portanto, justificada nesta 2ª parte. Se o Professor perceber que a analogia, os habitos adquiridos, a consciencia do papel, que o alumno tem de representar, não são bastantes para que elle saiba empregar as fórmulas necessarias á expressão das relações que elle tem de traduzir, é facil dar ás fórmulas que se lhe vai ensinar agora o valor e as transformações que no primeiro curso se derão ás fórmulas elementares.

A 1ª serie augmenta os conhecimentos que o alumno já tem de nomenclatura, e dá ao Professor os meios de os estender ainda mais.

A 2^a é composta de modêlos para ensinar—os determinativos : artigos, adjectivos, pronomes, etc.

A 3^a contém as fórmulas phraseologicas em que se empregão as conjuncções e os adverbios.

A 4^a ensina os verbos passivos, e os tempos e modos ainda não ensinados.

A 5^a remove as difficuldades que ha no ensino de alguns adverbios de tempo, de divisão, de duração, etc.

Na 6^a, emfim, mostra-se como se devem dar as noções religiosas fundamentaes.

Convem notar que a gradação geral destas seis series não é tão essencial que seja preciso percorrer todas as lições de uma serie antes de passar á seguinte.

As primeiras lições de cada serie são as mais uteis, e as que offerecem menos difficuldades; será bom, portanto, começar a serie seguinte, logo que se tiver chegado á 3^a ou 4^a parte da antecedente.

Diversidade—é a divisa deste ensino.—O que convem mais que tudo é accomodar o ensino ás circumstancias externas, á capacidade, ás necessidades moraes, e ao gráo de

adiantamento do surdo-mudo ; em uma palavra, é fazer o surdo-mudo andar como andão os que ouvem e fallão, apoiando-se nos conhecimentos adquiridos, nos factos communs na vida, e nas circumstancias que sobrevierem. Procedendo-se assim, a instrucção do surdo-mudo na escola é semelhante á que, os que ouvem, recebem de suas mãis.

A classificação das materias nesta 2ª parte tem por principal objecto facilitar ao Professor a busca das lições de que tiver necessidade :— essa classificação não é o leito do Procusto.

Primeira Serie

Modo de estender a nomenclatura

1ª LIÇÃO

Dar—*no sentido figurado. Nomes derivados de verbo*

O Professor escreve :

Luiz! Dá um beliscão em Pedro.
 Dá um empurrão em José.
 Dá um encontrão em João.
 Dá um beijo em Manoel.
 Dá um abraço em Raul.

Os conhecimentos em nomenclatura estendem-se pela decomposição da phrase—a comprehensão de uma palavra faz adivinhar o sentido de outra. Nunca se perca de vista que nenhuma palavra se deve ensinar sem a acção, ou a idéa que ella exprime.

Ao zêlo e intelligencia do Professor deixa-se o fazer repetidos exercicios para que o alumno se habitue á equivalencia das phrases. Assim :

Luiz! Dá um beliscão em Pedro.
José ! O que fez Luiz ? José responde :

Sr. Professor! Luiz beliscou Pedro.

Antonio! Dá um grito.

Manoel! O que fez Antonio?

Sr. Professor! Antonio gritou.

E assim por diante sobre todos os verbos e substantivos em uso na vida commum, e que se prestarem a este exercicio de equivalencia—, nunca se perdendo de vista o ponto principal que é ensinar os diversos sentidos do verbo—dar.

2^a LIÇÃO

Fazer—*No sentido de obrar. Nomes derivados
de verbo*

O Professor escreve :

Carlos ! Faze uma pintura.
Faze um rasgão no caderno de
José
Faze uma escripta.
Faze uma arranhadura em Pedro.
Faze uma costura no paletot de
José.

E por este modo se ensinão todos os substantivos derivados dos verbos que exprimem acção voluntaria, e que são mais communs na vida.

Fação-se exercicios frequentes pelo seguinte modo :

Carlos ! faze uma pintura.

José ! o que faz Carlos Carlos pinta.

Antonio ! escreve.

Manoel ! o que faz Antonio ? Elle faz uma escripta.

Etc.

3ª LIÇÃO

Nomes abstractos ensinados por intuição

O Professor escreve

Luiz! Salta com ligeireza.
Salta com vagar.
Anda com rapidez.
Anda com lentidão.
Bate a mesa com força.
Mira Pedro com alegria.
Mira Leopoldo com tristeza.

A preposição seguida de seu complemento equivale ao adverbio, que delle se deriva; a acção faz comprehender a significação do complemento, e assim o surdo-mudo ficará conhecendo muitos substantivos abstractos.

Faça-se comparação destas fórmulas com os adverbios correspondentes, e que já fôrão vistos pelo surdo-mudo, e redija-se neste sentido as lições que fôrem precisas para que o alumno fique sabendo que os adverbios podem ser substituidos e vice-versa.

Ex. : Salta com ligeireza.
Salta ligeiramente.
Anda tristemente.
Anda com tristeza.

E assim o Professor comporá lições que ensinão um grande numero de palavras que exprimem idéas abstractas.

4ª LIÇÃO

Nomes de quantidade formados por derivação

O Professor escreve :

Luiz ! Toma uma colherada d'agua.
Dá a João um punhado de farinha.
Mostra a José uma carrada de lenha.

Faze duas pinceladas na pedra.

Esta lição suppõe que as palavras — colhér, punho, carro e pincel, já fôrão ensinadas.

Sobre este modelo o Professor fará repetidas lições para ensinar as phrases populares dirivadas dos substantivos, assim :

Dá com o martello no prego.
Dá uma martellada.
Dá com o páo no cachorro.
Dá uma paulada no cachorro.
Etc.

5ª LIÇÃO

*Dimensões.—Denominação das partes solidas,
segundo as suas posições*

O Professor escreve :

João! Toma um livro.

- Mostra o comprimento do livro.
- Mostra a largura.
- Mostra a altura.
- As tres dimensões.
- Mostra a parte anterior.
- Mostra a parte posterior.
- Mostra a parte superior.
- Mostra a parte inferior.

José! dá-me uma cadeira

- Mostra-me o assento da cadeira.
- Mostra-me as costas.

José Mostra-me as pernas.

— Mostra-me o lado direito.

— Mostra-me o lado esquerdo.

Convem fazer lição semelhante sobre muitos objectos.

6ª LIÇÃO

Simulação de acções que não dependem inteiramente da vontade

O Professor escreve :

Julio ! Finge chorar.

Finge rir.

Finge espirrar.

Finge soffrer.

Finge beber.

Bebe realmente.

Pelo mesmo modo ensina-se — tremer, fallar, cantar, nadar, etc.

7ª LIÇÃO

O Professor escreve:

Victor! Arremeda-me.

Arremeda o côxo.

Arremeda o cégo.

Arremeda o preguiçoso.

Arremeda Joaquim.

O Professor, depois que o alumno mostrar que comprehende bem o sentido do verbo, e que o emprega appropriadamente, se fingirá zangado para que o alumno comprehenda que o arremedar não é agradável aos outros homens.

E esta lição moral é tanto mais necessaria quanto é grande a tendencia e a particularidade que têm os surdos-mudos de distinguirem, e fazerem notar, o menor defeito que tenham as pessoas que elles vêm.

8ª Lição

Adjectivos ensinados por simulação

O Professor escreve:

Luiz! Finge estar contente.

Finge estar descontente.

Finge estar triste.

Finge estar doente.

Finge estar orgulhoso.

Não se deve estender muito estas lições; devem ser alternadas com outras que distraião os alumnos.

Applicando a esta lição o methodo da lição 3ª, consegue-se ensinar facilmente as expressões abstractas— contentamento, tristeza, doença, orgulho, etc.

9ª LIÇÃO

*Substantivos abstractos ensinados por
simulação*

O Professor escreve :

João ! Finge ter medo.
Finge ter sede.
Finge ter fome.
Finge ter frio.
Finge ter calor.
Finge ter vergonha.

Convem muito empregar estas palavras, e outras semelhantes, afim de que, precedidas pelo artigo e sendo o objecto de um juizo, sejam consideradas como verdadeiros substantivos.

10^a LIÇÃO

*Nomes de profissões ensinados por intuição
e por imitação*

O Professor escreve :

Luiz ! Mostra um trabalhador.

Mostra um pescador.

José ! Imita o trabalhador.

Imita o pescador.

Imita o alfaiate.

Imita o sapateiro.

Imita o cozinheiro.

Imita o jardineiro.

As profissões que o surdo-mudo tiver visto exercer devem ser todas objecto das lições, não convindo ir além para não confundi-lo. Se fôr possível mostre-se-lhe o artista, e pergunte-se-lhe o nome de sua profissão, e vice-versa.

11ª LIÇÃO

*Nomes que mudão de significação mudando
de terminação*

O Professor escreve :

O assucar está no assucareiro.

A tinta está no tinteiro.

O chapéo está na chapeleira.

A laranja nasce na laranjeira.

A banana na bananeira.

Nós nos escovamos com a escôva.

Nós nos penteamos com o pente.

Sobre este modelo formem-se lições que ensinem
os nomes mais usados na vida pratica.

Ex. : Pimenta — pimenteira.

Lima — limeira.

Rosa — roseira, etc.

12^a Lição

Verbos impessoaes

O Professor escreve :

Meus amigos ! Faz frio.

Chove.

Faz calor.

Venta.

Hoje não faz calor.

Não faz frio.

É essencial aproveitar a occasião para tratar do facto. Serião pouco proficuos os esforços que se fizessem para ensinar — *faz frio* — quando houvesse calor.

13^a LIÇÃO

*Meios de despertar algumas idéas
abstractas*

Poder

O Professor escreve :

João responde :

João ! Traze-me a mesa.
sa.

Eu sou fraco, a mesa
é pesada, eu não
posso leva-la.

— Tu podes trazer-me a cadeira ?

Sim, a cadeira não é
pesada, eu posso
leva-la.

— Traze-me Julio.

Julio não quer ir,
tem mais força que
eu, eu não posso
leva-lo.

— Tu podes trazer-me José ?

Sim, José tem menos
força que eu,
eu posso leva-lo.

As idéas de — *poder, saber, pensar, querer*, assim como as de — *verdade, justiça, intelligencia*, — existem no surdo-mudo; basta, pois, despertar-las, e provoca-las associando-lhes a expressão por este modo.

—

14ª Lição

Querer

O Professor escreve :

Luiz responde:

Luiz ! Toma fogo com a mão. O fogo queima, eu não quero.

— Dá um pontapé em José. Deus prohi-
be offen-
der ; eu não que-
ro dar pontapé em
José.

— Salta pela janella. Eu morreria; eu não
quero saltar pela
janella.

— Come este biscoito . Os biscoitos são
bons; eu gósto de
comer biscoitos.

O surdo-mudo comprehende bem o perigo que ha em pegar no fogo, e como elle mesmo se recusaria a executar a ordem, elle comprehende tambem a resposta do seu companheiro — *Eu não quero.*

15ª Lição

Pensar

O Professor escreve :

Meus amigos! Julio quer escrever a seu
pai.

Mirai-o.

Elle fecha os olhos.

Elle procura na sua cabeça.

O Professor pergunta : Julio responde :

Julio ! o que fazes? Eu penso.

— Em que pensastu? Eu penso em escrever
a meu pai.

Se a scena fôr reproduzida exactamente, o surdo-
mudo intelligente comprehenderá logo a correla-
ção da palavra—*pensar*—com o acto intellectual
que elle observou.

16ª LIÇÃO

*Aprender, saber, enganar-se, estudar e
comparar*

O Professor escreve :

José ! Aprende esta lição .

Tu vês a lição .

Tu pensas, tu a decoras .

Tu a saberás logo .

Agora fecha teu caderno, e recita a
lição .

Tu te enganas, tu não sabes a lição
ainda .

Estuda-a mais .

José responde :

Sabes agora a
lição ?

Sim, eu a sei .

Fecha o caderno, recita-a .

Comparemos a tua escripta com a lição .

Tu não te enganaste, tu sabes a lição .

A idéa do verbo decorar, materializa-se pelo signal de *metter na cabeça*. O Professor, portanto, procura por meio de signaes, fazer o alumno comprehender que o estudo *mette a lição na cabeça de quem a estuda*, e logo que o alumno tiver comprehendido, faça-lhe vêr que *metter na cabeça* é o mesmo que *decorar*.

17ª LIÇÃO

Intelligente

O Professor escreve : Luiz responde :

Luiz ! José aprende Sim , elle aprende
de pressa as suas depressa.
lições ?

— Elle comprehende Sim , elle compre-
bem o que eu lhe hende bem o que
digo ? o Sr. Professor lhe
 diz.

— Elle escreve bem ? Sim, senhor.

— Elle lê bem ? Sim, senhor.

— Elle está sempre Sim, senhor.
attento ?

— Elle se engana Não, senhor, elle se
muitas vezes ? engana poucas ve-
 zes.

O Professor escreve :

José é intelligente.

É raro que o surdo-mudo de 10 a 12 annos
não tenha signaes para exprimir *intelligente*, *imbe-*
cil, *preguiçoso*, *etc.*

18ª LIÇÃO

Verdadeiro, falso, justo, injusto, etc.

O Professor escreve : Julio responde :

Julio ! um carneiro
comeu um cachor-
ro.

É falso.

— Esta manhã eu te
castiguei.

É verdade.

— Esta tarde iremos
passeiar.

Eu não sei, póde
ser.

— Esta manhã, Pau-
lo matou um boi.

É falso.

Joaquim responde :

Joaquim ! nós janta-
remos á uma hora
da tarde.

É verdade.

— O Sr. director cas-
tigou um alumno
estudioso.

É injusto.

Joaquim! Deus castiga
os máos. É justo.
— José deu dinheiro
a um cégo. É bom.
— João empurrou
Francisco no ba-
nho. É máo.

A phrase—póde ser—deve ser substituida pelo
adverbio — talvez — sempre que este fôr bem
applicavel, de fórma que o alumno aprenda a
applicar o que fôr mais acertado.

19ª LIÇÃO

Entregar, receber, restituir, dar, aceitar

O Professor escreve : O alumno responde :

Luiz ! entrega tua
louza a João.

João ! o que fez Luiz? Luiz entregou-me a
sua louza.

— Tu o que fizeste ? Eu recebi-a.

— O que farás da lou-
za de Luiz. Eu a restituirei.

José ! dá um biscoito
a Manoel.

Manoel ! o que fez Jo- José deu-me um bis-
sé ? coto.

— Tu o que fizeste ? Eu aceitei o biscou-
to que José me
deu.

— Tu restituirás o bis-
coto que José te
deu ? Não, eu o comerei.

O surdo-mudo confunde muitas vezes — *entregar*

com — *receber* — *dar* com *aceitar*, dizendo — *eu recebi*, quando *entregou*, e vice-versa. Convem, pois, insistir muito nesta lição, de fórma que fique bem comprehendida, o que se consegue representando as acções tão clara e distinctamente que o alumno veja — que dar é differente de receber, e vice-versa.

20ª LIÇÃO

Util, necessario, indispensavel

O Professor escreve :

Eu tenho boa vista; eu não tenho necessidade de olhos, elles me são inúteis.

O Sr. director é velho, elle não tem bons olhos; quando elle não tem olhos, elle não póde lêr; quando elle os tem, lê sem difficuldade.

Os olhos são uteis aos velhos.

Quando eu tenho fome, e não tenho pão, eu soffro; o pão me é necessario; o pão é necessario a todos os homens. O pão

não é necessario aos cavallos, elles se nutrem de capim e de farelo.

Eu respiro sempre; é necessario ar para respirar; se eu não respirar, eu morrerei; o ar me é indispensavel; o ar é indispensavel a todos os animaes.

Ensina-se assim — *habil, inhabil, possivel, etc.*

No emprego dos contrastes é necessario muito cuidado para que o alumno não os conserve só de memoria. Assim por ex.: se o alumno só conserva de memoria as palavras — *habil e inhabil*, sem estar muito seguro das idéas que ellas exprimem — empregará uma quando deve empregar outra, e dahi resultará erro que provocará o riso, e portanto a perturbação do sangue frio, que o alumno deve sempre conservar para bem responder, ou aprender.

21^a Lição

Nomes das profissões explicados pelos trabalhos de que se occupão

O Professor escreve :

Meus amigos ! o carroceiro, o cabelleireiro,
o pedreiro, o musico, são homens.

O carroceiro carrega e conduz uma carroça.

O cabelleireiro corta cabellos.

O pedreiro faz paredes com pedra, tijolo e
cal.

O musico toca piano, rabeca e canta.

O sapateiro faz sapatos.

Para melhor fixar as idéas de profissão, o Professor fará exercicio. Assim : quem corta cabellos ?
O Cabelleireiro. Quem faz carroça ? Carroceiro, etc.

22^a LIÇÃO

Derivação e definição de algumas palavras

O Professor escreve:

Meus amigos! casinha é uma casa pequena.

Facão é uma faca grande.

Sapatinho é um sapato pequeno.

Sapatão é um sapato grande.

Deve-se estender a nomenclatura por derivação, e por definições bem simples, e elementares, tendo-se sempre o cuidado de mostrar os objectos, ou de desenhá-los quando não estejam á mão.

23ª Lição

Expressões genericas

O Professor escreve :

José e João têm piões, arcos, bolas, carrapêtas, etc.

São brinquedos.

Eu tenho camisas, paletots, calças; minha irmã tem saias, vestidos, chales, etc.

São vestimentas, roupas.

Nós temos sapatos, botinas, tamancos, chinelas.

São calçados.

Os brinquedos servem para divertir os meninos.

Os homens não se divertem com brinquedos.

As vestimentas aquecem e cobrem o corpo.

As vestimentas do homem não servem para as mulheres.

É bom desafiar o alumno a perguntar o nome de tudo quanto elle vê.

24^a Lição

Continuação da lição anterior

O Professor escreve: (*)

As cadeiras, as mesas, os armarios, as camas
são móveis.

As cafeteiras, cassarolas, panellas, grelhas,
são utensís de cozinha.

A rabeca, o piano, a flauta, são instrumentos
de musica.

Os homens fazem móveis, carregão-os e os
mudão de logar.

Os utensís servem para trabalhar.

Os utensís de cozinha servem para fazer o
jantar, o almoço e a ceia.

(*) No livrinho Exercícios intellectuaes do Professor Dr.
Menezes Vieira—o Professor encontrará muitos elementos
para exercicios uteis aos surdos-mudos.

Os instrumentos de musica servem para dar
prazer aos ouvidos.

Sobre esta lição o Professor fará repetidos exer-
cicios assim:

José ! escreve o nome dos utensís de cozinha
que tu conheces.

João ! escreve o nome dos instrumentos de
musica que tu conheces.

Joaquim ! escreve o nome das roupas de mu-
lher.

Pedro ! rabeca, flauta, piano, etc., o que são ?
São instrumentos de musica.

Segunda Serie

25ª LIÇÃO

Numeros cardiaes

O Professor escreve :

João ! dá-me um livro.

Dous livros.

Tres livros, etc.

José ! toma uma penna.

Duas pennas.

Tres pennas, etc. *Até seis.*

Na segunda lição se ensina até doze.

Uma das circumstancias que contribuem mais para que o surdo-mudo tenha um juizo pouco firme, é que o objecto do juizo que se manifesta em sua presença é mal determinado ; dahi resulta que elle não sente ou sente pouco a necessidade de determinar precisamente o objecto do seu proprio juizo.

Para que elle comprehenda os determinativos empregue-os o Professor com o regimen directo de phrases imperativas ;—bem comprehendidos nessas phrases, o serão tambem quando fôrem empregados em outras, qualquer que seja a sua natureza.

O ensino da arithmetica é dado pelo methodo Desuseau e sob os modelos que se verá adiante.

26^a LIÇÃO

Numeros ordinaes

O Professor escreve :

João ! toma dez livros, e os põe em linha.

Mostra o primeiro.

Mostra o segundo.

Mostra o terceiro, etc.

Mostra o ultimo.

Luiz ! põe seis louzas uma sobre as outras.

Mostra a primeira.

Mostra a segunda.

Mostra a terceira, etc.

Mostra a ultima.

Para que o alumno não confunda os numeros ordinaes com os cardeaes alternem-se as ordens —
Dai-me duas louzas, mostrai-me o segundo livro, etc.

27^a LIÇÃO

Continuação da lição precedente

O Professor escreve :

Meus amigos ! vós sois dez.

Collocai-vos em linha.

João ! colloca-te em primeiro lugar.

José ! colloca-te em segundo lugar.

Luiz ! colloca-te em terceiro lugar.

Se fôr em linha, o primeiro lugar será o mais vizinho do Professor ; se fôr em fila, o primeiro será o da frente. Inverta-se a ordem, e pergunte-se muitas vezes :— Quem está no primeiro lugar ? Em que lugar está F. ? etc.

28ª LIÇÃO

Nomes de multiplos e de fracções

O Professor escreve :

José! dá uma laranja a Luiz.
Dá uma laranja duas vezes a Carlos.
— Duplo —
Dá uma laranja tres vezes a Pedro.
— Triplo — etc.
Dá-me uma laranja.
Parte a laranja em duas partes iguaes.
Dá uma parte a Luiz.— Metade —
Dá a outra parte a João.

O Professor deve ir até 10, e praticar sobre muitos objectos a divisão, para que o alumno conheça bem o que é o duplo, o triplo, metade, quarta parte, etc., etc.

29ª LIÇÃO

Identidade

O Professor escreve :

Paulo ! mostra um banco.
Mostra outro banco.
Mira um menino.
Saúda o mesmo menino.
Acaricia outro menino.
Mostra uma pessoa.
Saúda a mesma pessoa.
Abraça outra pessoa.

As expressões—*mesma*, e *outra*—merecem attenção particular, porque o surdo-mudo não exprime sempre com bastante clareza as idéas que ellas representam.

30ª Lição

Outro modo de exprimir a identidade

O Professor escreve :

Raul ! toma um tinteiro, uma penna, um canivete, estampase livros.

Dá-me o tinteiro.

Quebra a penna.

Mette o canivete no bolso.

Põe o livro sobre a mesa.

Os artigos—*o, a*,—exprimem a identidade, embora menos explicitamente.

31^a LIÇÃO

*Indeterminação . — Determinação por um
qualificativo, ou possessivo*

O Professor escreve:

Julio ! mostra um chapéo preto.
 Mostra um chapéo branco.
 Mostra um chapéo qualquer.
Carlos ! toma o caderno de João.
 Abre o caderno de Luiz.
 Dá-me um caderno qualquer.
 Dá-me a penna de Pedro, e o lapis
 de Paulo .

Sobre esta lição fação-se exercicios repetidos
para ensinar o emprego dos determinativos.

Ex. : João ! vês chapéos brancos ?

 Não os vejo.

José ! dá-me cadernos novos.

 Não os tenho.

Antonio ! na aula ha meninos vadios ?

 Sim, senhor, ali estão.

 Etc.

32ª Lição

Adjectivos numeraes indeterminados

O Professor escreve.:

Paulo ! traze-me uma penna .
 Traze-me muitas pennas .
 Traze-me todas as pennas .

Henrique ! toca uma mesa .
 Muitas mesas .

 Todas as mesas .

Alberto ! saúda todos os alumnos .
 Reprehende alguns alumnos .

Multipliquem-se os exemplos, de modo que o
alumno comprehenda bem o valor de cada de-
terminativo, o que se verifica interrogando — *O*
que fizeste ?

33ª Lição

Adjectivos demonstrativos

O Professor escreve :

Alberto ! toma um livro, e o põe sobre a
cadeira.

Mostra este livro a Luiz.

Paulo ! de quem é esta louza ?

De quem é este lapis ?

De quem são estas pennas ?

34ª Lição

Pronomes demonstrativos

O Professor escreve :

Paulo ! chama José e João.

Abraça este.

Empurra aquelle.

José! traze-me um lapis e uma penna.

Dá esta a Luiz, e aquelle a João.

Pelo mesmo modo ensinão-se todos os pronomes
demonstrativos.

35ª Lição

Adjectivos possessivos

O Professor escreve :

Carlos ! mostra teu chapéo.
Minha gravata.
Teus cabellos.
Toca meus braços.
Teu nariz.

Sobre este modelo o Professor deve fazer muitas lições para que o alumno fique bem certo no emprego dos pronomes possessivos, e não empregue —*meu*— quando deve empregar—*teu*— e vice-versa. *Seu, sua, nosso, nossa, vosso, vossa*, ensinão-se pelo mesmo modo.

36ª Lição

Adjectivos e pronomes possessivos

O Professor escreve :

Paulo ! toca a tua testa.
Mostra a minha.
Mira tuas mãos e as minhas.
Traz-me o meu lenço, e o teu
lapis.
Dá-me teu lapis, e toma meu len-
ço.
Escóva tua roupa e a minha.
Abraça Luiz, e beija a sua mão.
Mostra-me a tua camisa.
Diz a Luiz que a minha camisa é
branca.

O Professor deve fazer o alumno comprehender
que—*a sua mão*—póde ser substituida pela mão de
Luiz, mão delle, etc.

37ª LIÇÃO

Adjectivo indefinido—Cada.

O Professor escreve : O alumno responde :

Julio ! toma seis penas.

— Põe uma em cada mesa.

— Quantas mesas ha em cada sala ? Ha duas.

— Põe um caderno em cada uma.

— Quantas janellas ha na sala ? Ha tres.

— Põe dous lapis em cada uma.

—————

38ª LIÇÃO

*Muitos determinativos empregados
ao mesmo tempo*

O Professor escreve :

Henrique! mostra todos os dedos.
 Todos os cabellos.
 Meus dous olhos.
Mira os pés de Raul.
Mira as suas mãos.
Levanta um dos teus dedos.
Arranca um dos teus cabellos.
Fecha um dos teus olhos.
Fecha teus dous olhos.

39ª LIÇÃO

Adjectivo seguido de um complemento

O Professor escreve :

José! mostra um copo cheio d'agua.
Mostra uma cousa util ao homem.
Mostra uma cousa bôa para comer.
Mostra uma mesa suja de tinta.

Sobre este modelo o Professor fará muitas lições, repetidos exercicios, aproveitando-se de todos os objectos que estiverem ao alcance dos alumnos.

40ª Lição

*Pronomes relativos—quem—que.— Objectos
determinados por uma acção*

O Professor escreve :

Julio ! saúda Pedro.
Luiz ! acaricia Victor.
Carlos ! derruba um banco.
José ! mostra quem saudou Pedro.
 Mostra quem acariciou Victor.
 Mostra quem derrubou o banco.
 Mostra o que Carlos derrubou.

Destaca-se a proposição determinativa da principal para que o alumno veja que o pronome *quem* substitue o sujeito, e o pronome *que* o regimen directo.

Esta lição e as seguintes são para fixar a attenção do alumno sobre o facto secundario que determina o facto principal.

41ª LIÇÃO

*Objecto determinado pela posição que
occupa*

O Professor escreve :

Julio ! toma muitos livros .

 Põe um sobre a mesa .

 Põe outro sobre a cadeira .

 Põe outro no chão .

Luiz ! dá-me o livro que está sobre a mesa .

 Dá a Pedro o que está no chão .

 Folhêa o que está sobre a cadeira .

42ª LIÇÃO

Continuação da precedente

O Professor escreve :

Carlos ! põe a penna de Paulo sobre a
mesa.

Põe a tua penna sobre a cadeira.
Pucha os cabellos de Pedro.

Luiz ! mostra a mesa na qual está a penna
de Paulo.

Mostra a cadeira na qual está a tua
penna.

Chama o menino do qual Carlos
puchou os cabellos.

Destaque-se a proposição determinativa afim de
que o alumno veja como os pronomes são substi-
tuídos pelo complemento da proposição. Assim :
a penna de Paulo está sobre uma mesa—os cabel-
los de Pedro serão puchados por Carlos, etc.

43ª LIÇÃO

Cujo

O Professor escreve :

O pai de Carlos é marceneiro.

O irmão de José é soldado.

A capa do livro de Paulo está rôta.

As orelhas de Luiz e de Pedro estão sujas.

Leopoldo ! chama o menino cujo pai é marceneiro.

Mostra o menino cujo irmão é soldado.

Dá-me o livro cuja capa está rôta.

Reprehende os meninos cujas orelhas estão sujas.

Não se esqueça de que as lições devem versar sobre factos reaes. — Se não fôr marceneiro o pai de Carlos — empregue-se o nome da profissão que elle exercer, etc. Para melhor comprehensão—o Professor escreva do qual cujo, e, para verificar se o discipulo comprehendeo, faça substituir —*cujo* —por=*do qual*, e vice-versa.

44ª LIÇÃO

*Adjectivos interrogativos provocando a
determinação*

O Professor escreve :

Luiz conversa com Paulo.

Pedro ri-se de Raul.

Agora Julio escreve.

O Professor pergunta : José responde :

José ! qual é o menino
que conversa com
Paulo ?

É Luiz.

— Qual é o menino
que se ri de Raul ?

É Pedro.

— Qual é o menino
que agora escreve ?

É Julio.

— Eis-aqui dous li-
vros.

— Qual é o de João ?

É este.

— Qual é o de Ma-
noel ?

É aquelle.

— Qual é o de Fran-
cisco ?

É o vermelho.

— Qual é o de Paulo ?

É o azul.

45^a LIÇÃO

Determinativos, adverbios de quantidade

O Professor escreve :

Julio! traze-me giz.
 Tu déste-me pouco giz.
 Traz-me mais giz.
 Eu te agradeço, já tenho bastante.
 Põe um pouco d'agua no copo.
 É pouca, põe mais agua.
 Basta, é muita agua a que puzeste.
 Derrama um pouco na bacia.

46^a Lição

Continuação

O Professor escreve :

Carlos! Luiz! tirai vossos paletots.

Carlos! veste o de Luiz.

Luiz! veste o de Carlos.

Meus amigos! Carlos não póde vestir o
paletot de Luiz.

O paletot é muito pequeno.

Luiz póde vestir o paletot
de Carlos,

Mas fica-lhe mal.

O paletot é muito grande.

47ª LIÇÃO

Outros determinativos adverbiaes

O Professor escreve :

Carlos! passeia com Victor.

Passeia tu só.

Luiz! Carlos! dansai juntos.

Dansai separadamente.

Dansai ao mesmo tempo.

Dansai um depois do outro.

Vós e eu! conduzamos juntos uma cadeira.

Conduzamos a cadeira alternadamente.

Luiz! Carlos! cada um de nos corra para seu lado.

Cada um de nos puche sua cadeira.

A compreensão do determinativo — cada — depende de repetidos exercicios com applicação ás pessoas, ás cousas e aos lugares.

O Professor escreve : O alumno responde :

José! tenho quatro livros, tu tens
outros tantos?

Não, eu tenho menos.

— Quantos tens tu ?

Eu tenho dous.

— E tu, Carlos, tens tantos livros
como eu ?

Eu tenho mais.

— Quantos livros tens tu ?

Eu tenho seis.

— E tu, Pedro, quantos livros tens ? Eu tenho tantos como tu.

Os surdos-mudos comprehendem facilmente o valor das expressões—'mais' menos, tanto, por que possuem signaes naturaes para exprimi-los—assim : *mais* —elles exprimem afastando o mais que podem as mãos em sentido horizontal, ou vertical—*menos*—diminuindo esse afastamento, e *tanto* juntando os dedos indicadores e movendo-os horizontalmente sempre unidos e alternativamente. Procure pois o Professor ligar a cada um destes signaes a expressão correspondente.

Comparativos. — Mais que, menos que, tanto que

O Professor escreve :

Luiz ! Raul ! Pedro ! Carlos ! collocai-vos em linha.

Paulo ! mira bem estes meninos.

Paulo ! Raul é mais alto que Luiz ? Sim, Raul é mais alto que Luiz.

— Luiz é menos alto que Raul ? Sim, Luiz é menos alto que Raul.

— Pedro é menos alto que Raul ? Pedro é tão alto como Raul.

— Carlos é tão alto como Luiz ? Carlos é tão alto como Luiz.

Esta lição deve ser feita também sobre objectos, e não só sobre a altura, mas sobre todas as qualidades apreciáveis pelos sentidos. O Professor terá o cuidado de sublinhar—o *mais*, e o *que*, o *menos*, e o *que* para fixar a attenção do alumno.

50ª Lição

Comparativo

O Professor escreve: O alumno responde:

Meus amigos! collocai-vos em linha.

Alberto! qual é o mais gordo de
todos estes meninos?

É Pedro.

— Qual é o mais pequeno?

É Carlos.

— Qual é o mais magro?

É Raul.

— Qual é o mais estudioso?

É Pedro.

— Qual é o mais vadio?

É José.

— Qual é o menos instruido?

É João.

— Qual é o mais instruido?

É Manoel.

A mesma observação da lição antecedente.

Terceira serie

51ª Lição

Senão

O Professor escreve:	O Professor pergunta :	O alumno responde :
Paulo ! chama Julio e Carlos.	Paulo ! chamaste Julio e Carlos ?	Sim, eu chamei Julio e Carlos.
— Acaricia Carlos.	— Acariciaste Carlos ?	Sim, acariciei Carlos.
— Saúda José e João.	— Saudaste José e João ?	Sim, saudei ambos.
— Empurra José ou João.	— Empurraste ambos ?	Não, eu não empurrei senão um.
	No jantar comeste feijão e arroz ?	Não, eu não comi senão arroz.

Não se esqueça de que as lições dos surdos-mudos devem versar sobre factos por elles vistos, ou praticados, que portanto deve-se applicar o modelo aos factos. Destaquem-se as proposições para que o alumno comprehenda bem a composição das phrases.

Para

O Professor escreve :

Meus amigos ! eis-aqui um livro, um caderno, uma penna, e um lapis.

Eu quero dar o livro a Julio.

O caderno a Luiz.

A penna a José.

O lapis a João.

O Professor pergunta :

Carlos ! para quem é este livro ?

Para quem é este caderno ?

Para quem é esta penna ?

Para quem é este lapis ?

Carlos responde :

É para Julio.

É para Luiz.

É para José.

É para João.

Exprime-se a intenção de dar um desses objectos, e o objecto não é entregue—; é, pois, sobre o destino que o espirito do alumno se dirige, e é sobre a palavra— para, que o alumno vê empregada pela primeira vez, que a idéa dominante se fixa.

53ª Lição

Fallar a... fallar de... Dizer bem de... dizer mal de...

O Professor escreve :

Pedro! o Sr. capellão é muito bom, mas elle não é rico, sua casa não é bonita.

O Professor pergunta :

Luiz! eu fallei a Carlos ?
 — A quem eu fallei ?
 — De quem eu fallei ?
 — Eu fallei de um jardim ?
 — De que eu fallei ?

O alumno responde :

Não, vós não lhe fallastes.
 Vós fallastes a Pedro.
 Vós fallastes do Sr. capellão.
 Não, vós não fallastes de jardim.
 Vós fallastes da casa do Sr. capellão.

Luiz ! eu disse mal do capellão ? Não, vós não dissestes mal delle.
— Eu disse bem delle ? Sim, vós dissestes bem delle.

O Professor escreve :

Luiz ! dize mal de João.
Falla bem de Antonio.

Insista-se muito sobre as idéas — fallar a... e fallar de... O meio pratico de fixar as idéas do alumno é indicar por signaes expressivos o individuo de quem se falla, ou a quem se falla.

54ª LIÇÃO

Conjunções — e, nem, mas.

O Professor escreve :

Pedro tem um relógio e um ca- nivete.	}	Pedro tem um relógio.
Paulo não tem relógio nem ca- nivete.	}	Paulo não tem relógio.
Henrique não tem livros mas tem cadernos.	}	Paulo não tem canivete.
	}	Henrique não tem livros.
	}	Henrique tem cadernos.

Desenvolva-se esta lição o mais que puder, afim de que o alumno conheça :
1º, que as conjunções se empregão como meio de abreviação ; 2º, que — e —
serve para abreviar proposições affirmativas ; — nem — duas proposições nega-
tivas, — mas — uma affirmativa, outra negativa. Faça-se tambem o alumno
notar que — mas — se emprega entre duas affirmativas quando uma exprime
bôa, e outra má qualidade.

55ª Lição

e, a—e, ou—e, nem

O Professor escreve :

Luiz ! mostra José e João.
Mostra José a João.
Acarícia Leopoldo e Raul.
Acarícia Leopoldo ou Raul.
Abraça Manoel e Antonio.
Não abraça Joaquim nem Augusto.

A confrontação destas conjunções é um meio seguro do alumno comprehender a significação, o que se verifica perguntando : — *Luiz ! o que fizeste ?*

56ª LIÇÃO

Para que fim

O Professor pergunta :

O alumno responde :

Carlos ! tu vais á mesa para dormir ?

Não, Sr. Professor, eu vou á mesa para comer.

— Tu vais á cama para brincar ?

Não, Sr. Professor, eu vou á cama para dormir.

— Para que fim tu vais á mesa ?

Eu vou á mesa para comer.

— Para que fim tu vais á Igreja ?

Eu vou á igreja para rezar.

— Para que fim tu tens um lenço no bolso ?

Eu tenho um lenço para me assoar.

— Tu tens um livro e uma penna para brincar ?

Não, Sr. Professor, eu tenho um livro e uma penna para estudar.

57ª Lição

Por que causa

O Professor escreve : O Alumno responde : O Professor pergunta: O Alumno responde :

Pedro ! vem brincar no jardim. Eu não quero ir ao jardim.

Por que causa não queres ir ao jardim ?

— Abraça Luiz. Não quero abraçar Luiz.

Porque chove. Porque elle está sujo.

— Bate fortemente Paulo.

Por que causa não queres bater Paulo?

Porque Deus prohi-
be.

O — *por que* — exige que a pessoa interrogada dê ora a causa, ora o fim ; esta circumstancia embarça muito o surdo-mudo ; o meio de vencer esta

difficuldade é fazer exercicio sobre — o *por que causa* —, e — o *para que fim* —, e quando o alumno estiver bem certo, exercita-lo no — *porque* — substituindo ora uma, ora outra expressão.

Logo que o alumno estiver bem certo em dar a causa de qualquer acto, mostre-se-lhe que em muitos casos *por que causa* deve ser substituida — *por que razão*.

58ª LIÇÃO

Para que fim } *Por que*
Por que causa }

O Professor escreve :

O alumno responde :

Alberto ! { Para que fim tu vais ao
jardim ?
Por que causa tu vais ao
jardim ?

Eu vou ao jardim para passeiar.
Eu vou ao jardim porque tenho
calor.

Alberto ! Por que tu vais te deitar ? Eu vou deitar-me porque tenho
dôr de cabeça.

— Para que te deitas ? Para dormir.

— Por que tu tomas o meu guarda-sol ? Porque eu vou ao jardim.

— Para que serve o guarda-sol ? Para cobrir-me do sol.

Neste sentido o Professor entenderá o exercício tanto quanto julgar necessário, não esquecendo nunca que neste ensino é essencial evitar a monotonia das lições.

59ª LIÇÃO

Não obstante

Julio escreve :

Luiz ! não abraça o Sr. Professor.

O Professor escreve :

Luiz ! abraça-me.

Luiz responde :

Eu não abraço o Sr. Professor porque Luiz prohibio-me.

Abraça-me, não obstante Luiz te prohibir.

— Não acaricia Pedro.

Acaricia Pedro.

Eu não acaricio Pedro porque Luiz prohibio-me.

Abraça Pedro, não obstante Luiz o ter prohibido.

Empreguem-se sempre factos perfeitamente conhecidos do alumno.

60ª LIÇÃO

Em logar de...

O Professor escreve :
Paulo ! abraça-me.

O Professor pergunta :

Pedro ! Paulo abraçou-me ?

Pedro responde :

Não, elle não vos abraçou.

O que fez elle ?

Elle vos saudou, em logar de vos abraçar.

— Passeia.

Elle passeiou ?

Não, elle saltou em logar de passeiar.

— Dá-me a tua penna.

Elle deu-me a penna ?

Elle vos deu a louza, em logar da penna.

Para facilitar chama-se um alumno mais adiantado para executar as ordens, e o surdo-mudo para responder ás perguntas. Exercitado o alumno no emprego da phrase—em logar de—exercite-se pelo mesmo modo no da phrase—em vez de.

61^a LIÇÃO

Interjeições

O Professor escreve :

Julio ! tu verás logo teu pai.
Ah ! eu estarei contente.
Nós iremos passeiar de tarde.
Oh ! eu gosto muito de passeiar.
José fustigou o cachorro.
Hui ! o cachorro é muito bravo.

As interjeições exprimem movimentos d'alma, portanto o Professor tem necessidade de estudar os meios de ensinar ao surdo-mudo a expressão que corresponda ao sentimento de que elle se achar possuido, dando á sua physionomia e aos seus gestos os movimentos necessarios para tornar saliente o sentimento.

Em duas palavras — no ensino do surdo-mudo o Professor é o actor que está em scena, e quanto mais perfeita fór a execução, mais facil será a comprehensão do alumno, mais rapida a sua instrução, maior a gloria, e menor o trabalho do Professor.

62ª LIÇÃO

Quanto, onde

O Professor escreve :

Carlos? Tu tens quatro braços?

— Tu tens tres braços?

— Tu tens seis braços?

— Quantos braços tu tens?

— Quantos irmãos tu tens?

— Quantas irmãs?

— Quantos cadernos tu tens?

— Quantos cabellos tu tens?

José! Pedro está no jardim?

— Está na cozinha?

— Onde está elle?

Por este modo se ensina com mais precisão, *quando, como, de que côr, de que lado, etc.*

O alumno responde:

Não, eu não tenho quatro braços

Não, eu não tenho tres braços.

Não, eu não tenho seis braços.

Eu tenho dous.

Eu tenho um.

Eu tenho tres.

Eu tenho um.

Eu tenho muitos cabellos.

José. Não, elle não está no jardim.

Não, elle não está na cozinha.

Elle está no pátio.

63ª LIÇÃO

Interrogações circumstanciadas

O Professor escreve : O Professor pergunta : Raul responde :

Raul! escarnee de Raul! quem te bateu ? Foi Luiz.
Luiz.
Com que elle te bateu ? Com uma varinha.
Onde te bateu elle ? No braço.
Quantas vezes elle te Tres vezes.
bateu ? Porque eu escarneci
Por que elle te bateu ? delle.
Quando elle te bateu ? Agora, ha pouco.

Raul! dá um biscoito a Pedro. Raul! quem te abra-

Foi Pedro.

Quantas vezes te abra-
çou?

Duas vezes.

Por que elle te abraçou?

Porque eu lhe dei
um biscoito.

Quando elle te abraçou?

Agora, ha pouco.

— 318 —

É claro que se deve mandar fazer as acções a que se refere o dialogo. Estes dialogos exercitão muito a sagacidade dos alumnos, e os habituão a apreciar as diversas circumstancias dos factos, e a narra-las.

64ª LIÇÃO

*Moralidade de uma acção apreciada nas suas principaes
circumstancias*

O Professor escreve :

Raul! Pedro come.

É máo?

— Mas Pedro come por guloso.

É bom?

— José grita.

É bom?

— Mas José grita porque João
bateu seu irmão.

É máo?

— Paulo dá pão.

É bom?

— Elle dá pão aos passarinhos.

É máo?

O alumno responde :

Não, não é máo comer.

Não, é máo comer por golodice.

Não, não é bom gritar.

Não, é bom gritar quando batem
nosso irmão.

Não sei a quem elle dá pão.

Não, é bom dar comer aos animaes.

65ª LIÇÃO

Continuação

O Professor escreve: O alumno responde:

Alberto ! Jorge e Alfredo soffrem frio, suas roupas estão velhas, e elles não comprão novas.

— Elles fazem bem, ou fazem mal? Eu não sei.

Alfredo não compra roupas para alimentar sua mãe pobre e velha.

Jorge não compra roupa, para guardar o dinheiro.

Dize-me agora, elles Alfredo faz bem, porque se priva de roupas para alimentar sua mãe.

Jorge faz mal, porque é avarento.

Tudo o que cultiva o moral, e desenvolve a intelligencia, deve ser ensinado por este modelo de

lição. A proposito o Professor deve inventar, ou extrahir dos innumerados livros que ha, historietas moraes—e escreve-las na pedra periodo por periodo, verificando que o surdo-mudo vai comprehendendo, e fazendo dialogos sobre a narração, e sobre a construcção grammatical.

66^a LIÇÃO

*Achar a palavra abstracta que exprime certos
habitos*

O Professor escreve :

José falla continuamente, elle nunca attende ao que se lhe diz, elle nada sabe, e quer fallar, fallar.

O Professor pergunta : Luiz responde :

Luiz ! O que é José ? José é um fallador.

Raul nunca lava as
mãos, tem sempre
o rosto sujo, suas

roupas estão sempre manchadas.

Luiz! O que é Raul? Raul é um porco.

Para melhor firmar no espirito do alumno a idéa que se lhe dá nesta lição, empregue-se a interrogativa, assim, por ex. : Por que José é um fallador ?

O homem que falla continuamente, que não attende ao que se lhe diz, que nada sabe, e só quer fallar, fallar, que nome tem ?

Nesta formula de perguntas o Professor deve ter muito cuidado para que na pergunta não haja ambiguidades.

67^a LIÇÃO

*Desenvolvimento do sentido contido nas
palavras abstractas*

O Professor escreve : O alumno responde :

João ! o que faz um Um menino pregui-
menino preguiçoso ? çoso não trabalha,
dorme continua-
mente, e brinca ás
vezes.

— O que faz um be- Um bebado bebe
bado ? muito vinho e
aguardente, dor-
me muito tempo,
tem sempre sede,
quer sempre be-
ber, cambaleia e
cahe.

A estas lições o Professor dará o maior desenvolvimento, que fôr possível, procurando sempre ameniza-las com exemplos que divirtão os meninos. É este um dos casos do—*ridendo castigat mores*.

68ª Lição

Abstracções que se tirão do discurso

O Professor escreve : O alumno responde :

Julio ! dança.

— Não dança mais.

— Passeia rindo-te.

— Não passeia mais.

— Tu és trabalhador ? Sim, eu sou trabalhador.

— Com quem tu trabalhas ? Eu trabalho com o Sr. Professor.

— Traze-me um copo
d'agua, eu te peço.

O Professor escreve :

Paulo ! mostra-me uma ordem.
Mostra-me uma prohibição.
Mostra-me uma pergunta.
Mostra-me uma resposta.
Mostra-me um pedido.

69ª LIÇÃO

Continuação

O Professor escreve :

Luiz ! tu és um menino bom, e intelligente.

Se estudares muito, amanhã eu te darei doces.

Henrique ! tu és preguiçoso e desobediente.
Se tu continuares a não estudar,
e a desobedecer-me, eu te castigarei.

Ensina-se por este modo—*aviso, conselho, queixa, conversação, consentimento, etc.*

As abstracções tomão corpo no discurso, e nada é mais facil do que ensinar os nomes dessas abstracções. Assim, por ex. : O menino *bom* é o que tem *bondade*. O menino *intelligente* é o que tem *intelligencia*, etc.

70ª Lição

Dar corpo á abstracção

O Professor escreve :

- | | |
|----------------------|-----------------------|
| Julio ! dá uma ordem | Luiz ! assenta-te. |
| a Luiz. | |
| —Faze uma prohibi- | Pedro ! não brinca. |
| ção a Pedro. | |
| —Faze uma pergunta | Raul ! o que faz Pe- |
| a Raul. | dro ? |
| —Luiz faze um pedido | Antonio ! dá-me um |
| a Antonio. | lapis. |
| —Henrique faze um | João ! dá-me uma |
| pedido a João. | penna ? |
| —José faze uma pro- | Antonio ! eu te darei |
| messa a Antonio. | doce. |
| —Antonio faze uma | Joaquim ! eu quebra- |
| ameaça a Joa- | rei teu brinquedo. |
| quim. | |
- Meus amigos ! um cumprimento agrada.
Uma promessa alegra.
Uma reprehensão afflige.
Uma ameaça amedronta.

Por imitação o alumno aprende a dar nome e corpo ás idéas abstractas, que a phrase torna visível.

71ª LIÇÃO

*Segunda pessoa do plural empregada como
signal de respeito*

O Professor escreve:

Raul! o Sr. capellão é instruído.

Seus cabellos estão brancos, elle é
velho.

Elle é amigo de Deus.

Saúda-o sempre com respeito.

— Não lhe digas nunca: bom dia, capellão.

Eu te saúdo.

Estás cansado?

Dá-me tua bengala
e teu chapéo.

Eu te os restituirei
quando sahires.

— Mas dize-lhe sempre: bom dia, Sr. capellão.

Eu vos saúdo.

Estais cansado?

Dai-me vossa

bengala e vos-
so chapéo.
Eu lh'os restitui-
rei quando sa-
hirdes.

Esta lição só deve ser dada quando o alumno souber bem as desinencias dos verbos, dos pronomes e dos adjectivos possessivos no plural.

O Professor applicará este modelo de lição a todas as pessoas a quem o menino deve respeito.

Antes de passar á serie seguinte—o Professor—recorde todos os pontos ensinados fazendo repetidos exercicios. Um dos exercicios mais uteis tanto para a instrucção litteraria, como para a educação moral, é o indicado no seguinte modelo:

A còr encarnada	}	agrada os meninos.
O encarnado		
É incommodo	}	o ar quente. o calor.
O homem máo		
A mulher má	}	é despresado.
O menino máo		
Mentir é vergonhoso.	}	A mentira é vergonho- sa.
Enganar é reprehensivel.		
	{	O engano é desagrada- vel.

Quarta Serie

72ª LIÇÃO

Voz passiva

O Professor escreve : O Professor escreve :

Pedro ! eu quero que Paulo ! empurra Pe-
tu sejas empurrado dro.
por Paulo.

— Eu quero que tu
sejas acariciado por
Luiz. Luiz ! acariciá Pedro.

O Professor pergunta : Pedro responde :

Pedro ! o que serás tu Eu serei empurrado
daqui ha pouco ? por Paulo.

— O que és agora ? Agora eu sou acari-
ciado por Luiz.

— O que foste ha Eu fui empurrado
pouco ? por Paulo.

Quando o Professor exprimir sua vontade na voz
indicativa perguntará : *O que serás tu ?* Quando o
alumno responder—*eu serei empurrado*, o Professor
mandará outro alumno executar a sua vontade.

Emquanto o alumno a executar, pergunte : *O que és tu agora ?* Quando a acção tiver sido executada, pergunte : *O que foste ?* ao que o alumno responderá : *Eu fui empurrado.*

Por este modo se apresentam ao alumno os tres tempos principaes da voz passiva.

Não se omita a palavra—*agora*— na pergunta : *O que és tu ?*

Não seja motivo para embaraço o subjunctivo que começa a apparecer, pois que o surdo-mudo ainda não tem de exprimir as suas proprias idéas.

Nestas lições não se apresentam conjugações completas, e nem convem que se mande fazer pelo surdo-mudo o que se faz geralmente com os fallantes, isto é, mandar conjugar um verbo em todos os seus tempos.

Não—o Professor do surdo-mudo deve redigir lições aproveitando os factos, de modo que o surdo-mudo applique o tempo do verbo exactamente com a expressão do facto. Os passados imperfeitos e os futuros imperfeitos são tempos que exigem circumstancias muito sensiveis para serem comprehendidos pelo surdo-mudo.

Continuação

O Professor escreve :

Carlos ! Raul ! eu quero que vós
sejais abraçados .

— Eu quero que vós sejais arranha-
nhados .

— Eu quero que sejais mordidos .

O alumno pergunta :

Carlos ! Raul ! o que sereis vós
daqui a pouco ?

— que sois vós agora ?

O Professor escreve :

Luiz ! abraça Carlos e Raul .

— Arranha-os .

— Morde-os .

Os alumnos respondem :

Nós seremos abraçados por Luiz .

Nós somos arranhados por Luiz .

Nós somos abraçados por Luiz .

Nós somos mordidos por Luiz .

Por este modo ensina-se a conjugação dos verbos passivos, mudando os tempos e as pessoas.

74ª LIÇÃO

Futuro e passado proximos

O Professor escreve : O Professor pergunta : O alumno responde :

Julio ! abre a janella.

Julio ! queres obedecer-me ?

Sim, quero obedecer-vos.

— Fecha a porta.

— O que vais fazer ?

Eu vou abrir a janella.

— Ajoelha-te.

— O que vais fazer ?

Eu vou fechar a porta.

— Abre a janella.

— O que vais fazer ?

Eu vou ajoelhar-me.

O que acabas de fazer ?

Eu acabo de abrir a janella.

Julio ! fecha a porta. O que acabas de fazer ? Eu acabo de fechar a porta.

— Ajoelha-te. O que acabas de fazer ? Eu acabo de ajoelhar-me.

Antes do alumno executar as ordens—*abre a janella, fecha a porta*—pergunta-se o que elle vai fazer. Depois que elle tiver respondido repetem-se as ordens, e depois que elle as executa, pergunta-se o que acabou de fazer. O professor aproveitará o modelo para fazer o alumno notar que o verbo *ir* se applica para exprimir a intenção do que se pretende fazer, que o verbo — acabar — para se referir ou dizer o que se fez em proximo tempo passado. Assim ao signal para a refeição o Professor perguntará — o que vais fazer ? Eu vou jantar. Depois de qualquer acto na aula — o que acabas de fazer ? o que acabei de fazer, etc.

75ª LIÇÃO

Imperfeito do indicativo

O Professor escreve :

Luiz ! tu tocarás Raul, quando elle escrever na pedra.
Tu te rirás, quando elle dansar.
Tu o chamarás, quando elle passeiar.

O Professor pergunta : O alumno responde :

Raul ! o que fazias tu, quando Luiz
te tocou ? Eu escrevia.

— O que fazias tu, quando elle se
rio de ti ? Eu dansava.

Raul ! O que fazias tu, quando elle
te chamou ?

Eu passeiava.

Multipliquem-se os exemplos ; empreguem-se dous verbos, um de acção instantanea, — *entrar, chamar*, etc. — outro de acção duradoura — *comer, ler, escrever*, etc. — afim de melhor fazer sentir a acção do tempo imperfecto.

Para fixar a attenção do alumno fação-se perguntas como estas :

Raul ! escreveste muito tempo ? Sim, senhor.

Luiz te tocou muito tempo ? Não, senhor.

Elle te tocou mais tempo, do que tu escrevias ?

Não, senhor, elle tocou-me em um instante, e eu escrevi
meia hora.

Simultaneidade de acções executadas por agentes distintos

O Professor escreve: O Professor pergunta: O alumno responde:

Julio! tu abalarás a mesa quando Paulo es-crever.

Pedro! o que fará Julio?

Elle abalará a mesa quando Paulo es-crever.

— Tu abaixarás a vista quando eu te reprehender.

— O que fará elle?

Elle abaixará a vista quando o Sr. Professor o reprehender.

— O que faz elle?

Elle abala a mesa em que Paulo escreve.

— O que faz elle agora?

Elle abaixa a vista emquanto o Sr. Professor o reprehende.

— O que fez elle ? Elle abalou a mesa
quando Paulo es-
crevia.

— O que fez depois ? Elle abaixou a vista
enquanto o Sr.
Professor o repre-
hendia.

— 337 —

Antes de dar esta lição convem verificar se o alumno sabe a lição em que se lhe ensinou a simultaneidade das acções praticadas pelo mesmo sujeito.

77ª LIÇÃO

Relação da acção posterior com a anterior praticadas por sujeitos diversos

O Professor escreve:	O Professor pergunta :	O alumno responde :
João! tu empurrarás Paulo depois que José o tiver beliscado.	José! o que fará João?	Elle empurrará Paulo depois que vós o beliscardes.
— Tu acariciarás Luiz depois que eu o tiver saudado.	— O que fará elle ?	Elle acariciará Luiz depois que o Sr. Professor o saudar.
	— O que fez elle ?	Elle acariciou Luiz depois do Sr. Professor o ter saudado,

— O que fez elle antes? Elle empurrou Paulo depois do Sr. Professor o ter beliscado.

Pelo mesmo modo se procede para o sentido inverso, substituindo —*depois*-- por —*antes* e os tempos dos verbos.

78ª LIÇÃO

Subjunctivo

O Professor escreve:	O alumno escreve:	O alumno responde:
Raul! manda Luiz sair	Luiz! sahe.	Eu não quero sair.
— Dize a Luiz que eu quero que elle saia.	— O Sr. Professor quer que tu saias.	

Raul! Manda-o tomar Luiz! Toma um livro Eu não quero tomar
um livro e lêr. e lê. livro nem lêr.
— Dize-lhe que eu quer — O Sr. professor quer
ro que elle o faça. que tu o faças.
— Manda-lhe estar at- — Está attento. Não quero estar at-
tento. tento.

Para verificar se o alumno comprehende bem a phrase— o faças — pergun-
te-se-lhe:

— O que eu quero que tu faças?

— O que o Sr. Professor quer que tu faças?

E perguntas como estas devem ser feitas sempre que o verbo — fazer —
fôr empregado em substituição de outro.

79ª LIÇÃO

Continuação

O Professor escreve :

Luiz! hoje tu és bom, tu estudas.
Agora eu quero que me abrases.
Hontem tu eras máo, não me obedecias, não estudavas.
Hontem eu não queria que tu me abraçasses.

Alberto! tu estás muito grande.
Teu pai quer que tu estudes.
Elle não quer que tu sejas vadio.
Quando tu eras pequeno teu pai não queria que tu estudasses.
Elle queria que tu brincasses muito.

Ao Professor compete procurar assumptos que se prestem ao ensino dos tempos do subjunctivo, e ao mesmo tempo sirvão de lição moral.

80ª Lição

Continuação

- O Professor escreve : O alumno responde:
- Luiz! gostas de doce? Sim, senhor, eu gosto.
- Comes doce todos os dias? Eu não posso, eu não o tenho.
- Se tu o tivesses, comerias sempre? Sim, senhor, eu o comeria sempre.
- Eu te castiguei esta manhã? Não, o Sr. Professor não me castigou.
- Se eu te castigasse, tu chorarias? Sim, senhor, eu choraria.

Esta lição dá a chave do ensino do condicional, mas não remove todas as difficuldades. Exercícios repetidos sobre factos passados com o alumno e com os seus companheiros, empregando-se ora o futuro, ora o presente, e sempre verbos conhecidos dos alumnos, é o que o Professor terá o cuidado de fazer, sem fatigar o espirito do alumno.

81^a LIÇÃO

Continuação

O Professor escreve :

Pedro! vai buscar uma penna que está sobre a mesa.

O Professor pergunta: O alumno responde :

Pedro ! o que fizeste ? Eu fui buscar uma penna que o Sr. Professor disse que estava sobre a mesa.

— Trouxeste-a ? Não, senhor, porque lá não estava.

— O que farias se a penna lá estivesse ? Eu a teria trazido.
Luiz ! Pedro é obediente ? Sim, senhor, elle é obediente.

— Eu ordenei-lhe que elle fôsse buscar uma penna que está sobre a mesa ? Sim, senhor, vós lh'o ordenastes.

— Elle a trouxe ? Não.

— Por que ? Porque não a encontrou.

— E se a tivesse encontrado ? Elle a teria trazido.

82ª Lição

Infinitivos na activa e na passiva

O Professor escreve : O alumno responde :

José! tens visto Julio Sim, eu o tenho visto
escrever? escrevendo.

— Tens visto Luiz Sim, eu o tenho visto
chorar? chorando.

— Tens visto castigar Sim, eu o tenho visto
João? ser castigado.

— Quem o castigava? Era sua mãe.

— Tens visto repre- Sim, eu o tenho visto
hender Paulo? ser reprehendido.

— Quem o reprehen- Era seu pai.
dia?

— Tens visto acari- Sim, eu o tenho visto
ciar Raul? ser acariciado.

— Por quem elle era Por seu irmão.
acariciado?

—

83ª LIÇÃO

*Participios presente, passado de verbos
pronominaes*

O Professor escreve :

João ! saúda-me antes de te assentares.

José ! saúda-me assentando-te.

Luiz ! saúda-me depois de te haveres assentado.

O Professor escreve : O alumno responde :

Raul ! quem saudou-me antes de assentar-se ?

Foi João.

— Quem saudou-me assentando-se ?

Foi José.

— Quem saudou-me depois de se haver assentado ?

Foi Luiz.

A repetição da mesma idéa é indispensavel nesta lição, na qual se deve insistir muito com exercicios por numeros, como se vê no modelo dado anteriormente.

84^a LIÇÃO

*Fôrma reflexiva empregada na voz
passiva*

O Professor pergunta : O alumno responde :

- Luiz! come-se pão ? Sim, pão come-se.
— Bebe-se tinta? Não, tinta não se
 bebe.
— As estrellas se Não, de dia as estrel-
vêm de dia ? las não são vistas.
— Póde-se derreter Sim, a cêra derre-
cêra ? te-se.
— Póde-se cavar a Sim, a terra póde ser
terra ? cavada.
— A chuva molha a Sim, a terra se mo-
terra ? lha com a chuva.

O — *se* — deve ser ensinado como equivalente
de uma ou mais pessoas e cousas.

Quinta Serie

85^a LIÇÃO

Nomes dos dias

O Professor escreve :

Meus amigos ! hoje é segunda-feira, nós
 escrevemos, nós não de-
 senharemos.

Hoje é terça-feira, nós dese-
nhamos, e não escreve-
remos, etc.

Meus amigos ! segunda-feira nós escreve-
 mos e não desenhamos.
Terça-feira nós desenhamos
 e não escrevemos.

Quarta-feira, etc.

Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira,
quinta-feira, sexta-feira, sabbado e do-
mingo, são sete dias. Sete dias é uma
semana.

Todas as manhãs o Professor escreverá o no-
me do dia no alto da pedra, e a indicação das

principaes occupaões dos alumnos. Á tarde escreverá o que tiver acontecido de extraordinario, e que tiver chamado a attenção dos alumnos.

No dia seguinte o Professor exigirá que cada alumno lhe apresente uma narração dos actos que tiverem praticado no intervallo das aulas, e sobre elle fará interrogatorio de modo que não só os alumnos reconheçam e corrijão os erros que tiverem commettido, como mostrem que escreverão de propria inspiração.

Estes exercicios devem se estender gradativamente para ir combatendo o habito que todos adquirem de só responderem o que se lhes pergunta. É um defeito inevitavel do methodo Socratico, que é tempo de combater, e destruir e que só só consegue com repetidas descripções de factos observados ou representados em quadros.

86^a LIÇÃO

*Hoje, hontem, ante-hontem, amanhã, depois
d'amanhã*

O Professor escreve :

Meus amigos ! hoje é sexta-feira, nós tra-
balhamos, nós brincamos
pouco.

Hontem foi quinta-feira, nós
brincámos muito, e tra-
balhámos pouco.

Ante-hontem foi quarta-fei-
ra, e o Sr. Capellão nos
mandou rezar.

Amanhã será sabbado, e os
alumnos irão para a casa
de seus pais.

Depois d'amanhã será do-
mingo, nós não trabalha-
r e m o s ; nós ouviremos
Missa.

A lição deve ser sempre, como se tem dito, a
expressão dos factos.

87ª LIÇÃO

Horas e minutos

O Professor escreve: O alumno responde:

- Raul! mostra-me o
relogio. Eis o relogio.
— Mostra-me a pen-
dula. Eis a pendula.
— Mostra-me o mos-
trador. Eis ali.
— Mostra-me os pon-
teiros. Ei-los.
— Mostra-me as ho-
ras. Ei-las.
— Mostra-me os mi-
nutos. Ei-los.
— Quantas horas ha
no mostrador? Ha doze.
— Quantos minutos? Ha sessenta.

Está claro que o Professor deve mostrar ao me-
nino que o espaço que o ponteiro menor percorre
de um algarismo a outro do mostrador—é o que é
hora—e que os pequenos intervallos que ha entre
um risco e outro, é o minuto, fazendo bem claro
que em quanto o ponteiro menor percorre aquelle
espaço, o ponteiro maior percorre sessenta inter-
vallos, ou minutos.

Continuação

O Professor pergunta : O alumno responde :

José! quantos ponteiros tem o relógio? Tem dous.

— Mostra o ponteiro grande. Ei-lo.

— Mostra o ponteiro pequeno. Ei-lo.

— Os ponteiros andão? Sim, senhor, elles andão.

— Andão de pressa? O grande anda depressa, o pequeno anda muito de vagar.

— O que mostra o ponteiro grande? Mostra os minutos.

— O que mostra o pequeno? Mostra as horas.

Quantos minutos tem uma hora? Sessenta minutos.

Meia hora quantos minutos são? Trinta minutos.

89ª LIÇÃO

*Vespera, ante-vespera, amanhã, depois
d'amanhã*

O Professor escreve :

José! segunda-feira é vespera de terça-
feira.

Sabbado é vespera de domingo.

Domingo é vespera de segunda-fei-
ra.

Domingo é ante-vespera de terça-
feira.

João ! hoje é sexta-feira.

Amanhã é sabbado.

Depois d'amanhã é domingo.

Depois d'amanhã não trabalhare-
mos, brincaremos só.

O valor destas phrases de tempo é muito difficil
para o surdo-mudo, por isso convem muito só ap-
plica-las a factos muito conhecidos, e muito dese-
jados por elles.

90^a LIÇÃO

Dias do mez

- O Professor escreve : O alumno responde :
- Luiz ! hoje é sabba-
do.
- Hoje é 20 de Maio ? Não, senhor.
- Hoje é 24 ? Não, senhor.
- Quantos dias do
mez é hoje ? Eu não sei.
- Vê no Jornal quan-
to é hoje do mez.
- Quanto diz o Jor-
nal que é hoje do O Jornal diz : 24 de
mez ? Maio.

91ª LIÇÃO

Semana, mez e anno

O Professor escreve :

Meus amigos ! ha sete dias em uma semana :

Segunda-feira,

Terça-feira,

Quarta-feira, etc.

— Quatro semanas fazem um mez, e doze mezes fazem um anno.

— Os doze mezes se chamão :

Janeiro,

Fevereiro,

Março,

Abril, etc.

—

92ª LIÇÃO

Continuação

O Professor escreve: O alumno escreve :

José ! escreve os nomes dos sete dias da semana. Segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, etc.

— Quantos dias tem a semana ? Tem sete.

— Quantos dias tem o mez ? Tem trinta.

— Quantas semanas tem o mez ? Tem quatro.

— Quantos mezes fazem um anno ? Doze mezes.

— Escreve os nomes dos mezes. Janeiro, Fevereiro, Março, etc.

Mais tarde se ensinará a duração exacta dos mezes.

93ª LIÇÃO

Idéas geraes do tempo

O Professor escreve :

- Luiz ! quando o sol apparece é dia.
Quando o sol se esconde é noite.
Quando o sol está ali (aponta-se para
o logarem que nasce o sol) é de
manhã, nós nos acordamos, nós
nos levantamos da cama.
Quando o sol está aqui (aponta-se
para o alto) é meio dia, nós jan-
tamos.
Quando o sol está lá (aponta-se para o
poente), esconde-se, fica escuro, é
noite, nós nos deitamos, nós dormi-
mos.

Por este modo o Professor póde dar, á vista
de um relógio, a idéa da divisão do tempo, das
occupações que correspondem a cada hora, das
estações, emfim de tudo que tem relação com o
tempo.

Sexta Serie

Noções elementares de Deus

94ª LIÇÃO

O Professor escreve :

Deus está no Céu.

Nós não o vemos.

Elle é bom, muito bom.

Elle nos vê continuamente.

Deus ama os meninos bons.

Deus pune os meninos máos.

Os meninos bons irão para o Céu.

Verão o bom Deus, e serão sempre felizes.

As lições de religião e de moral achão o surdo-mudo admiravelmente disposto para recebe-las.

Estas lições são muito incompletas, e defeituosas, servem apenas para os pais e Professores formarem sobre ellas outras mais completas e mais perfeitas. Não se tema as repetições, nem a falta de elegancia no estylo.

Que o surdo-mudo comprehenda a doutrina christã, e a exprima — eis o ponto essencial.

95ª LIÇÃO

Deus é cheio de bondade

O Professor escreve :

Deus nos deu um pai e uma mãe.

Deu-nos um coração para ama-lo, e uma intelligencia para comprehende-lo.

Elle nos dá todos os dias pão para nutrir-nos, e flôres para gozarmos.

Elle dá pennas aos passarinhos, e lã aos carneiros para os proteger do frio.

Deus é cheio de bondade.

96ª LIÇÃO

O olho de Deus nos segue por toda a parte

O Professor escreve :

Deus nos vê de noite,
nos vê de dia,
nos vê continuamente.

Deus nos vê na cama,
nos vê no passeio,
nos vê por toda a parte.

Deus vê nossa intelligencia.
vê nosso corpo,
vê o Céu,
vê a terra,
vê tudo.

97^a LIÇÃO

Deus é puro espirito, Deus é todo poderoso.

O Professor escreve :

Deus não tem cabeça, nem braços, nem pernas.

Não tem boca, nem olhos, nem ouvidos.

Deus não tem corpo.

Os homens não podem vê-lo,
não podem toca-lo.

Deus é invisível, é impalpável.

Deus é puro espirito.

Deus ouve tudo,

vê tudo,

sabe tudo,

póde nos fazer viver,

póde nos fazer morrer.

Deus é todo poderoso.

98ª LIÇÃO

*Deus está em toda a parte, Deus é
remunerador*

O Professor escreve :

Deus está no céu,
está no ar,
está nas aguas,
está na terra,
está no fogo,
está em toda a parte.

Deus ama o verdadeiro,
detesta o falso,
pune os máos,
recompensa os bons.

Deus é justo.

99ª LIÇÃO

Deus é senhor soberano

O Professor escreve :

Deus manda os homens e os animaes,
manda os anjos e os demonios,
o céu, a terra e o mar lhe pertencem,
o sol, a lua, e as estrellas lhe obedecem.

Ninguem manda Deus.

Elle não obedece a ninguem.

Deus é senhor soberano.

100ª Lição

Deus creador

O Professor escreve: O alumno responde:

- Raul ! quem fez tuas
calças ? Foi o alfaiate.
- quem fez esta ca-
sa ? Fôrão os pedreiros e
carpinteiros.
- Quem fez estes
bancos ? Foi o marceneiro.
- Quem fez o céu ? Foi Deus.
- Quem fez o sol ? Foi Deus.
- Quem fez a terra e
o mar ? Foi Deus.
- Quem fez o ar, a
luz e o fogo ? Foi Deus.
- Quem fez a herva
e as arvores ? Foi Deus.
- Quem fez as flôres
e os fructos ? Foi Deus.
- Quem fez os ho-
mens e os animaes ? Foi Deus.
- Deus é creador.
-

101ª Lição

Deus é eterno

O Professor escreve :

Eu sou velho, e tu, Raul, és moço.

Eu fui moço, e tu serás velho.

Todos os homens nascem, vivem e morrem
como tu e eu.

Mas Deus está sempre moço, elle nunca nasceu, elle vive, elle viverá sempre, elle nunca morrerá.

Deus é eterno.

No Catechismo do abbade Lamberth, cuja primeira parte se acha traduzida e publicada para uso dos alumnos do Instituto, se encontra maior desenvolvimento para estas lições.

102ª LIÇÃO

Oração

O Professor escreve :

Meu Deus ! vós sois grande, muito grande,
 e eu sou pequeno, muito pe-
 queno.

Vós sois forte e eu sou fraco.

Vós sois sempre bom, e eu sou
 sempre máo.

Vós sabeis tudo, e eu sou igno-
 rante.

Eu quero obedecer-vos, amar-
 vos e implorar-vos.

Vinde a meu coração.

Esclarecei meu espirito.

Mostrai-me o bem, eu quero
 fazê-lo.

Mostrai-me o mal, eu quero
 evita-lo.

Eu vos agradeço o me terdes

dado a vida, um pai e uma
mãe. Eu vos peço que os
protejais.

Dai-me sabedoria para vos te-
mer, para vos amar e para
vos obedecer.

Aqui terminão as lições que o venerando Pro-
fessor Vallade Gabel compôz, depois de 30 annos
de magisterio, para o ensino da lingua franceza,
e que eu procurei adaptar ao ensino da lingua por-
tugueza.

Não é um compendio completo, é um esboço
que carece de perfeição, que só a pratica pôde
dar-lhe, principalmente na parte em que entendi
ser melhor deixar um pouco de lado as exigen-
cias da grammatica portugueza que desprezar o
seguinte conselho do illustre professor :

« Gardez-vous de rompre ce tissu serré, cette
unité de plan, cette marche progressive qu'une
fausse défiance des forces de l'élève trouvera peut-
être trop hasardés. Pour remédier un décousu qui
existe dans les idées du sourd-muet, il faut que
tout dans les leçons soit lié, rationnel, consequent ;

par ce moyen la reminiscence devient pour lui un guide aussi sûr que pour l'enfant ordinaire. »

Na educação dos surdos-mudos não se tem por fim fazer homens de letras, trata-se apenas de restituir á sociedade membros que lhe sejam uteis moral e materialmente ; moral, pelo cumprimento de todos os deveres sociaes, material, pelo concurso de sua industria para a riqueza nacional. E se a influencia pessoal dos mestres é de grande peso sobre os meninos fallantes, sobre os surdos-mudos é decisiva, porque a alma e o coração destes desventurados são como laminas photographicas.

Á intelligencia e bõa vontade, pois, dos professores, entrego o livro tal qual o pude fazer, pedindo-lhes que não esqueçam as memoraveis palavras do grande Guizot:

« La prévoyance de la loi, les ressources dont le pouvoir dispose, ne reussiront jamais à rendre la simple profession d'instituteur aussi attrayante qu'elle est utile.

La société ne saurait rendre à celui qui s'y consacre tout ce qu'il fait pour elle. Il n'y a point de fortune à faire, il n'y a guère de renommée à acquérir dans les obligations pénibles qu'il accomplit.

Destiné a voir sa vie s'écouler dans un travail monotone, quelquefois même a rencontrer autour

de lui l'injustice ou l'ingratitude de l'ignorance, il s'attristerai souvent, et succomberait peut-être, s'il ne puisait sa force et son courage que dans la perspective d'un intérêt immédiat et purement personnel. Il faut qu'un sentiment profonde de l'importance morale de ces travaux le soutienne et l'anime; que l'austère plaisir d'avoir servi les hommes et secrètement contribué au bien public devienne le digne salaire que lui donne sa conscience seule. C'est sa gloire de s'épuiser en sacrifices à peine comptés de ceux qui en profitent, de travailler enfin pour les hommes ET DE N'ATTENDRE SA RECOMPENSE QUE DE DIEU. »

TOBIAS LEITE.

ARITHMETICA

Para ensinar arithmetica aos surdos-mudos é preciso ter na aula um quadro de madeira pintado de preto como este

CENTENAS	DEZENAS	UNIDADES	
9 8 7 6 5 4 3 2 1	9 8 7 6 5 4 3 2 1	9 8 7 6 5 4 3 2 1	
			1=um botão.
			2=dous botões.
			3=tres botões.
			4=quatro botões.
			10=dez botões.
			11=onze botões.
			12=doze botões.

e uma porção de botões de pão ou de osso com um só furo no centro, e uma porção de fios de ferro do comprimento de um palmo, tendo em uma das extremidades um gancho para dependura-los no estilete ou ponta que deve estar cravado por baixo de cada numero, e na outra uma volta, ou cabeça que não deixe sahir o botão nelle enfiado. Manda-se o discipulo enfiar um botão em um dos fios de ferro 2 no 2º, 3 no 3º, 4 no 4º, e dependura-los de baixo dos numeros 1, 2, 3, 4 da casa das unidades, e escreve-se na taboa preta sobre aqual deve estar posto o quadro, dependurado ou encostado 1=um botão —, 2=dous botões,—3=tres botões, e assim successivamente até 9.

2ª LIÇÃO

Para verificar se o discipulo aprendeu os nomes dos numeros, o mestre escreverá na louza ou taboa preta:

Antonio! mostra um botão

mostra dous botões, etc.

Depois que o discipulo mostrar que sabe os nomes dos numeros, manda-se que escreva o algarismo e seus nomes assim: 1=um—2=dous 3=tres até 9.

3ª LIÇÃO

Chama-se a attenção do discipulo para o nome que está sobre os algarismos, e escreve-se. Estes

algarismos são unidades, e manda-se fazer o seguinte exercicio :

Antonio ! mostra uma unidade de botões
mostra duas unidades de botões
mostra tres unidades de botões
e varia-se o exercicio com todos os objectos que estiverem ao alcance do alumno : pennas, lapis, louzas, livros, pessoas e animaes.

4^a LIÇÃO

Para ensinar-se as dezenas procede-se assim :

Tirão-se os botões que estão dependurados na casa das unidades, escreve-se na pedra sobre que está encostado o quadro—0=zero—, dependura-se sob o n. 1 da casa das dezenas um fio de ferro com um botão, e escreve-se embaixo 1—e ao lado 10=dez.

Dependura-se depois um fio de ferro com um botão debaixo do numero 1 da casa das unidades, escreve-se por baixo o numero um—e ao lado—11—onze, e assim com cada numero até chegar a noventa e nove. Chegado a esse numero procede-se pelo mesmo modo por que se procedeu para ensinar a passagem das unidades para as dezenas.

Nesta lição se conservará o alumno até que pelos repetidos exercicios tenha aprendido a formar e a escrever numeros até 99.

Exercícios

$1 + 0 = 10 = 1$ dezena de botões $= 10$ botões.
 $1 + 1 = 11 = 1$ dezena e um botão $= 11$ botões.
 $1 + 2 = 12 = 1$ dezena e dous botões $= 12$ botões.
e assim por diante, não indo além de 10 centenas
ou um milhar.

5ª LIÇÃO

Adição

Da quinta lição começa o ensino da adição,
e como o discipulo já sabe formar numeros até
mil, reduz-se o ensino a exercicios, tendo-se sem-
pre o cuidado de não dar numeros abstractos.

Deve-se sempre escolher para cada exercicio
um objecto que agrade ao discipulo,

Exemplo: 1 laranja + 2 laranjas = 3 laranjas
2 laranjas + 2 » = 4 »
3 » + 2 » = 5 »

e assim por diante, passando para numeros inter-
calados, quando o discipulo já souber sommar
numeros continuos.

6ª LIÇÃO

Multiplicação

Os signaes + mais, e = igual, são signaes que
os surdos-mudos sabem naturalmente exprimindo
o primeiro pelo cruzamento dos dous indicadores,

e o segundo pelo movimento desencontrado dos mesmos dedos collocados horizontal ou parallelamente. Os signaes de multiplicação e de divisão são puramente convencionaes, e por isso só a practica os ensinará, sendo inuteis quaesquer explicações.

Sabendo o discipulo sommar, o mestre, tendo á vista certo numero de objectos sobre que deve assentar a lição, escreverá na pedra :

$$\begin{array}{rcl} 2+2+2=6 & 2 \text{ botões (uma vez)} & \\ 2+2+2+2=8 & 2 \text{ » (duas vezes)} & \left. \begin{array}{l} \text{são, ou=} \\ \text{6 botões.} \end{array} \right\} \\ & 2 \text{ » (tres vezes)} & \end{array}$$

Para verificar se o discipulo comprehende, procederá assim :

Collocará dous botões sobre a mesa e perguntará :

F. ! que fiz eu ? Vós puzestes dous botões
sobre a mesa.

Repetirá o acto e a pergunta tres vezes, e depois perguntará :

Quantas vezes eu colloquei dous botões sobre a mesa ? Tres vezes.

Quantos botões eu colloquei sobre a mesa ? seis botões

Quantos botões colloquei cada vez ? 2

Quantas vezes colloquei dous botões ? \times 3=6 botões.

E insistirá nas perguntas, ora synthetica, ora

analyticamente, até certificar-se que o discípulo mostra que comprehendeu.

Para ter essa certeza empregue o seguinte meio:

1 vez dous botões

1 vez dous botões

1 vez dous botões

Quantos botões são?

Se o discípulo responder immediatamente, é signal de que comprehendeu, e então poderá ser applicado aos seguintes exercicios:

$$2 \times 2 = 4$$

$$2 \times 3 = 6$$

$$2 \times 4 = 8$$

$$2 \times 5 = 10 \text{—etc.}$$

Para passar á multiplicação de mais de um algarismo só terá de voltar ás noções da formação de numeros e da addição, para que o discípulo comprehenda que deve escrever os algarismos na columna das unidades da mesma especie para poder fazer a somma.

7^a Lição

Subtracção

Para ensinar a subtracção colloca-se sobre uma mesa diversas porções de botões, lapis ou caroços, e tirando-se de cada porção um certo numero, pergunta-se quantos ficam?

Assim — : Aqui estão — 10 botões, eu tirei 4 — quantos botões ficarão ?

Exercicio: 10 *menos* 2 = 8

9 — 1 = 8

8 — 3 = 5 e assim por diante.

Estando o discipulo pratico em fazer subtracção de numeros até 10, proceda o professor assim :

Colloque sobre a mesa 24 lapis em duas porções, uma de 20 á esquerda, e outra de 4 á direita.

Colloque tambem os alumnos em linha (suppondo que são 17), a da direita de 7, e a da esquerda de 10.

O Professor escreve: João, tira dos lapis que estão á direita um lapis e dá aos alumnos da direita.

O alumno conta os lapis, e responde:

Não posso porque só ha quatro lapis, e os alumnos são 7.

Tira 10 lapis da esquerda e junta aos da direita.

Quantos lapis tens agora? Tenho 14.

Dá aos alumnos da direita 1 lapis a cada um.

Quantos te ficarão? Ficarão 7.

Quantos lapis ficarão á esquerda? Ficarão 10.

Dá-os aos alumnos da esquerda.

Todos os alumnos têm lapis? Sim senhor.

Quantos lapis restarão? Restarão 7.

Depois deste dialogo pratico o professor escreve:

24 botões

17 alumnos (*)

07 botões

Que fizeste? eu tirei de 24 lapis 17, para dar um a cada alumno.

Quantos lapis déstes aos alumnos? 17 lapis.

Quantos lapis ficárão de resto? 7.

E por este modo, sempre praticamente o professor irá mostrando que do numero menor não se póde tirar o maior, tomando-se ao numero da esquerda 1 — augmenta-se de 10 o valor do da direita.

8ª LIÇÃO

Divisão

Para ensinar a divisão procede-se assim:

Colloca-se sobre a mesa 12 botões.

O professor manda contar os botões 2 a 2, e pergunta:

João! Quantas vezes ha 2 botões em 12? Ha 6.

Faz-se este exercicio com diversos numeros pares.

Depois que o discipulo estiver bem pratico, escreve-se:

(*) Depois se ensinará que não se deduz alumnos de botões.

$$12 \div 2 = 6$$

$$14 \div 2 = 7$$

$$16 \div 2 = 8$$

Pratico o discipulo em dividir numeros pares, passa-se aos numeros impares pelo seguinte modo :

Colloca-se sobre a mesa 19 botões, e manda-se conta-los 3 a 3, e faz-se notar que sobra 1 botão.

O Professor pergunta :

João! Quantas vezes em 19 botões ha 3? Ha 6, e sobra 1.

Escreve então o Professor :

$$19 \div 3 = 6 + 1$$

$$23 \div 3 = 7 + 2$$

$$25 \div 3 = 8 + 1$$

Bem exercitado o discipulo com os divisores de um só algarismo, passa-se á divisão com divisores de mais de um algarismo.

$$\text{Exemplo : } \begin{array}{r} 3684 \mid 12 \\ 36 \quad \underline{37} \end{array}$$

Quantas vezes em 36 ha 12? 0084

Multiplica 3 por 12. 84

00

Deduz 36 de 36.

O que restou? Zero.

Quantas vezes em 84 ha 12 ?

Multiplica 7 por 84.

Deduz 84 de 84.

O que restou ? Zero.

Quantas vezes ha 12 em 3684 ? Ha 37 vezes.

9ª LIÇÃO

Regras

Praticando bem o surdo-mudo as quatro operações em numeros inteiros, ensine-se-lhe tambem praticamente as seguintes regras :

Colloque-se sobre a mesa :

4 lapis

6 botões

2 tinteiros

5 pennas

e mande-se sommar.

O surdo-mudo sommará e dirá : são 17.

O Professor perguntará : 17 o que ?

O surdo-mudo responderá, por exemplo . 17 lapis.

O Professor mostrará que os lapis são 4.

Se disser que são botões, o Professor contará os botões e mostrará que são 6, e assim por diante até esgotar a lista dos objectos que estiverem sobre a mesa.

Então juntará aos objectos que estiverem sobre a mesa outros objectos identicos, sommará e mostrará que botões sommao-se com botões, pennas com pennas, etc., e escreverá: quantidades heterogeneas não se sommao, e mostrará que a palavra heterogenea exprime — cousas de diversa natureza.

Collocando sobre a mesa numeros pares de botões, lapis, etc., os dividirá em numeros pares, e depois de mostrar praticamente o principio, escreverá: os numeros pares são divisiveis por numeros pares.

10^a LIÇÃO

Fracções e decimaes

Para ensinar fracções o Professor se servirá de uma folha de papel, ou de outro objecto que possa ser facilmente dividido.

Partindo o objecto ao meio escreverá $\frac{1}{2}$, em tres partes $\frac{1}{3}$, em quatro $\frac{1}{4}$, etc.

Com exercicios praticos lhe mostrará que o numero superior á linha chama-se *numerador*, porque *indica* o numero das partes que o numero inferior denomina, e sempre praticamente o levará a fazer as quatro operações sobre fracções.

Pelo mesmo modo ensinará decimaes, assim :

Dividido o objecto em 10 partes, irá separando uma por uma e escrevendo : 1 decimo

1 decimo

1 decimo, até 10.

Chegando a 10 porá os decimos na ordem em que fôrão separados, e mostrará por ex : que os 10 decimos de lapis reunidos fórmão um lapis.

Applicando o mesmo processo ao decimo do papel, por exemplo, chegará ao centesimo, e até ao millesimo, além do qual não deverá passar.

Comprehendidas as denominações, o professor ensinará a escreve-las, pondo ao lado uma folha de papel, por exemplo, e do outro uma folha partida em 10 partes, e escreverá:

1, 2— (juntando á folha inteira dous decimos da outra.)

1, 4—etc.

levando a demonstração sempre praticamente até que o surdo-mudo fique sabendo que a virgula para a direita ou para a esquerda augmenta ou diminue o valor dos algarismos á direita.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE

Por este methodo o Professor conseguirá que o surdo-mudo faça as quatro operações sobre numeros inteiros e decimaes, com a mesma facilidade com que se consegue dos fallantes.

Mas este ensino será quasi inutil se o surdo-mudo não fôr applicado, logo que saiba fazer as quatro operações arithmeticas, a exercicios continuos sobre factos da vida commum.

O Professor, portanto, deverá dar-lhe continuamente exercicios como este:

Comprei a F. + 4 laranjas.

» a B. 7 »

» a J. 8 »

quantas laranjas comprei ?

Eu tinha 18 lapis.

Dei a F.—6 lapis.

Com quantos fiquei ?

Comprei 50 batatas, pagando por cada uma + 20 réis.

Quantos 20 réis gastei ?

Comprei 18 gallinhas por 54 patacas.

Quanto me custou cada gallinha ?

Com exercicios semelhantes, conveniente e methodicamente dados, se habilitará o surdo-mudo para a vida pratica.

LIÇÕES DE METROLOGIA

O melhor meio de ensinar o systema metrico de pesos e medidas é apresentar ao discipulo o objecto de que se trata ; com as descripções e com as estampas nunca se consegue que o menino faça idéa exacta da cousa; portanto, o Professor, mostrando um metro, começará o lição pelo seguinte modo:

MEDIDA DE EXTENSÃO

LIÇÃO I

Isto chama-se metro. Serve para medir o comprimento, a largura ou a altura de qualquer cousa.

Conta-se 1 metro, 2 metros, 3 metros, 4

metros, 5 metros, 6 metros, 7 metros, 8 metros, 9 metros, 10 metros.

Dez metros diz-se *deca-metro*.

Cem metros diz-se *hecto-metro*.

Mil metros diz-se *kilo-metro*.

Dez mil metros diz-se *myria-metro*.

Como vês *deca* é igual a 10

hecto é igual a 100

kilo é igual a 1,000

myria é igual a 10,000.

Dada esta explicação tantas vezes quantas o Professor julgar necessarias, faça-se o seguinte dialogo por escripto :

O PROFESSOR

O DISCIPULO

Como se chama isto ?

Isto chama-se metro.

Para que serve o metro ?

O metro serve para medir o comprimento, a largura, ou a altura de qualquer cousa ; como : uma corda, uma sala, uma parede, etc.

Como se conta a medida metrica ?

Conta-se 1 metro , 2 metros, 3 metros, 4 metros, etc.

O PROFESSOR

O DISCIPULO

Dez metros como se diz ?	10 metros se diz <i>deca-</i> <i>metro.</i>
Cem metros como se diz ?	100 metros se diz <i>hecto-</i> <i>metro.</i>
Mil metros como se diz ?	1,000 metros se diz <i>kilo-</i> <i>metro.</i>
Dez mil metros como se diz ?	10,000 metros se diz <i>myria-</i> <i>metro.</i>
Deca é igual a ?	Deca é igual a 10.
Hecto é igual a ?	Hecto é igual a 100.
Kilo é igual a ?	Kilo é igual a 1,000.
Myria é igual a ?	Myria é igual a 10,000.

LIÇÃO II

O metro está dividido por estes riscos em dez partes iguaes.	Cada uma destas partes chama-se <i>decimetro.</i>
Cada um destes decímetros está dividido por estes pequenos riscos em dez partes iguaes.	Cada uma dessas partes chama-se <i>centimetro.</i>
Cada um desses centímetros está dividido por estes risquinhos em dez partes iguaes.	Cada uma destas pequenas partes chama-se <i>millimetro.</i>
Como vês, deci é igual á <i>decima</i> parte, centi é igual á <i>centesima</i> parte, milli é igual á <i>millesima</i> parte.	

O algarismo á esquerda da virgula designa o numero de metros, e o á direita o numero das partes do metro.

O PROFESSOR

O DISCIPULO

Em quantas partes se divide o metro ?

Como se chama cada uma destas partes ?

O decimetro em quantas partes se divide ?

Como se chama cada uma destas partes ?

O centimetro em quantas partes se divide ?

Como se chama cada uma destas partes ?

Deci é igual a ?

Centi é igual a ?

Milli é igual a ?

Como se escreve em algarismos ?

O que designa o algarismo que fica á esquerda da virgula ?

O metro divide-se em 10 partes.

Cada uma destas partes chama-se decimetro.

O decimetro divide-se em 10 partes.

Cada uma destas partes se chama centimetro.

O centimetro divide-se em 10 partes.

Cada uma destas partes chama-se millimetro.

Deci é igual á decima parte.

Centi é igual á centesima parte.

Milli é igual á millesima parte.

Em algarismos escreve-se assim 0^m,5, 0^m,04, 0^m,008.

O algarismo que fica á esquerda da virgula designa o numero de metros.

O PROFESSOR

O DISCIPULO

E o que fica á direita ?

O que fica á direita designa o numero das partes do metro.

LIÇÃO III

Exercicios

O PROFESSOR

O DISCIPULO

O decametro é igual ?

a 10 metros.

O hectometro é igual ?

a 100 metros.

O kilometro é igual ?

a 1,000 metros.

O myriametro é igual ?

a 10,000 metros.

O metro é igual ?

a 10 decímetros.

O decimetro é igual ?

a 10 centímetros.

O centimetro é igual ?

a 10 millímetros.

O metro é igual ?

a 100 centímetros.

Escreve em algarismos :

Dous metros tres decímetros

2^m,3.

Cinco metros quatro centímetros

5^m,04.

Cinco decímetros

0^m,5.

Oito centímetros

0^m,08.

Tres metros dous millímetros

3^m,002.

Quatro millímetros

0^m,004.

Escreve por extenso ; 0^m,8

Oito decímetros.

3^m,06

Tres metros seis centímetros.

O PROFESSOR

O DISCIPULO

0^m,005
24^m
16^m,32, etc.

Cinco millimetros.
Vinte e quatro metros.
Dezeseis metros trinta
e dous centimetros.

LIÇÃO IV

Problemas

O PROFESSOR

O DISCIPULO

Comprei tres peças de
fita com os seguintes
comprimentos: a 1^a com
7^m,06; a 2^a com 2^m,3; e a
3^a com 8^m,5.— Quantos
metros de fita comprei?

1 ^a	7 ^m ,06
2 ^a	2 ^m ,3
3 ^a	8 ^m ,5
	<hr/>

Comprastes.... 17^m,86

De uma peça de panno
de 26^m,04 vendi 18^m.
Quantos metros sobrá-
rão?

26 ^m ,04
18
<hr/>

Sobrarão. . . . 8^m,04

Custando cada metro
de cadarço 240 rs., por
quanto comprarei 22^m?

240
22
<hr/>
48
<hr/>
48
<hr/>

Comprarei por 5\$280

O PROFESSOR

Comprei 17^m de panno
de linho por 28\$900.
Quanto me custou cada
metro ?

O DISCIPULO

28\$900	17
17	<u>1700</u>
119	
119	
<u>0000</u>	

Cada metro custou 1\$700

MEDIDA DE CAPACIDADE

LIÇÃO V

Isto chama-se litro. Serve para medir líquidos, grãos, farinha, etc. Conta-se 1 litro, 2 litros, 3 litros, 4 litros, 5 litros, 6 litros, 7 litros, 8 litros, 9 litros, 10 litros, etc.

Dez litros diz-se *deca-litro* ;

Cem litros diz-se *hecto-litro* ;

Mil litros diz-se *kilo-litro* ;

Dez mil litros diz-se *myria-litro*.

O PROFESSOR

Como se chama isto ?
Para que serve o litro?

O DISCIPULO

Chama-se litro.
Serve para medir líquidos, como vinho, leite, água; grãos, como feijão, milho e farinhas ou pós.

O PROFESSOR

Como se conta ?

Dez litros como se diz ?

Cem litros como se diz ?

Mil litros como se diz ?

Dez mil litros como se diz ?

O DISCÍPULO

Conta-se um litro, 2 litros, 3 litros, 4 litros, etc.

10 litros diz-se deca-litro.

100 litros diz-se hecto-litro.

1,000 litros diz-se kilo-litro.

10,000 litros diz-se myria-litro.

LIÇÃO VI

Aqui estão tres medidas mais pequenas que o litro.

Esta é *dez* vezes menor que o litro, é um *deci-litro*.

Esta outra é *cem* vezes menor que o litro, é um *centi-litro*.

Esta é *mil* vezes menor que o litro, é um *milli-litro*.

O PROFESSOR

Como se chama esta medida dez vezes menor que o litro ?

O DISCÍPULO

Esta medida dez vezes menor que o litro chama-se *deci-litro*.

O PROFESSOR

O DISCIPULO

- | | |
|---|---|
| Como se chama esta medida com vezes menor que o litro ? | Esta medida com vezes menor que o litro chama-se <i>centi-litro</i> . |
| Como se chama esta medida mil vezes menor que o litro ? | Chama-se <i>milli-litro</i> . |
| Um deci-litro que parte é do litro ? | Um deci-litro é a decima parte do litro. |
| Um centi-litro que parte é do litro ? | Um centi-litro é a centesima parte do litro. |
| Um milli-litro que parte é do litro ? | Um milli-litro é a millesima parte do litro. |
| Como se escreve em algarismos ? | Em algarismos escreve-se assim : $0^1,5$, $0^1,02$, $0^1,004$. |
| O que designa o algarismo á esquerda da virgula ? | O algarismo á esquerda da virgula designa o numero de litros. |
| E o que fica á direita ? | O que fica á direita designa o numero das partes do litro. |

LIÇÃO VII

Exercicios

O PROFESSOR

O DISCIPULO

- | | |
|-------------------------|---------------|
| O deca-litro é igual ? | a 10 litros. |
| O hecto-litro é igual ? | a 100 litros. |

O PROFESSOR	O DISCIPULO
O kilo-litro é igual ?	a 1,000 litros.
O myria-litro é igual ?	a 10,000 litros.
O litro é igual ?	a 10 deci-litros.
O deci-litro é igual ?	a 10 centi-litros.
O centi-litro é igual ?	a 10 milli-litros.
O litro é igual ?	a 100 centi-litros.
O litro é igual ?	a 1,000 milli-litros.
Escreve em algarismos : dous litros cinco deci-litros.	2 ^l ,5
Quatro litros oito centi-litros.	4 ^l , 08
Tres hecto-litros cinco litros.	3 ^{hectol} ,05
Dous kilo-litros tres deca-litros.	2 ^{kilol} ,03
Escreve por extenso :	
3 ^l ,4	Tres litros quatro deci-litros.
0 ^l ,34	Trinta e quatro centi-litros.
4 ^l ,243	Quatro litros duzentos e quarenta e tres mililitros.
2 ^{hectol} ,06 ⁱ	Dous hecto-litros seis litros.
5 ^{kilol} ,8	Cinco kilo-litros oito hecto-litros.

LIÇÃO VIII

Problemas

O PROFESSOR	O DISCIPULO
Comprei 4 pipas de vinho: a 1 ^a com 30 ^{hectol}	1 ^a ... 30 ^{hectol}
a 2 ^a com 15 ^{hectol} ,43; a	2 ^a ... 15,43
3 ^a com 18 ^{hectol} ,2; e a	3 ^a ... 18,2
4 ^a com 22 ^{hectol} .	4 ^a ... 22
Que porção de vinho comprei?	Comprastes. $\overline{85^{\text{hectol}},63}$
Tenho uma pipa com 73, ^{hectol} 36 de vinho; se eu beber 24 ^{hectol} , quantos sobrarão?	$\overline{73^{\text{hectol}},36}$ 24
Custando cada litro de farinha 300 rs., por quanto comprarei 20 litros?	Sobrarão $\overline{49^{\text{hectol}},36}$ 300 20
Comprei 5 hecto-litros de feijão por 100\$000. Quanto me custou cada hecto-litro?	Comprareis por $\overline{6\$000}$ 100000 5 00000 $\overline{20\$000}$ Custou-vos 20\$000

MEDIDAS DE PESO

LIÇÃO IX

Isto chamma-se grammo. Serve para pesar carne, toucinho, assucar, café, manteiga, etc.

Conta-se 1 grammo, 2 grammos, 3 grammos, 4 grammos, 5 grammos, 6 grammos, 7 grammos, 8 grammos, 9 grammos, 10 grammos, etc.

Dez grammos diz-se *deca-grammo*.

Cem grammos diz-se *hecto-grammo*.

Mil grammos diz-se *kilo-grammo*.

Dez mil grammos diz-se *myria-grammo*.

O PROFESSOR

O DISCIPULO

Como se chama isto ?	Isto chama-se grammo.
Para que serve o grammo ?	O grammo serve para pesar carne, toucinho, assucar, café, manteiga, etc.
Como se conta ?	Conta-se 1 grammo, 2 grammos, 3 grammos, etc.
Dez grammos como se diz ?	10 grammos diz-se deca-grammo.
Cem grammos como se diz ?	100 grammos diz-se hecto-grammo.
Mil grammos como se diz ?	1,000 grammos diz-se kilo-grammo.
Dez mil grammos como se diz ?	10,000 grammos diz-se myria-grammo.

LIÇÃO X

Aqui estão tres pesos mais pequenos que o grammo.

Este é *dez* vezes menor que o grammo, é um *deci-grammo*.

Este outro é *cem* vezes menor que o grammo, é um *centi-grammo*.

Este é *mil* vezes menor que o grammo, é um *milli-grammo*.

O algarismo á esquerda da virgula designa o numero de grammos, e o da direita o numero das partes do grammo.

O PROFESSOR

O DISCIPULO

Como se chama este peso dez vezes menor que o grammo ?

Este peso dez vezes menor que o grammo chama-se *deci-grammo*.

Como se chama este peso cem vezes menor que o grammo ?

Este peso cem vezes menor que o grammo chama-se *centi-grammo*.

Como se chama este peso mil vezes menor que o grammo ?

Este peso mil vezes menor que o grammo chama-se *milli-grammo*.

Um *deci-grammo* que parte é do grammo ?

Um *deci-grammo* é a *decima* parte do grammo.

O PROFESSOR

O DISCIPULO

Um centi-grammo que parte é do grammo?

Um centi-grammo é a *centesima* parte do grammo.

Um milli-grammo que parte é do grammo?

Um milli-grammo é a *millesima* parte do grammo.

Como se escreve em algarismos?

Em algarismos escreve-se assim: 0^{gr},8, 0^{gr},06, 0^{gr},002.

O que designa o algarismo que fica á esquerda da virgula?

O algarismo que fica á esquerda da virgula designa o numero de grammos.

E o que fica a direita?

O que fica á direita designa o numero das partes do grammo.

LIÇÃO XI

Exercicios

O PROFESSOR

O DISCIPULO

O deca-grammo é igual?

a 10 grammos.

O hecto-grammo é igual?

a 100 »

O kilo-grammo é igual?

a 1,000 »

O myria-grammo é igual?

a 10,000 »

O PROFESSOR

O DISCIPULO

O grammo é igual?	a 10 deci-grammos.
O grammo é igual?	a 100 centi-grammos.
O grammo é igual?	a 1,000 milli-grammos.
O deci-grammo é igual?	a 10 centi-grammos.
O centi-grammo é igual?	a 10 milli-grammos.

Escreve em algarismos :

Cinco grammos tres deci-grammos.	5 ^{gr} ,3
Dous grammos seis centi- grammos.	2 ^{gr} ,06
Tres grammos oito milli- grammos.	3 ^{gr} ,008
Quatro kilogrammos.	4 ^{kilogrs}
Seis kilogrammos dous grammos.	6 ^{kilogrs} ,002
Nove hectogrammos cinco decagrammos.	9 ^{hectogrs} ,5

Escreve por extenso :

0 ^{grs} ,34	Trinta e quatro centi- grammos.
8 ^{grs} ,006	Oito grammos seis mil- li-grammos.
3 ^{kilogrs} ,7	Tres kilogrammos sete hectogrammos.
0 ^{kilogrs} ,542	Quinhentos e quarenta e dous grammos.
6 ^{myriagrs} ,8	Seis myriagrammos oito kilogrammos.

LIÇÃO XII

Problemas

O PROFESSOR

O DISCIPULO

Comprei 3 mantas de carne com os seguintes pesos: a 1^a com 5^{kilogs}, a 2^a com 8^{kilogs}, 003, a 3^a com 3^{kilogs}
Que porção de carne comprei?

1.^a—5^{kilogs}
2.^a—8, ^{kilogs} 003
3.^a—3^{kilogs}

Comprastes. 16^{kilogs}, 003

De um barril de manteiga de 8^{kilogs}, 005 vendi 5^{kilogs}, 002.

8^{kilogs}, 005
5 » 002

Quantos kilogs. sobrarão?

Sobrarão 3^{kilogs}, 003

A 600 rs. o kilogrammo de carne por quanto comprarei 8^{kilogs}?

600
8

Comprareis por 4\$800

Comprei 12^{kilogs} de café por 9\$600 rs.
Quanto custou cada kilogrammo?

9600 | 12
96 800
000

Custou-vos 800 rs.

MEDIDAS DE SUPERFICIE

LIÇÃO XIII

Para medir as superficies usa-se de uma medida que se chama Areo.

O Areo é um quadrado que tem dez metros por lado ou cem metros quadrados.

Para medir-se um campo, uma praça ou outra qualquer grande superfície, conta-se quantas vezes a superfície tem dez metros de largura, e conta-se quantas vezes a superfície tem dez metros de comprimento.

Assim, se um campo tiver 100 metros de largo e 100 metros de comprimento, a superfície desse campo tem 10 areos ou 1 hectareo.

Esta medida é pouco usada entre nós. Os agrônomos usam da expressão *metro-quadrado*.

MEDIDAS DE VOLUME

LIÇÃO XIV

Para se medir o volume de qualquer coisa, como : pedra, terra, barro, arêa, etc., usa-se de uma medida que se chama Estereo.

O Estereo é uma medida que tem a fôrma de um dado com um metro em cada aresta ou quina.

Para medir-se uma pedra, um monte de terra, de barro ou de arêa, conta-se o numero de veses que a pedra, o monte, tem um metro de altura, um metro de largura e um metro de comprimento.

Assim se uma pedra tiver 10 metros de largura, 10 metros de comprimento e 10 metros de altura, essa pedra terá 10 Estereos, ou um Decastereo.

Esta medida não é usada no Brazil. Os engenheiros usão da expressão *metro-cubico*.

Glossário do TexTo

Termo	Pág.	Significado
Abalar	336	Sacudir, balançar.
Arremedar	257	Imitar, copiar.
Áreo	399	Medida de área, corresponde a um quadrado com 10 metros de cada lado.
Asseiado	54	Limpo, assecado.
Assentar(-se)	201	Pôr(-se) em assento; sentar.
Atributo	115	Predicado nominal, ou adjetivo contraindo função de adjunto adnominal.
Boceta	51	Caixa redonda ou oval, para guardar pequenos objetos.
Bulíçoso	214	Agitado, irrequieto, travesso.
Concorrentemente	213	Ao mesmo tempo; concomitantemente. [concorrentemente]
Concurrentemente	213	Cf. concorrentemente.
Dactilologia	3	Cf. datilologia.
Datilologia	3	Comunicação por sinais feitos com os dedos, especialmente a dos surdo-mudos. [datylologia]
Escarnecer	317	Tratar com escárnio, com zombaria; ridicularizar.
Estéreo	399	Medida de volume para medir madeira; equivale a um metro cúbico.
Fononímia	22 ¹	Leitura labial. 2 Articulação de palavra apreendida pela visão ou tato. [phononímia]
Haver	178	(acepção antiga) Receber.
Haver	215	(Acepção antiga) Possuir.
Hemiplegia	IX	Paralisia, total ou parcial, de uma das metades laterais do corpo.
Irrisão	71	Ato de rir desdenhosamente; zombaria.
Leito de Procusto	249	Cf. Procusto.
Método socrático	348	Método didático segundo o qual o ensino é feito em diálogos conduzidos pelo professor, levando o aluno a refletir por si mesmo.

Miria-	385	Prefixo que significa 10.000. P.ex., um mirialitro corresponde a 10.000 litros; um miriâmetro, a 10.000 metros; um miriagrama equivale a 10.000 gramas. Cf. <i>myria-</i> , <i>myria-grammo</i> .
Museu	41	Coleção, miscelânea de objetos, em geral raros; no caso, coleção de objetos que o surdo-mudo deve aprender.
Myria-	384	Cf. <i>miria-</i> .
Myria-grammo	394	Cf. <i>miria-</i> .
Myria-litro	389	Cf. <i>miria-</i> .
Myria-metro	385	Cf. <i>miria-</i> .
Pedra	34	Pedaço retangular de ardósia com moldura no qual se escreve; lousa.
Phononimia	22	Cf. fononimia.
Pipa	393	Recipiente bojudo, geralmente feito de madeira, para armazenar líquidos, especialmente vinho.
Procusto	249	Personagem mitológico que, para fazer seus hóspedes caberem em sua cama, esticava-os, quando muito pequenos, ou amputava-lhes partes do corpo, quando muito grandes. Como havia duas camas, era impossível qualquer viajante ser do tamanho exato. Figurativamente, corresponde à intolerância.
Quaterno	66	Caderno.
Papelot	188	Pequeno pedaço de papel; folha de caderno.
Pataca	381	Antiga moeda de prata, da época em que o livro foi publicado, que valia 320 réis (cf.).
Pena	278	Tubo de madeira, metal etc., do tamanho aproximado de uma pena de ave, que serve de aparato para a escrita. Equivale à caneta ou ao lápis atual. [penna]
Penna	278	Cf. pena.
Proposição	115	Frase com verbo; oração.
Q.^m	235	Abreviatura de <i>quem</i> .
Regimen	38	Maneira de reger; no caso, regência verbal.
Regimens directo e indirecto	115	Complementos verbais, um dos quais precedido de preposição; objeto direto e indireto.
Real	381	Unidade monetária do Brasil, na época em que o livro foi publicado; as cédulas eram múltiplas e a moedas frações de mil réis.

Réis	381	Plural de real
Repugnado	17	Não aceito; recusado.
<i>Ridendo castigat mores</i>	323	Aforismo latino cuja tradução literal é “pelo riso se castigam os costumes”; seu preceito moral é o de que a ironia, a graça pode mudar os costumes enraizados mas anacrônicos. No caso desse texto, é mais propriamente o uso do humor como recurso didático.
Roto	295	Danificado; rasgado.
Sangue frio	272	Calma; tranquilidade
Scena	57	Momento de evolução de enredo; cena.
Utensil	276	Utensílio; instrumento.

Nos últimos anos, instaurou-se uma discussão a respeito da ortografia da língua portuguesa, por conta do acordo assinado por vários países lusófonos, entre os quais se encontra o Brasil. Toda a celeuma, levantada e debatida por especialistas e leigos, dá uma noção de como são complicadas as questões a respeito da língua e de sua ortografia.

O texto que ora se apresenta pode trazer para o leitor algumas dificuldades por causa da forma como se escrevem as palavras, já que se seguiu a ortografia da época, bem diferente da atual. O glossário que se aqui apresenta seria de dimensões muito maiores caso se optasse por inserir nele todas as palavras com grafia distinta da contemporânea. Acredita-se que essas grafias não dificultam a leitura do texto, se algumas informações básicas e gerais sejam apresentadas. Por isso, listam-se a seguir, com alguns exemplos, os mais comuns fenômenos gráficos que podem, de alguma maneira, dificultar a leitura, por não serem mais ocorrentes nos dias atuais, nem pelo novo acordo ortográfico, nem pelo sistema ortográfico imediatamente anterior.

Acredita-se que essas informações básicas, somadas à intuição do leitor competente, sanam os possíveis problemas de leitura que a grafia antiga pode gerar.

- Consoantes dobradas: immediato (p.26), fallar (p.26), appliação (p.30), efficaz (p.30), abbade (p.31), attenção (p.52).
- Consoantes não pronunciadas: acquisição, transcripção (p.27), alumno (p.27), methodo (p.29), comprehender (p.30), escripta (p.30), conjuncto (p.30), acções (p.36).
- Terminação ão por am: deixarião (p.27).

- ☐ H inicial: hespanhola (p.29),
- ☐ Plural aes por ais: materiaes (p.52).
- ☐ Acentuação distinta da atual: ha _ (p.29), habito (p.29), recúa (p.48), póde (p.31), préviamente (p.32).
- ☐ Ph por f: phononimia (p.22), physica (p.31).
- ☐ Y por i: physica (p.31), symetria (p.52).
- ☐ Ou por oi: cousas (p.34), biscouto (p.264).
- ☐ Éo por éu: chapéo (p.65).
- ☐ Ss ou s por ç: assucar (p. 56), dansa (p.36).
- ☐ Z por s: quizer (p.41).
- ☐ M por n, em final de sílaba: comtanto (p.46), emfim (p.51).
- ☐ Éa por eia: Idéa (p.37).
- ☐ Ch por x: Puchar (p.294)

Instituto Nacional de Educação de Surdos

Comissão Editorial

Rua das Laranjeiras, nº 232 – 3º andar

Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-003

Telefax: (0xx21) 2285-7284 / 2205-0224

E-mail: editorialines@ines.gov.br

ISBN 978-85-63240-04-0



9 78563 240040 >

INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA